

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP

MARIA APARECIDA LADEIRA DA CUNHA

**NARRATIVAS MIDIÁTICAS EM GRUPOS REFLEXIVOS DE GÊNERO
ESTUDO DE CASO DO GRUPO MEMOH**

São Paulo

2024

MARIA APARECIDA LADEIRA DA CUNHA

**NARRATIVAS MIDIÁTICAS EM GRUPOS REFLEXIVOS DE GÊNERO
ESTUDO DE CASO DO GRUPO MEMOH**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, para obtenção do título de Doutora em Comunicação, sob a orientação da Profa. Dra. Malena Segura Contrera.

Área de Concentração: Comunicação e Cultura Midiática

Linha de Pesquisa: Contribuições da Mídia para Interações entre Grupos Sociais

São Paulo

2024

Cunha, Maria Aparecida Ladeira da.

Narrativas midiáticas em grupos reflexivos de gênero: estudo de caso do grupo MEMOH / Maria Aparecida Ladeira da Cunha. - 2024.

142 f. : il. color. + CD-ROM.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2024.

Área de concentração: Contribuições da Mídia para a Interação entre Grupos Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Malena Segura Contrera.

1. Narrativas midiáticas. 2. Mediosfera. 3. Masculinidades. 4. Grupos reflexivos de gênero. 5. MEMOH. I. Contrera, Malena Segura (orientadora). II. Título.

MARIA APARECIDA LADEIRA DA CUNHA

**NARRATIVAS MIDIÁTICAS EM GRUPOS REFLEXIVOS DE GÊNERO
ESTUDO DE CASO DO GRUPO MEMOH**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, para obtenção do título de Doutora em Comunicação, sob a orientação da Profa. Dra. Malena Segura Contrera.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Malena Segura Contrera (Orientadora)
Universidade Paulista – UNIP

Profa. Dra. Issaaf Karhawi (Avaliadora)
Universidade Paulista – UNIP

Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva (Avaliador)
Universidade Paulista – UNIP

Prof. Dr. Jorge Miklos (Avaliador)
Instituto Freedom

Prof. Dr. Rodrigo Daniel Sanches (Avaliador)
Faculdade Belas Artes

Dedico este trabalho aos homens da minha vida: ao meu filho amado João, minha inspiração para esta pesquisa. Meu querido irmão André, minha referência masculina. E em memória do meu falecido pai, Salvador, que embora não o tenha conhecido, sempre se fez presente em minha vida, por meio de histórias incríveis e por nosso amor em comum pela fotografia.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte inesgotável de força e sabedoria, por guiar meus passos e iluminar meu caminho ao longo dessa jornada. Sem Sua presença constante, este trabalho não seria possível.

À minha mãe, pelo amor incondicional, pelo apoio em todos os momentos, e por ser meu exemplo de perseverança e coragem. A você, dedico cada conquista, pois sei que tudo o que sou e alcancei devo à sua dedicação e sacrifício.

Ao meu filho João, razão do meu viver, que com seu sorriso e carinho me motivou a seguir em frente mesmo nos momentos mais difíceis. Sua existência é minha maior inspiração e seu futuro, meu maior sonho.

A toda minha família, que esteve ao meu lado em todos os momentos, compartilhando alegrias e me oferecendo conforto nas dificuldades. A cada um de vocês, minha eterna gratidão por acreditarem em mim e me darem o suporte necessário para chegar até aqui.

À minha orientadora Malena, pela paciência, pela sabedoria compartilhada e pelo incentivo contínuo. Obrigada por me aceitar como sua orientanda. Suas orientações foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, e seu exemplo de excelência acadêmica será sempre uma referência em minha vida pessoal e profissional.

Aos amigos que estiveram ao meu lado, oferecendo palavras de encorajamento, apoio emocional e momentos de descontração que foram essenciais para manter o equilíbrio durante essa caminhada. A amizade de vocês é um dos meus maiores tesouros.

Aos colegas de pesquisa, com quem dividi dúvidas, descobertas e experiências. O aprendizado coletivo e a troca de conhecimentos foram enriquecedores e tornaram essa jornada mais leve e produtiva. Agradeço em especial aos colegas do Coletivo Despatriarcando. Vocês são incríveis!

Aos meus professores, que ao longo de toda a minha formação, contribuíram de forma significativa para o meu crescimento intelectual e profissional. Cada ensinamento, cada desafio proposto, foi crucial para o desenvolvimento das competências que hoje aplico com gratidão.

Aos meus alunos do UniDomBosco-RJ, que me desafiam a ser uma professora melhor a cada dia. Vocês são a razão pela qual continuo buscando o conhecimento e

a excelência. Ver o crescimento de vocês é uma das maiores recompensas da minha carreira e fonte constante de inspiração.

À Associação Educacional Dom Bosco, por todo o apoio e incentivo aos meus estudos, e a toda a equipe do Núcleo Integrado de Comunicação, pela cumplicidade e parceria na realização das atividades. Obrigada por entenderem e apoiarem as exigências desta jornada, muitas vezes sacrificando o convívio diário e compreendendo as minhas ausências. Agradeço pelas palavras de incentivo e por sempre estarem dispostos a ajudar.

Ao Grupo E agora, José?, em especial ao Flávio Urra, pela oportunidade de fazer parte da 8ª turma do curso “Gênero e Masculinidades”. Foi um divisor de águas na trajetória desta pesquisa.

Ao Grupo MEMOH, pela oportunidade e por todo conhecimento adquirido. Acompanhar o trabalho do grupo e ouvir as discussões durante as rodas de conversa nos podcasts reforçou a esperança em acreditar no processo de ressignificação das masculinidades possíveis e necessárias.

À CAPES/PROSUP, por acreditar e apoiar financeiramente minha pesquisa.

E, finalmente, a todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa jornada, meu sincero agradecimento. A realização deste trabalho é fruto de uma construção coletiva, onde cada contribuição, por menor que seja, teve um impacto profundo e significativo.

As mulheres não devem mais se questionar, se torturar a respeito de suas escolhas de vida, se justificar a todo momento, se exaurir, conciliando trabalho, maternidade, vida familiar e lazer. Os homens é que devem recuperar o atraso na marcha do mundo. Eles é que devem se interrogar sobre o masculino, sem subscrever à mitologia do herói dos tempos modernos, que merece uma medalha porque aprendeu a usar a máquina de lavar roupa. Essa introspecção não terá sentido algum, nem eficácia alguma, sem a colaboração de toda a sociedade, em todos os âmbitos – legislação, fisco, proteção social, organização do trabalho, cultura empresarial, civilidade amorosa, educação familiar, pedagogia, ensino, maneiras de viver juntos. (Jablonka, 2021, p. 15)

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema as novas narrativas midiáticas em grupos reflexivos de gênero, no processo de resignificação das masculinidades contemporâneas, tendo como corpus de análise as ações realizadas pelo Grupo MEMOH, um ecossistema de educação e conteúdo que oferece a homens a possibilidade de refletirem, em conjunto, sobre seu comportamento por meio de grupos reflexivos, produção de conteúdo e serviços de consultoria voltados para o ambiente corporativo. O recorte escolhido para a presente pesquisa são os conteúdos online produzidos e veiculados pelo MEMOH, publicados em suas redes sociais digitais, durante o ano de 2023. O grupo reflexivo de gênero MEMOH tem como propósito a promoção da equidade de gênero e o incentivo ao homem a refletir sobre seu modo de agir consigo, com o outro e com a sociedade. A pesquisa busca responder à questão central: como o Grupo Reflexivo MEMOH atua na proposição da resignificação das masculinidades por meio de novas narrativas midiáticas e de seus canais digitais de comunicação? O objetivo principal da pesquisa visa investigar como o Grupo Reflexivo de Gênero MEMOH atua na resignificação das masculinidades, analisando conteúdos específicos relacionadas às masculinidades, com foco nos novos sentidos construídos, que vão se contrapor ao patriarcado e à misoginia. A hipótese central sugere que a comunicação dentro de grupos de apoio, quando alinhada às novas formas e conteúdo das narrativas midiáticas contemporâneas, desempenha um papel crucial na desconstrução dos estereótipos associados à masculinidade hegemônica. Essa comunicação, ao incorporar e promover uma maior diversidade de representações, contribui para a ampliação das perspectivas sobre as identidades masculinas, abordando questões relevantes relacionadas ao gênero e à interseccionalidade. Além disso, a hipótese enfatiza que a exposição a representações midiáticas variadas, que englobam pautas atuais de grande relevância, está positivamente correlacionada com uma maior flexibilidade na construção das identidades masculinas. A pesquisa é de base fenomenológica e a metodologia é estudo de caso, por meio de observação e coleta de dados na internet, e revisão bibliográfica. A partir do cruzamento de vários olhares teóricos a respeito de comunicação e narrativas (Baitello Jr., 2005, 1999), imaginário midiático ou mediosfera (Contrera, 2013, 2010, 2000), gênero (Butler, 1990; Scott, 1990), interseccionalidade (Akotirene, 2019; Vigoya, 2018) e masculinidades contemporâneas (Connell, 2013, 1995; Jablonka, 2021), pretende-se analisar as narrativas midiáticas presentes nos meios de comunicação digitais como ferramentas para a construção das novas masculinidades.

Palavras-chave: Narrativas midiáticas; Mediosfera; Masculinidades; Grupos reflexivos de gênero; MEMOH.

ABSTRACT

This research focuses on the new media narratives in gender reflective groups, within the process of re-signifying contemporary masculinities, using the actions conducted by the MEMOH Group as the corpus of analysis. MEMOH is an ecosystem of education and content that offers men the opportunity to reflect collectively on their behavior through reflective groups, content production, and consulting services aimed at the corporate environment. The selected scope for this research includes the online content produced and disseminated by MEMOH, published on its digital social networks during the year 2023. The purpose of the MEMOH gender reflective group is to promote gender equity and encourage men to reflect on their behavior towards themselves, others, and society. The research seeks to answer the central question: How does the MEMOH Reflective Group contribute to the re-signification of masculinities through new media narratives and its digital communication channels? The main objective of the research is to investigate how the MEMOH Gender Reflective Group works towards the re-signification of masculinities, analyzing specific content related to masculinities, focusing on the new meanings constructed that oppose patriarchy and misogyny. The central hypothesis suggests that communication within support groups, when aligned with new forms and content of contemporary media narratives, plays a crucial role in deconstructing stereotypes associated with hegemonic masculinity. This communication, by incorporating and promoting a greater diversity of representations, contributes to broadening perspectives on male identities, addressing relevant issues related to gender and intersectionality. Additionally, the hypothesis emphasizes that exposure to varied media representations, encompassing current and highly relevant topics, is positively correlated with greater flexibility in the construction of male identities. The research is phenomenological in nature, and the methodology is a case study, through observation and data collection on the internet, as well as a literature review. By intersecting various theoretical perspectives on communication and narratives (Baitello Jr., 2005, 1999), media imaginary or mediosphere (Contrera, 2013, 2010, 2000), gender (Butler, 1990; Scott, 1990), intersectionality (Akotirene, 2019; Vigoya, 2018), and contemporary masculinities (Connell, 2013, 1995; Jablonka, 2021), the aim is to analyze the media narratives present in digital communication channels as tools for constructing new masculinities.

Keywords: Media narratives; Mediosphere; Masculinities; Gender reflective groups; MEMOH.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 - Webinar promovida pela OAB-SP para lançamento do MeToo Brasil.....	38
Figura 2 - Live promovida pela UFRGS para o manifesto “Vidas Negras Importam” ...	39
Figura 3 - Capacitação da Metodologia de Grupos Reflexivos de Gênero.....	59
Figura 4 - Convite para Formatura da 7ª turma do curso de Gênero & Masculinidades.....	63
Figura 5 - Página principal do site “Papo de Homem”	65
Figura 6 - Postagem no Instagram do PdH, sobre o projeto Meninos sonhando os homens do futuro.....	66
Figura 7 - Linktree do PdH, com acesso aos materiais produzidos.....	67
Figura 8 - Capa do Documentário “Silêncio dos Homens”	68
Figura 9 - Comentários no Youtube sobre o documentário “Silêncio dos Homens”	69
Figura 10 - Grupo Resignificando Masculinidades.....	70
Figura 11 - Postagens do Grupo Resignificando Masculinidades no Instagram.....	71
Figura 12 - Roda de Conversa.....	74
Figura 13 - Portal MEMOH.....	75
Figura 14 - PodCast MEMOH - #011 Grupos Reflexivos para Homens.....	76
Figura 15 - Instagram Grupo MEMOH.....	77
Figura 16 - Linktree do Grupo MEMOH.....	78
Figura 17 - Instagram Grupo MEMOH.....	79
Figura 18 - Roda de Conversa.....	80
Figura 19 - Serviços oferecidos pelo MEMOH para ambientes corporativos.....	82
Figura 20 - Clientes atendidos pelo MEMOH.....	83
Figura 21 - Reportagem sobre masculinidades na Globo News.....	86
Figura 22 - Membros do Grupo MEMOH na Reportagem sobre masculinidades.....	87

Figura 23 - Reportagem no Portal Isto É.....	88
Figura 24 - Matéria publicada no portal Meio e Mensagem.....	89
Figura 25 - Anúncio da Natura quebra estereótipo do pai não afetivo.....	90
Figura 26 - Postagens no Instagram do MEMOH.....	91
Figura 27 - Postagens no LinkedIn do MEMOH.....	92
Quadro 1 - Cronograma dos conteúdos produzidos em 2023.....	94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I – COMUNICAÇÃO E NARRATIVAS MIDIÁTICAS	21
1.1 A comunicação como vínculo	22
1.2 Resiliência e Ressignificação	26
1.3 Narrativas e produção de sentido	31
CAPÍTULO II – DO FEMINISMO ÀS MASCULINIDADES CONTEMPORÂNEAS, UM CAMINHO DE RESSIGNIFICAÇÃO	40
2.1 Mulheres em movimento – do feminismo às novas masculinidades	42
2.2 Gênero como categoria de análise	49
2.3 Interseccionalidades	50
2.4 Homens em movimento – Grupos Reflexivos de Gênero	55
2.4.1 Instituto NOOS e a metodologia de trabalho dos grupos reflexivos	57
2.4.2 Novos formatos de grupos reflexivos de gênero	60
CAPÍTULO III – GRUPO MEMOH – ESTUDO DE CASO	71
3.1 MEMOH e seu ecossistema	72
3.1.1 MEMOH e os grupos reflexivos.....	77
3.1.2 MEMOH nas empresas.....	80
3.2 MEMOH e suas narrativas midiáticas	81
3.2.1 MEMOH na mídia.....	83
3.2.2 MEMOH nas redes sociais digitais.....	88
3.2.3 PodCast	91
3.3 Estudo de caso	91
3.3.1 Apresentação	91
3.3.2 Metodologia.....	94
3.3.3 Análise dos PodCasts: um breve resumo dos episódios.....	95
3.3.3.1 “Se passou, passou”	97
3.3.3.2 “A confiança como premissa pro cuidado”	98
3.3.3.3 Ressentimento entre pais e filhos (parte 1)	98
3.3.3.4 Ressentimento entre pais e filhos (parte 2)	99
3.3.3.5 Saúde do homem	99
3.3.3.6 Saúde mental do homem.....	100
3.3.4 Discussão.....	101
3.3.5 Conclusão	102
3.4 Proposição de Manual de Comunicação como contribuição da pesquisa	103

CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS.....	108
APÊNDICES	113
Apêndice 1	113
Apêndice 2.....	121
Apêndice 3.....	124
Apêndice 4.....	128
Apêndice 5.....	133
Apêndice 6.....	136
Apêndice 7.....	139

INTRODUÇÃO

Os seres humanos são moldados e constituídos pelas relações que estabelecem ao longo de suas vidas, refletindo sua natureza intrinsecamente social. Desde o nascimento, os indivíduos são inseridos em uma rede complexa de interações que desempenha um papel fundamental em seu desenvolvimento e formação de identidade. Conforme argumenta Zimmerman (1997, p. 26), “o ser humano é gregário e somente existe em função de seus inter-relacionamentos grupais. Sempre, desde o nascimento, o indivíduo participa de diferentes grupos”. Este ponto de vista enfatiza que a existência humana está intrinsecamente ligada às relações interpessoais e aos grupos que integramos.

No cotidiano, os indivíduos pertencem a uma variedade de grupos informais, como a família, amigos e colegas de trabalho. Esses grupos desempenham funções cruciais no bem-estar emocional e social dos indivíduos, oferecendo suporte, compartilhando experiências e moldando comportamentos e perspectivas. Além desses grupos informais, existem também grupos estruturados com propósitos específicos, frequentemente coordenados por profissionais especializados e orientados para objetivos definidos. Esses grupos podem ser categorizados de diversas maneiras, dependendo de suas finalidades e da abordagem metodológica adotada para sua organização.

Grupos terapêuticos, por exemplo, são formados com o objetivo de promover a cura e o crescimento pessoal. Eles oferecem um espaço seguro para a discussão de questões emocionais e psicológicas, facilitando o processo de recuperação e desenvolvimento pessoal. Grupos operacionais, por sua vez, são voltados para a execução de tarefas específicas e a resolução de problemas práticos, sendo comumente encontrados em ambientes corporativos e educacionais. Já os grupos de apoio proporcionam assistência e suporte mútuo entre os participantes, abordando desafios comuns, como os encontrados em grupos de apoio a dependentes químicos ou de suporte a cuidadores. Grupos reflexivos incentivam a introspecção e a análise crítica das experiências vividas, promovendo o autoconhecimento e o crescimento pessoal. Finalmente, grupos de orientação auxiliam os indivíduos na tomada de decisões informadas e no planejamento de suas trajetórias, oferecendo conselhos e diretrizes baseados em conhecimentos especializados.

Cada uma dessas categorias de grupos desempenha um papel significativo na facilitação de objetivos comuns, na promoção da coesão social e no desenvolvimento pessoal e profissional dos indivíduos. A diversidade e a complexidade das relações grupais ressaltam a importância das conexões sociais na experiência humana, sublinhando o papel essencial dos grupos no contexto social e psicológico.

Os grupos reflexivos de gênero representam um exemplo significativo desses dispositivos estruturados. Eles oferecem uma plataforma para a criação de novos modos de relacionamento e para a construção de significados inovadores sobre diversos aspectos da vida dos participantes. Fernandes (2002) elucida que, à medida que se estabelece a dinâmica grupal, os profissionais se aproximam dos aspectos cotidianos dos participantes, que gradualmente são transcendidos em sua imediatez. A integração e a comunicação dentro do grupo criam um campo de diálogo e de trocas interpessoais. Fernandes (2002, p. 46) descreve que, na relação de reciprocidade que se consolida, ocorre um fenômeno denominado “ressonância”, que se refere à troca de sentimentos e ao compartilhamento de emoções comuns. Este fenômeno ocorre quando uma fala ressoa nos outros e estes interagem com base no significado exposto por alguém.

Nos grupos reflexivos, conteúdos pessoais são compartilhados, e identificações e vínculos se estabelecem através do diálogo grupal. Pedrosa e Brigagão (2014, p. 223) observam que, sob uma perspectiva construcionista social, as práticas grupais são vistas como métodos para refletir, questionar e desconstruir conteúdos disseminados socialmente de forma natural. Em tais grupos, “o que antes era uma experiência individual de dor e humilhação passa, no compartilhamento social, a ser um exemplo de resistência”.

As interações e os vínculos formados nos encontros grupais promovem deslocamentos de sentidos e reflexões, possibilitando novos posicionamentos. Os efeitos desses grupos transcendem o espaço-tempo de seus encontros. Eles têm o potencial de gerar transformações que se estendem para outros contextos da vida dos participantes, impactando diversas esferas das suas experiências sociais e pessoais.

A análise da comunicação e das narrativas produzidas dentro e fora desses grupos revela como as práticas contribuem para a formação e a mudança de identidades, valores e comportamentos ao longo do tempo. A visibilidade midiática dessas experiências e resistências possuem o potencial de fortalecer a voz dos grupos e fomentar uma maior compreensão e empatia por parte da sociedade. O

acompanhamento das narrativas produzidas pelos grupos, portanto, não só revela processos internos de transformação, mas também ilustra como essas mudanças podem reverberar e influenciar a sociedade em um nível mais amplo.

A presente tese encontra-se inserida no campo da Comunicação Social, na área das Ciências Sociais Aplicadas, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista – UNIP, na linha de pesquisa “Contribuições da Mídia para a Interação entre Grupos Sociais”. A Pesquisa está alinhado ao Grupo de Pesquisa Mídia e Imaginário.

O estudo se concentra na análise das novas narrativas midiáticas no processo de ressignificação das masculinidades contemporâneas, tendo como corpus de análise as ações realizadas pelo Grupo MEMOH, um ecossistema de educação e conteúdo que oferece a homens a possibilidade de refletirem, em conjunto, sobre seu comportamento por meio de grupos reflexivos, produção de conteúdo e serviços de consultoria voltados para o ambiente corporativo. O recorte escolhido para a presente pesquisa são os conteúdos online produzidos e veiculados pelo MEMOH, publicados em suas redes sociais digitais LinkedIn¹ e Instagram², durante o ano de 2023.

O grupo reflexivo de gênero MEMOH tem como propósito a promoção da equidade de gênero e o incentivo ao homem a refletir sobre seu modo de agir consigo, com o outro e com a sociedade. O grupo se apresenta como “uma rede de acolhimento entre homens incomodados com o comportamento, que são condicionados a seguir para serem vistos como ‘homens de verdade’”. Eles promovem encontros gratuitos para o público em geral e atuam como multiplicadores, incentivando as pessoas a montarem seus próprios grupos reflexivos MEMOH, seguindo sua metodologia de trabalho. O grupo também oferece serviços exclusivos para empresas, organizações e instituições. Esses serviços são reservados para abordar o tema de masculinidades e envolver homens nas questões de gênero dentro dos ambientes corporativos.

Após uma análise abrangente sobre as diversas pesquisas voltadas para as questões femininas, desenvolvidas durante o Mestrado em Comunicação e Cultura Midiática (PPGCOM UNIP-SP), tornou-se evidente a necessidade de compreender igualmente as questões relacionadas às masculinidades. A relação intrincada entre o movimento feminista e a evolução das pesquisas sobre as masculinidades reforça a crescente conscientização sobre a necessidade de redefinir os papéis e as

¹ MEMOH. Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/memoh/>

² MEMOH. Disponível em: <https://www.instagram.com/projeto.memoh/>

expectativas associadas aos homens na sociedade. Esse diálogo entre feminismo e masculinidades trouxe mudanças significativas na percepção do que significa ser um homem na contemporaneidade.

A revisão do estado da arte revelou que as pesquisas dedicadas aos estudos das masculinidades ainda são relativamente escassas. De acordo com o Banco de Teses do Portal Capes³, em 9 de março de 2024, foram registradas até esta data 20.610 pesquisas sobre o assunto, incluindo mestrado e doutorado em áreas distintas. Quando o recorte é feito para a área de Comunicação, das 20.610 teses e dissertações depositadas, apenas 117 contemplam este tema.

Diante desse contexto, o presente estudo se propõe a preencher uma lacuna na literatura ao analisar de maneira aprofundada a relação entre as novas narrativas midiáticas e a produção de conteúdo de grupos reflexivos de gênero - nesse caso específico, o grupo MEMOH - na busca de evidenciar os novos sentidos que estão sendo produzidos por meio de suas ações de comunicação, na construção da ressignificação das identidades masculinas.

Em termos de relevância social e científica, a pesquisa visa contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária, ao examinar como os grupos reflexivos e as novas narrativas midiáticas podem ser utilizados como ferramentas eficazes para promover mudanças positivas na construção da identidade masculina e na prevenção da violência de gênero. Além disso, ao investigar o papel das narrativas midiáticas na ressignificação das masculinidades, o estudo proporcionará insights críticos sobre o impacto da mídia na promoção da diversidade e na desconstrução de estereótipos de gênero. Finalmente, a pesquisa busca responder à questão central: como o Grupo Reflexivo MEMOH atua na proposição da ressignificação das masculinidades por meio de novas narrativas midiáticas e de seus canais digitais de comunicação?

O objetivo principal da pesquisa visa investigar como o Grupo Reflexivo de Gênero MEMOH atua na ressignificação das masculinidades, analisando conteúdos específicos relacionados às masculinidades, com foco nos novos sentidos construídos, que vão se contrapor ao patriarcado e à misoginia.

Com base nos objetivos e no problema de pesquisa apresentados, são projetadas hipóteses que buscam explorar a ressignificação das masculinidades por meio de grupos reflexivos de gênero. A hipótese central sugere que a comunicação

³ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>

dentro de grupos de apoio, quando alinhada às novas formas e conteúdos das narrativas midiáticas contemporâneas, desempenha um papel crucial na desconstrução dos estereótipos associados à masculinidade hegemônica. Essa comunicação, ao incorporar e promover uma maior diversidade de representações, contribui para a ampliação das perspectivas sobre as identidades masculinas, abordando questões relevantes relacionadas ao gênero e à interseccionalidade.

Além disso, a hipótese enfatiza que a exposição a representações midiáticas variadas, que englobam pautas atuais de grande relevância, está positivamente correlacionada com uma maior flexibilidade na construção das identidades masculinas. Tal flexibilidade, por sua vez, facilita o processo de ressignificação das masculinidades, permitindo que os indivíduos reavaliem e reformulem suas concepções tradicionais sobre o que significa ser homem na sociedade contemporânea. Dessa forma, os grupos reflexivos de gênero, ao funcionarem como espaços de diálogo e reflexão crítica, tornam-se fundamentais na promoção de mudanças significativas nas representações e vivências das masculinidades, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

A partir do cruzamento de vários olhares teóricos a respeito de comunicação e narrativas (Baitello Jr., 2005,1999), imaginário midiático ou mediosfera (Contrera, 2013, 2010, 2000), gênero (Butler, 1990; Scott, 1990), interseccionalidade (Akotirene, 2019; Vigoya, 2018) e masculinidades contemporâneas (Connell, 2013, 1995; Jablonka, 2021), pretende-se analisar as narrativas midiáticas presentes nos meios de comunicação digitais como ferramentas para a construção das novas masculinidades.

A estrutura da tese foi dividida em três partes. O capítulo 1 aborda a temática *Comunicação e Novas Narrativas Midiáticas*, explorando a comunicação como um vínculo essencial na construção de relações sociais e na mediação das experiências humanas. Inicialmente, discute-se como a comunicação funciona como um elemento fundamental para a coesão social, facilitando o compartilhamento de ideias e valores que sustentam o tecido social. Em seguida, o capítulo analisa a relação entre comunicação, resiliência e ressignificação, enfatizando como os processos comunicacionais permitem que indivíduos e comunidades enfrentem desafios e transformem suas realidades, adaptando-se a novas circunstâncias. Por fim, a discussão se voltará para as narrativas midiáticas, destacando seu papel na ressignificação das identidades e na produção de sentido. São examinadas as formas

como a mídia constrói e dissemina narrativas que influenciam percepções e comportamentos, contribuindo para a formação de novas compreensões sobre o mundo e as identidades sociais. Este capítulo estabelece as bases teóricas e conceituais necessárias para entender a complexidade da comunicação nas sociedades contemporâneas, especialmente no contexto das mudanças trazidas pelas novas mídias.

O segundo capítulo faz uma breve revisão histórica do patriarcado, apresentando uma revisão bibliográfica sobre as masculinidades contemporâneas como um processo em evolução, abordando a influência das correntes feministas, bem como as questões de gênero e a aplicação do conceito de interseccionalidade.

Ao incluir o conceito de interseccionalidade, reconhecendo que as experiências masculinas são moldadas não apenas pelo gênero, mas também por outros fatores, como raça, classe, orientação sexual, entre outros marcadores, a pesquisa busca analisar como as masculinidades contemporâneas devem ser compreendidas em um contexto mais amplo, levando em consideração as interações complexas entre diversas identidades. A abordagem interseccional promove uma visão mais completa e inclusiva das experiências masculinas na sociedade.

O capítulo busca estabelecer a base para a exploração das mudanças em curso nas concepções de masculinidade na sociedade contemporânea. Ao considerar as influências do feminismo, as questões de gênero e a interseccionalidade, o estudo avança para uma análise mais aprofundada das novas dinâmicas e desafios enfrentados no processo de resignificação das masculinidades.

No terceiro capítulo é apresentado o estudo de caso do Grupo Reflexivo MEMOH e seu papel na promoção de novas narrativas midiáticas. São exploradas as formas de produção de conteúdo nestes grupos e a análise dos materiais veiculados. É nesse capítulo que o corpus de análise é apresentado, investigando uma variedade de formas de mídia, como anúncios, filmes, podcasts, conteúdo online, artigos de opinião e discussões nas redes sociais digitais LinkedIn e Instagram, durante o ano de 2023.

O capítulo inicia com a apresentação do Grupo Reflexivo MEMOH, um espaço online que promove a reflexão crítica sobre questões das masculinidades. O grupo serve como uma plataforma para troca de ideias, discussões construtivas e reflexões coletivas, oferecendo um ambiente participativo para o desenvolvimento de novas perspectivas. É nesse capítulo que são analisadas as narrativas midiáticas que

ressignificam as masculinidades na mídia contemporânea, com ênfase nas ações realizadas pelo Grupo MEMOH.

No contexto do Grupo Reflexivo MEMOH, os membros se envolvem ativamente na produção de novas narrativas midiáticas. Eles colaboram na criação de conteúdo que desafia narrativas tradicionais ou estereotipadas, abordando questões variadas, desde política até cultura popular. Essas novas narrativas são frequentemente voltadas para promover uma visão mais crítica e diversificada dos eventos contemporâneos, com um foco especial na mídia e sua influência.

Espera-se que esta pesquisa contribua para a análise sobre as masculinidades contemporâneas, por meio de observação e análise da produção de sentido e das práticas comunicacionais de grupos reflexivos que se propõem a ressignificar as masculinidades. Apesar do machismo estrutural que ainda é (e o será por muito tempo) determinante na sociedade, há uma potência de ressignificação das masculinidades em homens que buscam novos modos de ser: O desafio dos homens não é ajudar as mulheres a se tornarem independentes, mas mudar o masculino para que este não as subjugue (Jablonka, 2021, p. 15).

CAPÍTULO I – COMUNICAÇÃO E NARRATIVAS MIDIÁTICAS

Estar em sociedade significa estar envolto, protegido, poder ter os outros indivíduos como prolongamento do próprio organismo, na medida em que o coletivo proporciona o revezamento, a especialização, a força reunida e multiplicada, o trabalho dividido e muitas outras vantagens. Sem o coletivo, a espécie humana teria provavelmente sucumbido diante de tantas outras espécies mais fortes, mais velozes, maiores. E o instrumento mais importante para a sobrevivência de um coletivo é uma língua tão precisa quanto possível (Baitello Jr., 1997, p. 30).

Em seu livro *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*, Zygmunt Bauman (2003) explora o conceito de comunidade em um contexto contemporâneo, em que as questões de segurança e liberdade se entrelaçam de maneira complexa. Bauman (2003) investiga a ideia de comunidade como um lugar de calor, conforto e segurança, contrastando-a com a realidade muitas vezes fria e insegura da vida moderna. Ele conclui que, apesar dos desafios, a busca por comunidade é uma característica inerente à condição humana. O equilíbrio entre segurança e liberdade, reconhecimento e redistribuição, diversidade e coesão são questões centrais para a formação de vínculos comunitários sólidos e duradouros.

Baitello Jr. (1997) defende que a comunicação é o alicerce sobre o qual as sociedades constroem seus vínculos. Na antiguidade, a pólis grega representava o espaço onde os cidadãos se reuniam para discutir e decidir sobre questões públicas. Essas interações diretas eram fundamentais para a coesão social e a construção de identidades coletivas. Contudo, com o crescimento populacional e a complexidade crescente das sociedades, esses espaços tornaram-se insuficientes.

No século XX, especialmente após as grandes guerras, a urbanização acelerada e o aumento demográfico exponencial colocaram à prova as formas tradicionais de comunicação. As cidades, agora superpopulosas, não podiam mais suportar a comunicação face a face como principal meio de interação social. Os pequenos grupos, que antes eram eficientes em promover a coesão social, tornaram-se menos eficazes. A fragmentação das comunidades locais e a mobilidade social crescente exigiram novas formas de vinculação.

A mídia emergiu como a solução para essa crise de comunicação. Desde o advento do jornal impresso no século XVII, a mídia começou a ocupar o vácuo deixado

pela falência dos espaços tradicionais de interação. O jornal, com sua capacidade de alcançar um grande público, permitiu a disseminação de informações e ideias. O rádio e, posteriormente, a televisão, ampliaram ainda mais essa capacidade, permitindo que mensagens fossem transmitidas simultaneamente para milhões de pessoas.

A mídia não apenas preencheu o vazio comunicacional, mas também se estabeleceu como um poder central na formação de opiniões e na manipulação da informação. A mídia de massa tornou-se a “nova ágora”, mas com a diferença crucial de ser controlada por poucos e acessível a muitos. Isso resultou em uma dinâmica onde a informação podia ser direcionada e manipulada para servir a interesses específicos, muitas vezes desarticulando pequenos grupos e enfraquecendo os vínculos comunitários tradicionais.

1.1 A comunicação como vínculo

Segundo o Dicionário de Comunicação, o conceito “vínculo” pode ser definido como:

(loc.nom.m.) **Etim.:** vínculo, do lat. *vinculu*, tudo o que serve para atar, ligar ou apertar, laço, nó, liame. **Etologia.** A etologia é uma das áreas que se ocupa da questão do vínculo. Boris Cyrulnik, etólogo e psiquiatra, propõe a radicalidade do vínculo para a condição humana ao dizer que “não pertencer a ninguém é não se tornar ninguém” (Cyrulnik, 1995, p. 75). **Teoria da Complexidade.** A Teoria da Complexidade, proposta por Edgar Morin, apoiando-se nos estudos dos sistemas vivos, ressalta a natureza relacional dos seres humanos, que precisam estabelecer trocas constantes com o meio ambiente em que vivem (biológico, emocional, psicológico e social). Para Morin, os seres humanos alimentam-se dessas trocas, o que reforça sua natureza relacional e os torna seres vinculantes, especialmente se considerarmos que o seu processo de amadurecimento é mais longo do que o de outras espécies, gerando uma acentuada dependência prolongada em relação ao meio social. **Psicologia.** O vínculo é um dos temas centrais para a psicologia. James Hillman trata o tema aproximando-o do termo necessidade. Ele afirma que grande parte das vezes quando queremos nos sentir autônomos somos acometidos de um sentimento de peso, uma agonia por causa dessa condição de vinculados, que, no entanto, é uma condição psicológica intrínseca ao ser humano (Contrera, 2014, p. 458).

Ao analisar a questão do vínculo relacionado à informação e à comunicação, Baitello Jr. traz uma contribuição significativa quando propõe a importância dos vínculos, afirmando que “vincular significa ‘ter ou criar um elo simbólico ou material’, constituir um espaço (ou um território) comum, a base primeira para a comunicação”.

(Baitello Jr., 1997, p. 87). Esse vínculo proporciona sentido e estabelece uma relação de identidade.

Considerando vínculo “a base primeira para a comunicação”, passa a ser uma das questões centrais dos estudos sobre a comunicação humana. Contrera (2014, p.459) afirma que “é a desconsideração do papel do vínculo para a comunicação que colabora para a manutenção de uma visão empobrecida sobre o processo comunicativo, muitas vezes conferindo às trocas de informação seu aspecto central”.

Ainda vemos, nos estudos da comunicação, uma confusão entre teorias da informação e teorias da comunicação, sendo que as primeiras se ocupam normalmente de aspectos funcionais e instrumentais das trocas informativas, alinhando-se muitas vezes aos estudos da cibernética, enquanto a segunda deveria se ocupar dessa dimensão complexa da constituição e dinâmica dos vínculos comunicativos. Isso estabeleceria uma clara distinção entre os papéis de informar e comunicar, hoje usualmente confundidos (Contrera, 2014, p.459).

Para Contrera (2014), ao considerarmos os processos de vinculação, lançamos um novo sentido às relações comunicativas, evitando uma concepção de que trocas comunicativas se assemelham a meras relações comerciais e instrumentais, chamando a atenção para a importância dos processos de significação constituídos nessas relações.

Nesse sentido também podemos considerar a contribuição do estudo dos vínculos comunicativos para um alargamento da compreensão sobre os meios de comunicação, entendendo-os como espaços (físico ou simbólicos) nos quais essa rede de vinculação deve operar numa escala socialmente maior do que a comunicação interpessoal, e refletindo sobre se esses meios têm ou não, de fato, desempenhado esse papel, ou se se tornaram meros espaços funcionais por onde transitam informações assépticas e vazias de sentido, apenas quantitativa e mercadologicamente consideradas (Contrera, 2014, p.459).

Os processos de vinculação oferecem uma perspectiva mais complexa sobre as relações comunicativas, distanciando-as de uma visão reducionista que as equipara a meras trocas comerciais ou instrumentais. Ao enfatizar os processos de significação que emergem dessas interações, reconhece-se que a comunicação transcende a simples transferência de informações, envolvendo uma dimensão simbólica que é fundamental para a construção de sentido e para a formação de laços sociais. Dessa forma, os vínculos comunicativos não apenas conectam indivíduos, mas também estruturam as bases culturais e identitárias que sustentam as

comunidades, destacando a comunicação como um processo intrinsecamente humano e essencial para as relações sociais.

Nesse contexto, o estudo dos vínculos comunicativos amplia a compreensão sobre os meios de comunicação. Esse olhar crítico nos leva a questionar se eles têm efetivamente desempenhado seu papel, ou se, ao contrário, se tornaram meros veículos funcionais, caracterizados pela circulação de informações desprovidas de profundidade e significado. A reflexão sobre essa questão é crucial para entender o impacto da comunicação na sociedade contemporânea, e para avaliar o potencial dos meios de comunicação em promover uma verdadeira conexão social, em vez de apenas perpetuar lógicas quantitativas e mercadológicas que esvaziam a comunicação de seu valor simbólico e cultural.

Contamos necessariamente com a interação social, com as trocas comunicativas que somos capazes de estabelecer com o meio social, numa prática de arbitragem de um universo de significação comum. Precisamos dos outros para que, dessa relação, consigamos formar uma noção do que é a realidade; realidade essa, em última instância, sempre partilhada. Não podemos prescindir dessas relações. Somos essencialmente gregários e necessariamente comunicantes (Contrera, 2014, p.459).

Contrera (2002) enfatiza que qualquer concepção de realidade humana é indissociável do papel central que a cultura e os processos de comunicação social exercem em sua constituição. Ela argumenta que, como sistemas vivos, nossa principal característica é sermos sistemas abertos, o que nos torna inerentemente relacionais e interdependentes, sempre expostos a influências ambientais, tanto naturais quanto sociais. Essas influências podem gerar crises, que, por sua vez, demandam constantes processos de reorganização.

Para Contrera (2002), esse processo, que define nossa hipercomplexidade, faz com que nos demoremos mais nos estágios de desenvolvimento em comparação a outros seres vivos. “Com isso, ficamos, conseqüentemente, mais dependentes dos cuidados do grupo, o que reforça nosso caráter gregário”. Ela afirma ainda que essa constante reorganização de um volume crescente de informações demanda um tempo de vida mais longo até que possamos alcançar o que poderia ser considerado a maturidade da espécie, ainda que essa maturidade represente um contínuo processo de interação e adaptação.

Somos seres irremediavelmente fadados a uma necessidade de pertencência que gera, conseqüentemente, uma necessidade de aceitação. Somos, enfim, eternos necessitados. Precisamos de uma enorme quantidade e variedade de vínculos biofísioquímicos para viver, e de uma quantidade e variedade maiores ainda de vínculos sociais para continuarmos vivos; vínculos capazes de nos nutrir, que possam alimentar suficientemente nosso sistema. Esses vínculos, como sabemos, são a matéria-prima de toda a comunicação humana, as veias por onde circulam as informações, e que garantem a sobrevivência do indivíduo e do grupo (Contrera, 2002, p. 41).

Todorov (1996, p. 122) nos diz que é preciso “admitir, a um só tempo, a própria sociabilidade e a subjetividade do outro, aceitar o você como simultaneamente semelhante e complementar ao eu”. E a necessidade desse reconhecimento se dá porque, segundo o autor: “Não é apenas tal ou tal faceta de nosso ser que é social, é toda a existência humana” (1996, p. 151).

“Não pertencer a ninguém é não se tornar ninguém” (Cyrulnik, 1995, p. 75). Portanto, a interdependência é uma necessidade, especialmente frente à nossa crescente complexidade. Para Baitello Jr. (1997), “é preciso que os indivíduos de uma sociedade sejam capazes de dispor de uma rede de comunicação social que garanta a eficácia desse sistema de trocas”. O que vale dizer que, mais do que nunca, a comunicação e seus meios passam a desempenhar um papel central no próprio processo vital de vinculação humana. É de extrema importância refletir sobre esse papel mediador e sobre a qualidade da mediação de que se valem nossas sociedades.

A capacidade imaginativa – e o universo da linguagem – desde o início foi um trunfo humano frente à impotência de nosso destino mortal. Enquanto imaginamos, estamos vivos. É por isso que os processos de geração de imagens são de extrema relevância, em especial das imagens sociais, partilhadas e vinculadoras (Contrera, 2002, p. 43).

A importância dos vínculos para a humanidade é fundamental tanto na formação de um imaginário cultural quanto na construção de uma organização social, sendo ambas as dimensões essenciais para a sobrevivência humana. Isso coloca em evidência a questão central dos processos comunicativos nas sociedades contemporâneas, especialmente no que diz respeito aos tipos de vínculos sociais necessários para que a sociedade se conecte, utilizando, para isso, códigos partilhados. À medida que os meios de comunicação se tornam o principal ponto de referência, reunindo pessoas em torno de si, eles adquirem um “poder emblemático” (Contrera, 2002, p. 49).

A relevância desse território compartilhado, atualmente representado de forma predominante pela mídia, se torna evidente quando entendemos que essa operação territorial é o elemento inicial que define a identidade de um grupo e viabiliza o estabelecimento dos vínculos compartilhados por seus membros. Os meios de comunicação são fundamentais para a agregação do corpo social, e uma sociedade se vincula, em grande medida, através do compartilhamento de imagens – imagens que, nas sociedades contemporâneas, são atualizadas e disseminadas para milhões de pessoas, principalmente por meio da mídia.

Contrera (2002) defende que o sentido profundo dos vínculos, com toda a sua complexidade, é frequentemente ignorado, esvaziando o sentido mais profundo de conexão, atribuído aos meios tecnológicos.

Que imagens estéticas, que sentidos os textos midiáticos têm proposto? O sentido do vínculo, em toda sua complexidade, é ignorado, e acredita-se que a vinculação, a conexão, é praticamente uma virtude mágica do próprio meio tecnológico. Essa é, sobretudo, uma ilusão, decorrente de uma operação mágico-simbólica inconsciente bastante comum nos dias de hoje, quando se fala das novas tecnologias da comunicação (Contrera, 2002, p. 65).

Segundo Contrera (2002), a questão do sentido, que é fundamental para a seleção e formação dos vínculos, acaba sendo negligenciada. Os mecanismos afetivos e cognitivos (simbólicos) envolvidos na construção de sentido e nos processos de vinculação comunicativa são desconsiderados. Dessa forma, temos a impressão de que ainda se aplica um pensamento cibernético-informacional para compreender um fenômeno que é muito mais complexo: o comunicacional.

Contrera (2003) destaca que a necessidade humana de vínculos e pertencimento é fundamental, afirmando que "sem a formação de vínculos não há nenhuma possibilidade de comunicação em nenhuma instância de vida". A autora argumenta que, desde os micro-organismos até as sociedades humanas, os vínculos são a premissa essencial para a criação de sistemas comunicativos que sustentam e mantêm vivos esses sistemas (Contrera, 2003, p. 105).

1.2 Resiliência e Ressignificação

Boris Cyrulnik (1995) define resiliência como a capacidade de uma pessoa adotar uma nova atitude diante de um sofrimento psíquico, constituindo um processo de superação e libertação. Ele explica que essa capacidade não faz parte de um

"catálogo de qualidades" intrínsecas à pessoa; em vez disso, a resiliência é promovida pela resposta do outro, que atua como um tutor de resiliência. Apegos seguros são fundamentais para desenvolver essa capacidade, promovendo a confiança, esperança e coragem necessárias para a resiliência.

A resiliência, segundo Cyrulnik (1995), é um processo contínuo que se estende do nascimento à morte, conectando o indivíduo ao seu entorno e permitindo-lhe atribuir sentido à sua existência. Nesse contexto, o vínculo e o comprometimento são essenciais para que os significados adquiram sentido.

A capacidade de ressignificar experiências traumáticas depende da presença de tutores de resiliência, que podem ser figuras significativas como pais, professores, ou até mesmo personagens midiáticos. Além disso, a comunicação e a narrativa desempenham papéis cruciais na resiliência, fornecendo um meio para a pessoa reinterpretar e reconstruir sua história, transformando experiências em virtudes relacionais que fortalecem os vínculos sociais.

Segundo o Dicionário de Comunicação (2014), o conceito "Resiliência" pode ser compreendido como:

(s.f.) **Etim.:** do lat. *resilientia*, *resilire*, recusar, voltar atrás. **Física.** O termo resiliência tem sua origem na física e atribui-se sua proposição ao físico inglês Thomas Young (século XVIII). Designa a capacidade de alguns materiais de resistirem à deformação quando submetidos a uma situação de estresse. Pela capacidade que esses materiais têm de acumular energia e reagir elasticamente, são capazes de voltar em seguida ao seu estado original. **Etologia.** O etólogo e psiquiatra francês contemporâneo Boris Cyrulnik designa por resiliência a capacidade psicoafetiva e cognitiva que uma pessoa tem de se reorganizar após um trauma. A resiliência, no entanto, não pode ser confundida com um mero processo de resignação; aproxima-se mais do sentido de ressignificação, ou seja, da realização de um trabalho de construção psicocognitiva da situação traumática vivida, de modo a atribuir a ela um sentido e um lugar outro que evite a fixação de um padrão de vitimização na pessoa em questão. **Comunicação.** O entendimento que Cyrulnik dá à resiliência aproxima-a da esfera da comunicação na medida em que a resiliência envolve alguns processos que não podem ser realizados fora das relações comunicativas. São eles: a criação de uma representação simbólica do acontecimento pelo contexto cultural, a narração social dessa representação criada e a ação de um tutor de resiliência, que seria a instância (individual ou social) de alteridade com a qual a pessoa em questão se espelha no sentido de encontrar nessa instância elementos significantes capazes de motivar seu processo de resiliência (Contrera, 2014, p.405).

Cyrulnik (1995) destaca a relevância da rede de vínculo social e comunicativa que envolve a pessoa afetada por um trauma, enfatizando que essa rede não apenas

oferece suporte psicoafetivo, mas também desempenha um papel fundamental no processo de ressignificação do evento, influenciando os discursos que se formam em torno dele e que podem ser mais ou menos resilientes.

Cyrulnik (1995) defende que uma cultura verdadeiramente criativa serve como um vínculo social, oferecendo esperança diante das dificuldades, enquanto uma cultura passiva apenas entretém sem proporcionar soluções. Para que uma cultura possa fornecer tutores de resiliência, é necessário que ela forme autores, e não apenas espectadores.

Ele também afirma que, ao modificar a imagem que os outros têm de nós, alteramos nosso próprio sentimento de identidade. Nesse contexto, Cyrulnik (1995) liga inseparavelmente a criação da autoimagem à construção da imagem social, destacando a importância dos processos comunicativos, especialmente em relação à visibilidade e à mediação da imagem (Contrera, 2014, p.405).

O impacto de um trauma psicológico depende de como ele é interpretado pela pessoa. Quando somos feridos, nossa autoestima e confiança são abaladas, o que pode gerar sentimentos de vergonha, afetando diretamente nossa identidade, já que há uma necessidade de alinhar nossa narrativa pessoal a uma biografia socialmente aceitável. Essa percepção pode levar a sentimentos de inadequação ou humilhação. A forma como o trauma é representado pode resultar em diferentes respostas, desde a autopiedade até o impulso criativo que permite a elaboração de uma narrativa mais suportável ou até mesmo desafiadora.

A criatividade, outro aspecto crucial para a resiliência, está intimamente ligada à confiança que, por sua vez, está conectada ao vínculo com o outro. Cyrulnik (2005, p. 63) afirma que "não é o golpe que provoca a queda, mas a ausência de suporte afetivo e social que impede a busca por tutores de resiliência".

Quando um adulto faz a criança ferida se calar, impede sua narrativa, cinde a personalidade da criança em uma parte socialmente aceita e outra secreta. Essa zona de sombra impõe-se nela como os sonhos. Volta à noite e desperta problemas ocultos, que ressurgem durante os sonhos (Cyrulnik, 2004, p.176).

Se em um primeiro momento não foi possível desfrutar desses apegos seguros, desde que o entorno propicie tutores de resiliência, a pessoa poderá adquiri-los mais tarde, porém de maneira mais lenta. Podem ser tutores de resiliência os pais, uma professora, uma tia, um padre, um jardineiro, alguém que em algum instante deixou claro ser possível uma saída. Até mesmo uma personagem em um filme pode

indiretamente ter esse papel, de certa maneira. O encontro que estimula é um poderoso fator de resiliência.

Os recursos internos impregnados pelos afetos e comportamentos, em conjunto com os recursos externos dispostos no entorno, permitem à pessoa desenvolver-se em conexão com o outro.

A necessidade de pertencimento é uma condição essencial para o desenvolvimento da identidade. Como afirma Cyrulnik (1995), "pertencer é fundamental; não pertencer a ninguém é não se tornar ninguém". Esse pertencimento possui duas dimensões fundamentais: a familiaridade e a filiação.

A familiaridade se manifesta através de um sentimento vivido e reforçado no dia a dia, enraizado na sensorialidade dos estímulos da vida doméstica. Trata-se de uma conexão que surge da experiência direta com o ambiente, com as pessoas próximas e com os hábitos diários, criando uma sensação de conforto e segurança. Esse sentimento é alimentado por elementos biológicos, pela memória e pelas percepções sensoriais cotidianas.

Por outro lado, o sentimento de filiação transcende a esfera individual e se enraíza na dimensão cultural, existindo apenas na representação psíquica que emerge do contexto cultural. A filiação é construída através da inserção em um grupo maior, que compartilha valores, crenças, tradições e símbolos. Essa ligação com a cultura cria um senso de identidade coletiva, onde o indivíduo se vê como parte de algo maior, contribuindo para a formação de uma identidade que não é apenas pessoal, mas também social.

No entanto, na sociedade contemporânea, vivenciamos uma crise nas experiências interpessoais cotidianas, resultado de um modo de vida estereotipado e padronizado, característico das sociedades de massa. Esse modo de vida, que prioriza a eficiência e a uniformidade, limita as experiências pessoais e singulares, restringindo a capacidade dos indivíduos de vivenciarem plenamente a familiaridade de que fala Cyrulnik (1995). Com a sensorialidade limitada e a memória coletiva em crise, o sentimento de familiaridade enfraquece, deixando as pessoas desconectadas de seu ambiente imediato e de suas próprias raízes sensoriais.

Diante desse enfraquecimento, o sentimento de filiação, muitas vezes, torna-se o único refúgio para a busca de pertencimento. Esse sentimento de filiação, entretanto, é frequentemente mediado por meios de comunicação de massa, que moldam e veiculam os conteúdos do imaginário cultural.

Por meio do compartilhamento de histórias, crenças e imagens promovidas pelos meios de comunicação, os indivíduos se vinculam ao universo simbólico criado e difundido pelas mídias, criando uma sensação de pertencimento que é, em grande parte, artificial e mediada. Esse processo leva à formação de vínculos não tanto com outras pessoas ou com a cultura de forma autêntica, mas com os próprios meios de comunicação que disseminam essas imagens e narrativas.

Vivemos atualmente uma espécie de falência das experiências interpessoais cotidianas, que se tornaram aprisionados por um modo de vida estereotipado (que limita as experiências pessoais mais particulares) típico das sociedades de massa. Isso resulta em um enfraquecimento do sentimento de familiaridade que Cyrulnik cita. Não podemos ter familiaridade se nossas percepções sensoriais (os sentidos corporais) estão embotados e nossa memória em crise. Resta-nos, então, para sentirmo-nos pertencentes, coligados, o sentimento de filiação que se dá, na maioria das vezes, no gesto de compartilhar histórias, crenças, imagens (conteúdos do imaginário cultural), vinculando-nos ao universo simbólico criado pelos meios comunicativos que veiculam esses conteúdos. Acabamos, de fato, criando vínculos com os próprios meios: todos juntos assistindo às copas mundiais de futebol, pelos canais de TV que mostram as mesmas imagens no mundo todo (Contrera, 2002, p. 106).

Assim, a pertença, tanto na forma de familiaridade quanto de filiação, é fundamental para a construção da identidade e para o senso de quem somos. No entanto, a maneira como essa pertença é vivida e experimentada na sociedade contemporânea apresenta desafios significativos, especialmente no que diz respeito à autenticidade e profundidade das conexões que estabelecemos com o mundo ao nosso redor.

A reflexão sobre essas questões é essencial para entender as dinâmicas de identidade e pertencimento no contexto das sociedades de massa e do impacto dos meios de comunicação na formação dessas relações.

Sobre o papel da comunicação no processo de resiliência e ressignificação, Contrera (2017) ressalta que elementos como narratividade, resgate do contexto, ressignificação, afetividade e relações interpessoais são centrais no processo de resiliência, mas têm sido subestimados na área de comunicação, que se encontra presa ao fascínio pela informação. Contrera (2017, p. 149) sugere que uma tarefa para o próximo século seria repensar o papel da comunicação, explorando suas possibilidades como processos de resiliência.

Narratividade, resgate do contexto, ressignificação, afetividade, relações interpessoais – elementos centrais do processo de resiliência – são relativos à área de Comunicação que, no entanto, os têm

subestimado, presa do encantamento pelo tema da informação (...) Talvez seja essa uma tarefa para o próximo século: pensar o papel da comunicação e suas possibilidades como processos de resiliência, para além da moldura capitalista e tecnocrática que vem pautando grande parte das reflexões que temos oferecido à nossa época (Contrera, 2017, p. 149).

1.3 Narrativas e produção de sentido

Para Cyrulnik (2005), a narrativa é uma forma de organização dos conteúdos psíquicos. Narrar remaneja a emoção em uma manifestação suportável e estabelece uma consciência compartilhada. Assim, rompe as amarras que imobilizavam e reacende as brasas da resiliência. Contar significa interpretar e atribuir direções ao acontecimento. Essas direções se devem ao caráter espaço-temporal da narrativa.

Segundo Baitello Jr. (1997, p. 36), “embora igualmente naturais e inatas à mente humana em expansão, a narrativa está em primeiro lugar, tem prioridade espiritual”.

Narrativizar significou e significa para o homem atribuir nexos e sentidos, transformando os fatos captados por sua percepção em símbolos mais ou menos complexos, vale dizer, em encadeamentos, correntes, associações de alguns ou de muitos elos signícos. Foi provavelmente este procedimento o gerador de um universo de sentidos — um universo simbólico — que a Semiótica da Cultura procura investigar. Edgar Morin o denomina ‘segunda existência’, Ivan Bystrina chama de ‘segunda realidade’, Jurii Lotman lhe dá o nome de ‘semiosfera’ (Baitello Jr., 1997, p. 36).

Segundo Baitello Jr. (1997, p. 37), este universo simbólico, a “segunda existência ou realidade” ou a “semiosfera” constitui o conjunto de informações geradas e acumuladas pelo homem ao longo dos milênios, por meio de sua capacidade imaginativa, ou seja, de narrativizar aquilo que não está explicitamente encadeado, capacidade de inventar relações, de criar textos (em qualquer linguagem disponível ao próprio homem, seja ela verbal, visual, musical, performático-gestual, olfativa). Assim, o conjunto menor destas associações, denominado “texto” constitui a unidade mínima da cultura.

O papel organizacional da narrativa pode ser claramente visto em grupos reflexivos, onde pessoas contam seus medos, decisões, perdas, vazios e superação. Através de metáforas, manipulando palavras, gestos e outros elementos significantes, traduzem ideias abstratas e revelam sentimentos. As variadas formas de linguagem são o refúgio do pensamento e ressignificam acontecimentos.

Não temos uma memória, somos uma memória. Aquilo que somos e que nos forma, deforma, conforma, transforma, é a memória; aquilo que, de tudo que vivemos, nos restou significativo, valeu a pena ser inscrito na nossa natureza, sejam vivências de dor ou de prazer. É a memória da espécie, não do indivíduo, que nos constitui como seres transcendentais. E a memória imaginária da espécie são os arquétipos, os mitos, as mitologias religiosas que, até hoje, deformadas ou não, inspiram a quase totalidade das ações do homem no mundo. (...) É a esse imaginário arquetípico que podemos recorrer para propor novas formas de imaginar o mundo; esse é certamente o motivo pelo qual somos capazes de, às vezes, nos reinventarmos. Testemunhos disso são os gestos extremos de solidariedade e compaixão e também a capacidade de propormos usos mediáticos contrahegemônicos e transgressores, geradores de vínculos comunicativos, e não apenas consumidores de conexões possíveis (Contrera, 2017, p. 146).

No âmbito social, o ato de compartilhar experiências e histórias assume uma importância que frequentemente supera a própria narrativa. Esse compartilhamento transcende o círculo imediato do indivíduo, estendendo-se a outros grupos e comunidades, ampliando, assim, o impacto do relato.

É notável como as lembranças de um mesmo evento variam entre diferentes indivíduos, e como a combinação dessas perspectivas distintas pode ajudar alguém a recuperar aspectos esquecidos ou não reconhecidos de sua própria memória. Tal processo reflete a busca por um sentido compartilhado e pela construção de uma narrativa comum, que visa conectar experiências individuais em uma compreensão coletiva mais ampla.

Os resultados das pesquisas desenvolvidas por Cyrulnik ressaltam o papel estratégico de alguns elementos possibilitadores de resiliência. Entre eles estão a narratividade e a reconstrução da memória como elementos que possibilitam atribuir novos sentidos ou transformar os sentidos anteriores, tendo em comum a centralidade dos processos comunicativos.

A narrativa surge, então, como uma ferramenta para atribuir sentido ao acontecimento e estabelecer conexões com os outros. O ser humano recorre a recursos de linguagem e a mecanismos cognitivos, como os sistemas de organização espaço-temporais, para organizar a realidade que vivencia. Esses recursos são particularmente importantes porque, por meio de uma ação imaginativa, ajudam a lidar com questões angustiantes e geradoras de ansiedade.

A narrativa mítica, com seu caráter metafórico, reorganiza os elementos disponíveis, transmite significados, os expande e os humaniza. Ela expressa o

pensamento de forma simbólica e traduz conceitos imagéticos e sensoriais em palavras, que, em sua amplitude, vão além do evento narrado. A palavra, nesse sentido, é uma criadora de mundos.

A narrativa e a história oferecem a oportunidade de reorganizar e atribuir sentido à experiência vivida. A resiliência pode ser vista como uma tentativa de recompor, reordenar e reorganizar a vida. É a construção de uma nova postura, uma nova maneira de estar no mundo. Assim, torna-se um processo de reorganização e ressignificação de caráter simbólico. Esse movimento é especialmente visível em grupos e em situações em que a resiliência é desafiada.

Através de narrativas, muitas vezes coletivas, uma nova ordem e um novo significado são estabelecidos. É a oportunidade de reorganizar e ressignificar a identidade e os vínculos. Ao elaborar suas narrativas, o ser humano se revela e se recria, buscando sentido para suas ações e existência.

Por meio da palavra e da narrativa, o ser humano interpreta, reorganiza e ressignifica sua história, seus traumas e suas conquistas. Ela se torna um instrumento de resiliência e de (re)construção de significados e identidades. A narrativa atribui sentido ao acontecimento e fortalece o vínculo com o outro. A palavra, enquanto criadora de mundos, permite a reorganização e ressignificação dos eventos, promovendo a resiliência e a reconstrução de identidades e significados. Para Cyrulnik (2005, p. 201), "A identidade narrativa é possibilitada por relações. Os discursos sociais revelam o roteiro dos acontecimentos que constituem o quebra-cabeça da nossa identidade".

Em relação às suas funções, elas desempenham várias atribuições, incluindo informar, educar, entreter e persuadir o público. Elas também podem servir como veículos para a expressão cultural, a promoção de valores sociais e a construção de identidades coletivas. Como exemplos, incluem notícias jornalísticas, programas de televisão, filmes, documentários, comerciais publicitários e campanhas de mídia social. Cada forma de mídia tem suas próprias características e convenções narrativas, que influenciam a maneira como as histórias são contadas e recebidas pelo público.

Conforme discutido por Cyrulnik (2005), "a narrativa é uma das respostas humanas diante do caos". Diante de situações complexas ou traumáticas, as pessoas tendem a elaborar diversas narrativas, frequentemente em estados alterados de percepção ou consciência. Essas narrativas não se constituem meramente em

ficções, mas representam tentativas de organizar e conferir sentido aos acontecimentos, transformando-os em algo verossímil e, portanto, mais fácil de ser compreendido e suportado. Quando uma experiência não faz sentido em seu contexto original, surge a necessidade de recontextualizá-la, recriando sua história para que se torne mais compreensível e menos dolorosa.

A amplificação social de um evento por meio da narrativa desempenha um papel fundamental no processo de ressignificação. Os meios de comunicação, em suas variadas formas, desempenham um papel crucial nesse processo, dado seu poder de provocar e estimular reflexões criativas e produtivas. Contudo, se não forem empregados com responsabilidade, esses meios também podem conduzir à desesperança ou à apatia.

A narrativa, seja em um filme, livro ou programa de televisão, possui um potencial transformador significativo, tanto em nível individual quanto coletivo, e até mesmo produtos de comunicação de massa podem desencadear impactos criativos profundos. A sociedade, assim como as palavras que a descrevem, está em constante transformação, e é imperativo estar atento a essa dinâmica para promover o despertar social.

Nesse sentido, a mídia não deve se limitar à tarefa de mapear e analisar problemas; ela possui o poder e a responsabilidade de criar vias de resiliência no âmbito social. Tal transformação pode ser alcançada ao ressignificar percepções de mundo e promover uma compreensão mais complexa e contextualizada da realidade, utilizando a narrativa como ferramenta para reinterpretar acontecimentos com empatia e responsabilidade. Dessa forma, a mídia pode se tornar uma tutora da resiliência coletiva, auxiliando a sociedade na reorganização e ressignificação de suas experiências.

A crescente busca por comunidades, virtuais ou concretas, tem sido a saída do homem contemporâneo para o resgate de um senso de participação possível. (...) Frente a esse cenário, não se torna difícil entender a urgência da proposição de práticas comunicativas que ofereçam a possibilidade de estabelecimento de novos vínculos (e de alimentação dos antigos vínculos desejáveis). No entanto, como é possível propor práticas comunicativas que se prestem a esse papel partindo de uma visão tão mecanicista e racionalista de comunicação, voltada mais para o mercado do consumo tecnológico do que para a complexidade da alma humana? (Contrera, 2017, p. 140).

Para que a ressignificação das narrativas atinja seu máximo potencial transformador, torna-se imprescindível a implementação de projetos estratégicos de comunicação cidadã. Esses projetos têm como objetivo romper as barreiras ideológicas que frequentemente fragmentam a sociedade, dificultando a compreensão mútua e a coesão social. Ao criar espaços para o diálogo e desenvolver narrativas inclusivas, esses projetos podem superar preconceitos e estereótipos, facilitando a construção de um tecido social mais robusto e resiliente.

A mídia, em suas diversas manifestações, desempenha um papel central nesse processo, visto que detém o alcance e a influência necessários para moldar percepções e atitudes em larga escala. Para que esses projetos sejam verdadeiramente eficazes, é fundamental que sejam sustentados por uma abordagem estratégica que leve em consideração a complexidade e diversidade da sociedade contemporânea. Isso inclui o emprego de técnicas narrativas que promovam a identificação e a empatia, a criação de conteúdos que reflitam a pluralidade de vozes e experiências, e a implementação de campanhas educativas que incentivem a participação ativa dos cidadãos na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Adicionalmente, é crucial que os profissionais de comunicação sejam preparados para atuar com responsabilidade social, ética e sensibilidade cultural. Eles devem estar plenamente conscientes do impacto de suas narrativas e comprometidos com a promoção do bem-estar coletivo. Somente dessa forma a comunicação cidadã poderá cumprir seu papel transformador, auxiliando na construção de pontes entre diferentes segmentos da sociedade e promovendo a resiliência coletiva.

É preciso trazer à pauta da comunicação questões como o silêncio, o afeto, o vínculo, o corpo, ao invés de centrarmos a atenção na verborragia das redes virtuais, na eficiência tecnológica, na conectividade técnica. O projeto de comunicação precisa considerar, mais do que nunca, seu potencial de oferecer estratégias de resiliência (Contrera, 2017, p. 140).

Segundo o Dicionário da Comunicação (2014), o conceito de “narrativas mediáticas” pode ser compreendido como:

(s.f.) **Etim.**: do lat. *narratio*, *narrare*, narração, história. Mediático, do lat. De *mediun*, meio. Histórias e ficções transmitidas e difundidos pelos meios de comunicação. **Retórica**. Apresentação de uma sequência de eventos ou fatos, cuja disposição no tempo implica conexão causal. A narrativa deriva do verbo narrar, que remete ao ato de contar e relatar uma história. Narrativa é uma realização mediata

da linguagem que propõe comunicação a uma série de acontecimentos a um ou mais interlocutores, de modo a compartilhar experiências e conhecimentos, e alargar o contexto programático. Narrativas midiáticas podem ser compreendidas através dos suportes usados para a narração de eventos, experiências, relatos, acontecimentos e histórias. Os meios de comunicação ampliam o uso de linguagens, possibilitando diversas formas de se narrar, que repercutem sobre o tempo, que é o principal elemento caracterizador da narração (Santos; Silva, 2014, p. 356).

As narrativas midiáticas desempenham um papel fundamental na sociedade contemporânea. Elas estão presentes em diferentes meios de comunicação, como jornais, televisão, rádio e cinema, e exercem uma influência significativa sobre a forma como percebemos o mundo ao nosso redor.

Com o avanço da tecnologia digital, surgiram novas formas de contar histórias e comunicar mensagens. A complexidade é um elemento central dessas novas narrativas. Ela reflete a interconexão de múltiplas tramas, personagens e plataformas. A internet e as mídias digitais desempenham um papel fundamental na disseminação desses gêneros.

As mídias digitais e as tecnologias de informação e comunicação transformaram a maneira como os conteúdos midiáticos são disponibilizados e consumidos. A internet possibilitou a criação de novas formas de contar histórias, não apenas nos meios tradicionais, mas também em plataformas digitais. As novas tecnologias de comunicação propiciam a produção de novos gêneros que, ao aderirem elementos oriundos de outros meios, se desenvolvem à medida que as relações com as narrativas midiáticas se complexificam.

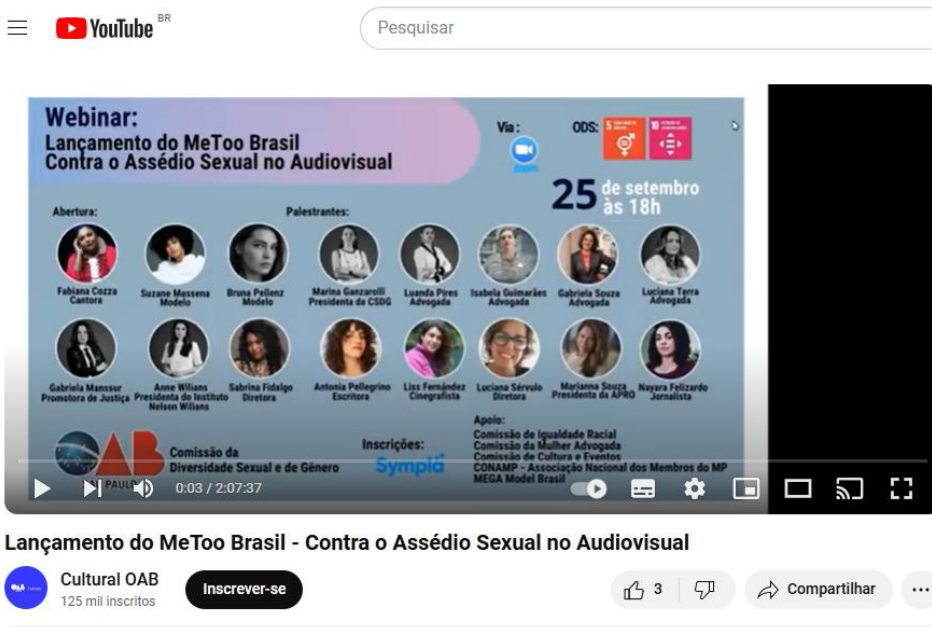
A mídia utiliza narrativas para influenciar percepções e formar opiniões. Essas narrativas podem consolidar valores dominantes ou desafiar o status quo, dependendo dos objetivos e das forças que controlam a mídia. A manipulação da informação e a saturação midiática são evidências claras de como as narrativas podem ser usadas para moldar a realidade percebida, afetando a forma como os indivíduos e grupos sociais compreendem suas experiências.

Com a chegada da internet, as narrativas se diversificaram ainda mais. As redes sociais possibilitam a criação e disseminação de narrativas alternativas, muitas vezes desafiando as versões oficiais ou dominantes. Plataformas como YouTube e Instagram permitem que diversas vozes sejam ouvidas, promovendo uma diversidade

de perspectivas. No entanto, essas plataformas também são campos de batalha ideológicos, onde a luta pela hegemonia narrativa é constante.

A busca por ressignificação por meio das narrativas midiáticas pode ser observada em diversos movimentos sociais contemporâneos. O movimento #MeToo⁴, que ganhou força em 2017, utilizou as redes sociais para ressignificar a experiência de assédio e violência sexual, transformando a narrativa de vergonha e silêncio em denúncia e empoderamento. Da mesma forma, o movimento Black Lives Matter⁵ ressignificou a experiência de violência policial e racismo sistêmico, trazendo essas questões para o centro do debate público e promovendo uma nova compreensão sobre justiça racial.

Figura 1 – Webinar promovida pela OAB-SP para lançamento do MeToo Brasil



Fonte: Cultural OAB – Canal do Youtube⁶

⁴ O #MeToo é um movimento social criado em 2006 pela ativista Tarana Burke, para dar visibilidade às vítimas de abuso sexual, especialmente meninas e mulheres negras de comunidades marginalizadas. O objetivo era criar uma rede de apoio e dar voz às vítimas, mostrando que elas não estavam sozinhas. O movimento ganhou projeção global 2017, quando a atriz Alyssa Milano usou a hashtag "#MeToo" no Twitter, encorajando mulheres a compartilhar suas experiências de assédio e abuso sexual, logo após a publicação de reportagens expondo décadas de acusações de assédio e abuso sexual contra o produtor de Hollywood Harvey Weinstein. Milhões de pessoas ao redor do mundo começaram a usar a hashtag para relatar suas próprias experiências, ocorridas em várias esferas da sociedade, incluindo o local de trabalho, as instituições educacionais e o ambiente doméstico.

⁵ Black Lives Matter (BLM) é um movimento social e político que surgiu em 2013 nos Estados Unidos, em resposta à violência e à discriminação sistêmica contra a população negra. O movimento ganhou destaque global, especialmente em 2020, após o assassinato de George Floyd, um homem negro, pela polícia em Minneapolis, Minnesota. Embora tenha começado nos Estados Unidos, o Black Lives Matter rapidamente se espalhou para outros países, onde ressoou com as experiências de racismo e violência enfrentadas por pessoas negras em diferentes contextos. Marchas e protestos ocorreram em várias partes do mundo, incluindo Europa, América Latina, África e Ásia.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KI-zr1VDc7A>

Figura 2 – Live promovida pela UFRGS para o manifesto “Vidas Negras Importam”



Fonte: Portal UFRGS⁷

A comunicação mediada pela mídia ocupa um papel central na sociedade contemporânea, especialmente diante da falência dos espaços tradicionais de interação presencial. A mídia não apenas preenche esse vácuo, mas também exerce um poder significativo na formação de vínculos sociais e na construção de narrativas que ressignificam a realidade.

⁷ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/deds/live-neab-vidas-negras-importam/>

Diante da manipulação da informação e da saturação midiática, é imperativo desenvolver projetos estratégicos de comunicação cidadã que promovam a resiliência e a capacidade crítica. Tais projetos devem ser concebidos para romper as barreiras ideológicas impostas pelas narrativas dominantes, promovendo uma comunicação mais inclusiva, democrática e voltada para a justiça social. A comunicação cidadã, portanto, é crucial para a construção de uma sociedade mais equitativa, onde todas as vozes possam ser ouvidas e todas as experiências possam ser validadas e respeitadas.

Além disso, é essencial incentivar a produção de conteúdo independente e comunitário, que reflita a diversidade de experiências e perspectivas da sociedade. Iniciativas como rádios comunitárias, jornais locais e plataformas digitais colaborativas podem desempenhar um papel vital nesse processo.

A comunicação cidadã não é apenas uma ferramenta para combater a manipulação midiática e a saturação de informações, mas também um meio para fortalecer os vínculos sociais e promover a ressignificação positiva das narrativas. Ao fomentar uma comunicação mais justa e inclusiva, é possível construir uma sociedade mais resiliente e capaz de enfrentar os desafios contemporâneos com empatia e compreensão mútua.

Em suma, a ressignificação das narrativas, tanto em nível individual quanto coletivo, constitui um processo poderoso, capaz de transformar traumas em oportunidades de aprendizado e crescimento. No entanto, para que essa transformação se realize em sua plenitude, é essencial que existam projetos de comunicação cidadã estratégicos e eficazes, aptos a romper as barreiras ideológicas que nos separam. Apenas por meio desses esforços será possível construir uma sociedade mais coesa, compreensiva e resiliente, capaz de enfrentar os desafios contemporâneos e futuros com solidariedade, empatia e uma visão compartilhada de progresso e humanidade.

CAPÍTULO II – DO FEMINISMO ÀS MASCULINIDADES CONTEMPORÂNEAS, UM CAMINHO DE RESSIGNIFICAÇÃO

Os homens travaram todas as batalhas, menos a da igualdade entre os sexos. Eles sonharam todas as emancipações, menos a das mulheres. Salvo poucas exceções, eles se acomodaram ao funcionamento patriarcal da sociedade. Tiraram proveito dele. Hoje, como ontem, os privilégios de gênero são endêmicos em todo mundo (Jablonka, 2021, p. 13).

Este capítulo apresenta uma breve revisão do percurso histórico do patriarcado, com destaque para os estudos de gêneros e da masculinidade hegemônica, indo ao encontro das masculinidades contemporâneas.

As masculinidades contemporâneas, também conhecida como “novas masculinidades” são posicionamentos que recusam ser gendrados⁸ e associados permanentemente ao modelo patriarcal⁹ hegemônico.

Apropriando-se da noção de hegemonia de Gramsci¹⁰, base da teorização da masculinidade hegemônica, Connell (1995) afirma que grupos de homens lutam por uma posição dominante através da definição social de masculinidade, buscando assim obter vantagens materiais e psicológicas na ordem do gênero. Para a autora, a masculinidade hegemônica se encontra em posição dominante na estrutura hierárquica das relações de gênero, compostas também, de modo subalterno, pelas mulheres e por masculinidades tidas como inferiores. A hegemonia das classes dominantes acontece, segundo Gramsci (2000), em um primeiro momento por consenso espontâneo, seja pela força, o que se define como domínio, seja pela direção, que se dá pela organização deste consenso social, que também é ideológica.

⁸ Gendrado como equivalente à “de gênero” ou “criado/constituído no/pelo gênero.

⁹ A palavra patriarcado, atribuída à feminista Kate Millet (1971), representa “uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de ‘dominação masculina’ ou de opressão das mulheres” (Delphy, 2009, p. 173).

¹⁰ Para o filósofo marxista italiano Antonio Gramsci, hegemonia é uma forma de dominação que vai além do uso direto da força ou da coerção por parte da classe dominante. Ela envolve o controle ideológico e cultural exercido por essa classe, que consegue impor seus valores, normas e crenças sobre a sociedade em geral, de tal forma que esses valores sejam aceitos como “naturais” ou “normais” pela maioria da população. Em outras palavras, a hegemonia é o processo pelo qual as ideias e os interesses da classe dominante são internalizados pela sociedade como um todo, de modo que as desigualdades sociais e a dominação sejam vistas como legítimas ou inevitáveis. Ele elaborou esse conceito enquanto estava preso pelo regime fascista de Benito Mussolini, e seus pensamentos foram posteriormente compilados nos *“Cadernos do Cárcere”*.

Raewyn Connell, socióloga australiana (nascida Robert William em 1944), teoriza em *Masculinities* (1995) o conceito de Masculinidade Hegemônica, buscando em Gramsci a ideia de que a dominação tem uma ascendência cultural total sobre as crenças e os modos de educação. (...) A masculinidade hegemônica é aquela que domina a ordem de gênero, legitimando o patriarcado no topo dos governos, dos exércitos das empresas, e subordinando as outras masculinidades (Jablonka, 2021, p. 82).

O conceito de masculinidade hegemônica, segundo Connell (2013, p. 242), foi formulado há duas décadas e influenciou consideravelmente o pensamento atual sobre homens, gênero e hierarquia social. “Esse conceito possibilitou uma ligação entre o campo em crescimento dos estudos sobre homens (também conhecidos como estudos de masculinidade e estudos críticos dos homens)”.

Apesar do reconhecimento tanto da existência de masculinidades – no plural – quanto da relação entre gênero e outros marcadores de diferença nas suas constituições, o conceito de masculinidade hegemônica busca apontar para um modelo socialmente dominante acerca da masculinidade, contra o qual era possível entrever a insurgência de “masculinidades periféricas”.

Connell (2013) propôs em seus estudos uma classificação da hierarquia das masculinidades subalternas à hegemônica, nomeadas como cúmplices, subordinadas e marginalizadas. Nesse entendimento, se reconhece que a masculinidade hegemônica não é necessariamente o padrão mais comum de masculinidade, embora seja o modelo legitimado a ser seguido pelos homens, e que outras masculinidades coexistem e são simultaneamente produzidas em diferentes contextos sociais (Connell, 2013). O modelo seria construído em contraste com o feminino, além do fato de ser quase impossível de ser alcançado pela maioria dos homens, mesmo os heterossexuais, necessitando de reiteradas validações por parte de outros homens para se manter.

O conceito de “novas masculinidades” surge como uma resposta crítica à rigidez das normas tradicionais de gênero que, historicamente, têm imposto padrões limitantes e opressivos sobre o comportamento masculino. Essas novas masculinidades propõem um modelo de identidade masculina mais inclusivo, flexível e alinhado com princípios de igualdade de gênero, desafiando a hegemonia do patriarcado e desconstruindo a associação da masculinidade com a agressividade, o autoritarismo e a insensibilidade emocional.

Ao reconhecer a pluralidade das experiências e expressões masculinas, esse conceito busca promover um entendimento mais amplo e saudável de ser homem, onde valores como a empatia, a vulnerabilidade e o cuidado são valorizados. Defendendo a importância de um diálogo constante sobre gênero e interseccionalidade, as novas masculinidades não apenas ampliam o espaço para que homens possam se libertar dos estereótipos, mas também contribuem para a construção de relações sociais mais justas e equitativas, beneficiando a sociedade como um todo.

2.1 Mulheres em movimento – do feminismo às novas masculinidades

Ao contrário de outras revoluções, a revolução feminista pouco mobilizou os homens. Como explicar sua quase ausência? Eles se sentiram visados, ameaçados e, acima de tudo, incapazes de pensá-la com tal, isto é, como uma revolução. (...) A indiferença e a hostilidade dos homens explicam por que as feministas tantas vezes precisaram contar apenas com as próprias forças. Daí a atmosfera, hoje reinante, de guerra entre os sexos: enquanto muitos homens se sentem agredidos pelas reivindicações das feministas, algumas se recusam a colaborar com seus “opressores”. (...) **os direitos das mulheres simplesmente decorrem dos direitos humanos.** É dessa luta que os homens se excluem. Será tarde demais para pensar uma frente intersexual de progresso, um feminismo inclusivo?” (Jablonka, 2021, p. 16, grifos da autora).

Para melhor entender o feminismo e sua dimensão, assim como compreender melhor a noção do que é ser homem e o que é a masculinidade, é preciso discutir e contextualizar alguns conceitos como patriarcado, por tratar-se de uma pauta que atravessa os movimentos feministas e que todas as causas se apresentam como resistência ao regime patriarcal.

Segundo o dicionário Houaiss¹¹ (2023), o verbete patriarcado vem da combinação das palavras gregas pater (pai) e arkhe (origem e comando). Patriarquia, segundo o Dicionário de Sociologia (1997, p. 170), refere-se a um “sistema social no qual sistemas familiares ou sociedades inteiras são organizados em torno da ideia de domínio do pai”.

A palavra patriarcado, atribuída à feminista Kate Millet (1971), representa “uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda mais simplesmente, o

¹¹ Versão eletrônica.

poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de ‘dominação masculina’ ou de opressão das mulheres” (Delphy, 2009, p. 173).

Segundo Bola (2020, p. 16), o patriarcado é uma ideologia e estrutura hierárquica, que coloca os homens em uma posição de vantagem em relação às mulheres, garantindo a eles poder, privilégios, direitos e acesso a recursos em vários domínios e contextos, indo desde o núcleo familiar até o mundo corporativo, nos informando sobre os papéis que os homens e as mulheres devem assumir, ao mesmo tempo que dita as realidades materiais de cada um.

Ele destaca ainda que o patriarcado é uma trama que se estende pela família, pelo sistema educacional e pela mídia de massa, socializando comportamentos, atitudes e ações dos homens, especialmente em relação às mulheres, mas também em relação aos outros homens.

No interior dos estudos feministas e das reflexões críticas sobre as masculinidades e as questões de gênero estão os motivos da mudança. Bell Hooks (1981) afirma que “a necessidade de reconstruir e transformar o comportamento dos homens e da masculinidade não está fundada em razões altruístas, mas sim em uma compreensão como parte da revolução feminista”.

As mulheres exerceram grande impacto na melhoria da sociedade, e para Eisler (2007), talvez o mais notável dos seus feitos seja o Movimento Feminista que teve início no século XIX. Para a ativista, “mesmo omitido dos livros tradicionais o trabalho de centenas de feministas do século XIX melhorou e muito a situação do contingente feminino da humanidade”. Eisler (2007) utiliza como exemplo a considerável participação das feministas no movimento abolicionista de libertação dos escravos e na melhoria do tratamento aos deficientes mentais.

O feminismo, movimento social caracterizado pela associação e não pela violência, tem como objetivo lutar pelos direitos e proteção das mulheres na sociedade, desde o direito ao voto, à propriedade, às questões trabalhistas, ao direito ao seu próprio corpo, o que incluiria o atual debate sobre o aborto e os direitos reprodutivos, proteção à violência doméstica, assédio sexual, dentre outros.

Para Trat (2009), o que permite caracterizar o movimento feminista como movimento social é a sua duração. “Quaisquer que sejam as intermitências da mobilização, as mulheres não cessaram de lutar coletivamente desde a Revolução Francesa” (Trat, 2009, p. 149).

Esse movimento se enraíza nas contradições fundamentais da sociedade, nascidas tanto do desenvolvimento do capitalismo como da persistência até hoje da dominação masculina, que se exprime na divisão social e sexual do trabalho. As mulheres se mobilizaram ora em nome da igualdade, ora em nome de suas diferenças, sempre contra as injustiças de que eram vítimas, reclamando ao mesmo tempo o direito ao trabalho, à educação, ao voto e também à maternidade livre desde o começo do século XX. Elas sempre reivindicaram sua identidade como seres humanos e sua liberdade (Trat, 2009, p. 152).

Os movimentos feministas geralmente são divididos em períodos denominados “ondas”. Segundo Fourgeyrollas-Schwebel (2009), a primeira onda ocorreu na segunda metade do século XIX e no começo do século XX, e a segunda onda no início na metade dos anos 1960 e começo dos anos 1970.

A primeira onda do feminismo – conhecida como sufrágio feminino – foi marcada por reivindicações pelo direito ao voto, com muitas ações impactantes nos Estados Unidos e em alguns países europeus.

Em relação à segunda onda – conhecida como Movimento de Liberação das Mulheres – a autora afirma que o impacto do feminismo dos anos 1970 talvez não tenha sido tanto o de afirmar novas formas de reivindicações de direitos e sim o de questionar os domínios do político. Fourgeyrollas-Schwebel (2009, p. 145) afirma que “os movimentos feministas dos anos 70 não se fundam na única exigência de igualdade, mas no reconhecimento da impossibilidade social de fundar essa igualdade dentro de um sistema patriarcal”.

A conquista de novos direitos para as mulheres na esfera privada foi acompanhada por exigências também na esfera pública, como a reivindicação de medidas em favor de uma verdadeira igualdade de direitos no trabalho. “Uma das prioridades dos movimentos de liberação das mulheres é a afirmação de que o privado é político” (Freeman, 1975 apud Fougeryrollas-Schwebel, 2009, p. 146).

Inclui-se também como expectativas do feminismo contemporâneo a autonomia da sexualidade feminina e o respeito ao desejo da “não maternidade”, principalmente com a chegada das pílulas de contracepção feminina, que se torna acessível na metade dos anos 1960. Segundo Fougeryrollas-Schwebel (2009, p. 147), “as campanhas pela liberdade de abortar constituem os eventos mais importantes e mais marcantes”. A autora também aponta como eventos de destaque as mobilizações contra a violência, como estupros e assédio sexual, e o reconhecimento do estupro conjugal.

A terceira onda do feminismo, segundo Miskolci (2009), surgiu no final da década de 1980 e início da década de 1990 e continua a se desenvolver no século XXI. Foi nesse período que se começou a discutir alguns paradigmas das outras ondas e, também, debates sobre o sexo para o conceito de gênero.

A terceira onda do feminismo é caracterizada por sua abordagem inclusiva e diversificada, reconhecendo que as experiências das mulheres são moldadas por sua raça, etnia, orientação sexual, identidade de gênero, classe socioeconômica e outras formas de opressão. Esse movimento busca desafiar e superar as limitações percebidas das ondas anteriores, garantindo que as vozes de mulheres de todas as origens sejam ouvidas e levadas em consideração.

A partir de 1990, na 3ª onda do feminismo, começam os estudos das sexualidades no plural, criticando o caráter binário do gênero. A masculinidade e a feminilidade são oposições vazias, que não correspondem aos homens e às mulheres. Uma das principais preocupações é desconstruir estereótipos de gênero e romper com as normas tradicionais de feminilidade e masculinidade, promovendo a igualdade de gênero em todos os aspectos da vida, incluindo o trabalho, a política, a educação, a família e a cultura popular. Outro aspecto importante é a luta contra a violência de gênero, incluindo o assédio sexual, a violência doméstica, o estupro e o feminicídio. O movimento busca conscientizar e desafiar as estruturas e atitudes sociais que perpetuam a violência contra as mulheres, bem como fornecer apoio e recursos para as vítimas.

A necessidade de enfatizar a dimensão relacional de gênero, assim como a maioria dos estudos que centraram sua atenção à mulher, trouxeram a urgência de se repensar e redefinir a masculinidade, fazendo emergir em 1970 um novo campo de estudos nas universidades estadunidenses – Men's Studies ou Estudos das Masculinidades (Kimmel, 2008), em um momento de eclosão de diversos movimentos sociais: direitos civis, feminismo, liberação gay, questionamento sobre privilégios e hegemonia do homem branco heterossexual (Vigoya, 2018, p. 41).

Os estudos começaram a incluir tanto estudos gays como os de masculinidade, sendo renomeados para estudos de gêneros. O “Centro para Estudos do Homem e da Masculinidade” trabalhava a necessidade de questionar e transformar os mecanismos pelos quais se criava e reproduzia a masculinidade e a importância de se entender que a maioria dos homens, apesar de todo o poder que tinham sobre as mulheres, não se sentiam mais “tão poderosos”.

Existem mil maneiras de ser homem; daí a noção de ‘masculinidades’. Podemos conceber um homem feminista, mas também um homem que aceita seu lado feminino, um homem indignado com a violência e a misoginia, um homem que abandona os papéis que foi obrigado a assumir, um homem sem a autoridade, a arrogância, o privilégio e a pretensão de representar a humanidade inteira. As novas masculinidades podem curar o masculino de seu complexo de superioridade (Jablonka, 2021, p. 18).

A historicidade das relações de gênero faz com que seja possível perceber as continuidades, as rupturas, os avanços, os recuos e as lacunas do que se refere ao masculino e ao feminino. A masculinidade começou a ser discutida primeiramente entre as mulheres, a partir da década de 1960. O ponto de partida dos pesquisadores era a ideia, já desenvolvida pelos estudos feministas, de que a masculinidade e a feminilidade são fenômenos construídos socialmente e, por isso, são históricos, mutáveis e relacionais (Scott, 1990).

Com Connell (1995, 2013), sabemos que as masculinidades são comunidades imaginadas, marcadas por discursos e pertencimentos. Neste sentido, elas se constituem-se em fronteiras, regras e normas que disciplinam os corpos de homens a partir das essencialidades biológicas e raciais que foram se naturalizando ao longo das relações sociais. Assim, as masculinidades são construídas e reconstruídas, não podendo ser tomadas como realidades imutáveis e objetivas, estando sempre mudando de acordo com a história e a cultura e sujeitas às relações de poder (Caetano; Silva Júnior, 2022, p. 193).

Segundo Medrado e Lyra (2022), no Brasil, pensar os homens e as masculinidades como construções de gênero foi um exercício motivado, sobretudo, a partir das discussões e documentos produzidos em duas conferências internacionais de grande relevância, nos anos de 1994¹² e 1995¹³. Nesses dois fóruns de discussão, afirmou-se como diretriz a busca de uma maior participação masculina na promoção dos direitos sexuais e reprodutivos, tendo por base estudos e experiências que apontavam o homem como obstáculos à saúde e ao desenvolvimento da saúde e do direito das mulheres.

A necessidade de inclusão e atenção aos homens jovens e adultos ajudou a produzir e ampliar o interesse e investimento em pesquisas com o intuito de compreender a relação entre a construção social das masculinidades e suas interfaces com a saúde, os direitos sexuais e reprodutivos, a violência contra a mulher,

¹² Conferência sobre as Mulheres, realizada em Pequim em 1994.

¹³ Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento no Cairo, em 1995.

a paternidade, a homossexualidade, o racismo e a manutenção de culturas patriarcais e machistas (Nascimento, 2022, p. 19).

Em sua pesquisa sobre os 30 anos de estudos sobre homens e masculinidades na “Nossa América”¹⁴, Vigoya (2018) afirma que, diferente dos contextos norte-americanos, na América Latina os estudos sobre homens foram iniciados por mulheres provenientes do feminismo. Boa parte dos grupos de pesquisa sobre homens ao longo dos anos 1990 concebiam a busca de igualdade de gênero a partir de uma perspectiva feminista, adotando principalmente uma perspectiva da antropologia, sociologia e psicologia social, despertando interesse no âmbito acadêmico e na sociedade, provocando discussões sobre as relações entre homens e mulheres, a paternidade, a violência, a sexualidade e a identidade masculinas.

Dentre os principais trabalhos e linhas de pesquisa sobre as masculinidades, Vigoya (2018) destaca:

1. Identidades masculinas (representando 30% dos trabalhos)
2. Masculinidades e violências (18%)
3. Problemas, dilemas e tensões em torno da saúde (16%)
4. Afetos e sexualidades (14%)
5. Reflexões epistemológicas (14%)
6. Representações e produções culturais (6%)
7. Espaços de homossociabilidade masculinas (2%)

Chama atenção que apenas 2% das pesquisas se empenharam em discutir esses espaços, vistos como lugares identitários nos quais transcorre uma parte da vida de muitos homens e nos quais se exibem o capital produtivo e simbólico masculino. É no espaço comum que designamos um sentido a um lugar, construindo uma história comum, convertendo em espaços de vínculos, experiências e pertencimento.

Segundo Vigoya (2018, p. 43), as masculinidades modernas, definidas pelos homens das classes e raças hegemônicas da época, foi intimamente ligada à razão instrumental, em oposição à natureza e à emoção. A ênfase na racionalidade masculina permitiu a ideia de que os homens são seres racionais que podem legislar

¹⁴ Maneira pela qual a autora se refere à América Latina.

para outros, negando a si mesmos o reconhecimento de sua dimensão corporal e emocional.

É preciso que os homens redescubram seu corpo e sua emotividade, que desenvolvam novas solidariedades entre eles, aprendam a cuidar de si mesmos e a manejar seus sentimentos, sem delegar essa função às mulheres próximas (Vigoya, 2018, p. 43).

Mesmo com esse percurso brasileiro e internacional de aproximadamente 30 anos de pesquisa, ainda é possível escutar que o interesse sobre homens e masculinidades é uma novidade, algo recente. Para Nascimento (2022), isso se deve ao fato de essas pesquisas não terem tanta visibilidade para a sociedade em geral.

O debate sobre masculinidades precisa acontecer em várias frentes e de diferentes maneiras: as pesquisas, iniciativas comunitárias e populares, a mídia, as políticas públicas e a sociedade como um todo têm força na desconstrução / reconstrução das masculinidades, mesmo sob o olhar das forças conservadoras, que têm lutado para manter o status quo das assimetrias de gênero e da heteronormatividade.

A masculinidade não é o patriarcado. E, considerando que o patriarcado é uma estrutura opressora que impõe a dominância de um gênero sobre o outro, precisamos imaginar e manifestar uma masculinidade que não dependa do patriarcado para existir, uma masculinidade que enxergue a necessidade da igualdade de gênero não apenas como ferramenta de sobrevivência, e sim como um impulso para prosperidade (Bola, 2021, p. 37).

Para Vigoya (2018, p. 43), estudar as masculinidades é investigar teórica e empiricamente a lógica e as complexidades internas das masculinidades, no interior da estrutura de gênero e na sua relação com outras estruturas sociais como a origem étnica, a raça e a classe. Isso permite romper com o pressuposto de que a masculinidade é uma qualidade essencial e estática e entender que é, pelo contrário, uma manifestação histórica, uma construção social e uma criação cultural cujos significados variam segundo as pessoas, as sociedades e a época. Para ela, “ignorar essas articulações é simplificar esses nexos”. É preciso reconhecer as múltiplas masculinidades e entender as relações que ela mantém entre si e identificar as relações de gênero que operam dentro dela.

As mulheres não devem mais se questionar, se torturar a respeito de suas escolhas de vida, se justificar a todo momento, se exaurir, conciliando trabalho, maternidade, vida familiar e lazer. Os homens é que devem recuperar o atraso na marcha do mundo. Eles é que devem se interrogar sobre o masculino, sem subscrever à mitologia do herói

dos tempos modernos, que merece uma medalha porque aprendeu a usar a máquina de lavar roupa. Essa introspecção não terá sentido algum, nem eficácia alguma, sem a colaboração de toda a sociedade, em todos os âmbitos – legislação, fisco, proteção social, organização do trabalho, cultura empresarial, civilidade amorosa, educação familiar, pedagogia, ensino, maneiras de viver juntos (Vigoya, 2018, p. 15).

2.2 Gênero como categoria de análise

É chegada a hora de defendermos um novo projeto de sociedade: a justiça de gênero. Esta envolve *critérios de justiça* (não dominação, respeito, igualdade), *uma ética de gênero* (preceitos para guiar o masculino) e *ações subversivas* (reconfigurar o patriarcado), que levam a uma *qualidade de relação social* (viver entre iguais). É assim que redistribuiremos o gênero. Trata-se, portanto, de chegar a uma *nova realidade*, capaz de dividir igualitariamente os poderes, as responsabilidades, as atividades, os lazeres, os papéis privados e públicos (Jablonka, 2021, p. 19).

As questões de gênero têm se destacado como um campo de estudo e debate significativo nas últimas décadas, permeando diversas áreas acadêmicas e sociais. O conceito de gênero transcende a simples categorização binária de masculino e feminino, englobando uma construção social e cultural que influencia a identidade, papéis e relações entre os sexos. De acordo com Butler (1990), gênero é uma performance social, uma encenação constante que contribui para a manutenção das normas estabelecidas pela sociedade. "O gênero não é algo que se tenha, é algo que se faz, algo performativo, constituído nas repetições cotidianas de gestos, discursos e práticas" (Butler, 1990, p. 25).

Joan Scott, renomada historiadora e teórica de gênero, desempenhou um papel crucial no desenvolvimento do campo. Seu trabalho, *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1990), propôs uma abordagem crítica ao conceito de gênero. Scott argumenta que gênero não é apenas uma descrição de diferenças naturais entre homens e mulheres, mas sim uma construção social permeada por relações de poder.

O conceito de gênero, segundo Scott (1990), tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados:

(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional (Scott, 1990, p. 86).

A abordagem de Scott influenciou significativamente a análise histórica, estendendo-se para outras disciplinas. Sua ênfase na desconstrução das narrativas históricas tradicionais revela como as estruturas de poder moldaram e continuam a moldar as experiências de homens e mulheres ao longo do tempo. Segundo a autora, "a análise de gênero permite desafiar as interpretações históricas que sustentam relações de poder desiguais, proporcionando uma visão mais completa e justa do passado" (Scott, 1999, p. 21).

Embora a abordagem de Scott tenha enriquecido a compreensão das dinâmicas de gênero, a aplicação prática dessa perspectiva enfrenta desafios. A resistência à desconstrução de narrativas tradicionais e a persistência de estruturas patriarcais são obstáculos que requerem um compromisso contínuo com a transformação social. "A resistência à análise de gênero muitas vezes reflete a relutância em confrontar estruturas de poder arraigadas que perpetuam desigualdades" (Scott, 2005, p. 157).

Gênero como categoria de análise, fundamentada em parte pelo trabalho de Joan Scott, propõe que ele não seja considerado apenas como uma característica inerente, mas sim como uma lente analítica crucial para compreender as relações de poder em diferentes contextos. Essa perspectiva destaca como as construções sociais de masculinidade e feminilidade impactam a distribuição desigual de recursos, oportunidades e poder. "Gênero como categoria de análise permite desvendar as complexas interações entre identidades de gênero e estruturas de poder, revelando dinâmicas ocultas em diversas áreas" (Scott, 1990, p. 1069).

Scott (1990) postula que "gênero deve ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclua não somente o sexo, mas também a classe e a raça.

Vigoya (2018) defende que "gênero e raça não são categorias naturais da existência humana e não representam a essência. A racialização é imposta como forma de organizar quem é excluído e quem não é, assim como gênero". E esse é um dos motivos para também trabalharmos a categoria interseccionalidade para compreender as masculinidades.

2.3 Interseccionalidades

A interseccionalidade, termo cunhado por Kimberlé Crenshaw no final da década de 1980, enfatiza a interação complexa entre diferentes sistemas de opressão, como gênero, raça e classe. Ela definiu o conceito como “um método para compreender a maneira como múltiplos eixos de subordinação se articulavam e para pensar estratégias para superá-los”. De acordo com Crenshaw (1991), “a interseccionalidade é, simultaneamente, a maneira sensível de pensar a identidade e sua relação com o poder”.

A análise interseccional revela como mulheres – e homens – de diferentes grupos enfrentam desafios específicos. A discriminação de gênero é entrelaçada com o racismo e a desigualdade econômica, resultando em experiências únicas e interdependentes. “A interseccionalidade destaca a interação dinâmica entre gênero, raça e classe, proporcionando uma compreensão mais completa das experiências e desafios enfrentados por diferentes grupos de mulheres” (Crenshaw, 1991, p. 1244).

Do meu ponto de vista decolonial, é contraproducente empregar interseccionalidade para localizar apenas discriminações e violências institucionais contra indígenas, imigrantes, mulheres, negros, religiosos do candomblé, gordos e grupos identitários diversificados. O padrão global moderno impôs estas alegorias humanas de Outros, diferenciadas na aparência, em que preconceitos de cor, geração e capacidade física, aperfeiçoam opressões antinegros e antimulheres – mercadorias humanas da matriz colonial moderna heteropatriarcal do sistema mundo (Akotirene, 2019, p. 22-23).

O termo interseccionalidade, segundo Akotirene (2019), é usado para fazer “referência às formas como diferentes marcadores sociais, de gênero, raça, classe, sexualidade, entre outros interagem entre si, influenciando a forma como experimentamos a vida em sociedade”.

Lançar mão do conceito de interseccionalidade é fundamental para fugir de interpretações reducionistas e/ou essencialistas, pois constitui-se em ferramenta teórico-metodológica fundamental para ativistas e teóricos comprometidos com análises que desvelem os processos de interação entre relações de poder e categorias como classe, gênero e raça em contextos individuais, práticas coletivas e arranjos culturais/institucionais. “Examinar as interseções entre gênero, raça e classe na prática é essencial para desenvolver estratégias eficazes que abordem as desigualdades sistêmicas e promovam a justiça social” (Hill Collins, 2000, p. 25).

A aplicação da interseccionalidade ao estudo das masculinidades destaca a complexidade das experiências dos homens, reconhecendo que diferentes

identidades sociais, como raça, classe, orientação sexual e habilidades, interagem para moldar suas vivências.

A abordagem interseccional desafia representações simplificadas de masculinidade, destacando a diversidade e as disparidades dentro do grupo. "A interseccionalidade na análise das masculinidades permite desvelar as interconexões entre diferentes formas de opressão e privilégio, questionando noções homogeneizadas de ser homem" (Connell, 2005, p. 832).

Homens de diferentes grupos raciais e classes sociais enfrentam desafios distintos em relação à construção de suas identidades masculinas. As expectativas culturais e sociais variam, moldando as formas como esses homens experimentam e expressam a masculinidade em contextos específicos. "As masculinidades não são uniformes; elas são moldadas por sistemas interconectados de poder que diferem com base em raça, classe e outros marcadores sociais" (Hooks, 2004, p. 12).

As masculinidades são construídas em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (hierarquia de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (hierarquias baseadas em etnicidade, classe social, geração, sexualidade etc.). Para Kimmel (1998), o sexismo e a homofobia são elementos constitutivos na construção social das masculinidades. "As masculinidades são socialmente construídas (...) nem míticas, tampouco biológicas (...) as masculinidades variam de cultura a cultura" (Kimmel, 1998, p. 105).

Apesar dos avanços na compreensão interseccional, persistem desafios na aplicação efetiva dessa abordagem. A necessidade de superar a fragmentação nas lutas por direitos e a falta de inclusão de vozes marginalizadas são desafios que demandam ações contínuas. "O desafio é integrar a interseccionalidade nas políticas e práticas, reconhecendo a multiplicidade de identidades e experiências que moldam as vivências das pessoas" (Crenshaw, 1991, p. 1245).

A compreensão interseccional de gênero, raça e classe é essencial para uma análise mais profunda das desigualdades sociais. Ao incorporar essas perspectivas, é possível desenvolver estratégias mais eficazes para promover a igualdade e a justiça em diversas comunidades.

A aplicação da interseccionalidade ao estudo das masculinidades enriquece a compreensão das diversas experiências dos homens, destacando a necessidade de abordagens mais inclusivas para promover relações de gênero saudáveis e igualitárias.

A desconstrução de masculinidades popularmente chamadas “tóxicas” enfrenta desafios. Normas sociais arraigadas que perpetuam a ideia de masculinidade hegemônica podem criar resistência à expressão de identidades masculinas mais diversas. A interseccionalidade destaca a necessidade de abordar esses desafios para promover uma masculinidade mais inclusiva e saudável. "Desconstruir as masculinidades tóxicas requer uma compreensão interseccional que aborde as interconexões entre normas de gênero, raça e classe" (Kimmel, 2017, p. 148).

O modelo tradicional de homem, cultivado por milênios de estereótipos e instituições, está ultrapassado. Obsoleto e nefasto, ele é uma máquina de dominação – das mulheres, mas também de todos os homens de masculinidade considerada ilegítima. A próxima utopia: inventar novas masculinidades. Transformar o masculino, para que ele se torne compatível com os direitos das mulheres e incompatível com as hierarquias patriarcais. A família, a religião, a política, a empresa, a cidade, a sedução, a sexualidade e a língua poderão ser abaladas (Jablonka, 2021, p. 13).

À medida que exploramos as intrincadas questões que envolvem masculinidades, categorias de gênero e interseccionalidade, fica evidente que a desconstrução da masculinidade hegemônica é uma jornada essencial para construir sociedades mais equitativas e inclusivas, pois impõe restrições prejudiciais não apenas aos homens, mas a toda a sociedade.

Entender as categorias de gênero vai além da simples análise da dualidade masculino-feminino. Envolve questionar e desconstruir normas rígidas que perpetuam estereótipos prejudiciais. A fluidez de identidades de gênero destaca a necessidade de um diálogo contínuo e respeitoso, onde todas as identidades sejam reconhecidas e valorizadas.

A interseccionalidade emerge como uma lente vital na análise das experiências humanas. Ao entrelaçar gênero, raça, classe e outros marcadores sociais, compreende-se que a opressão e o privilégio não ocorrem isoladamente. A abordagem interseccional destaca a complexidade das identidades e enfatiza a importância de considerar as experiências únicas que resultam da interseção de diferentes formas de poder.

Como sociedade, é imperativo desafiar normas prejudiciais, promovendo uma masculinidade inclusiva e saudável. A construção de uma sociedade verdadeiramente igualitária requer a participação ativa de todos, promovendo diálogos abertos, desafiando estereótipos arraigados.

Em todos os países, qualquer que seja a situação das mulheres, é urgente definir *uma moral do masculino* para o conjunto das ações sociais. Como impedir os homens de desrespeitar os direitos das mulheres? Em matéria de igualdade entre os sexos, como ser um ‘cara legal’? Hoje em dia, precisamos de homens igualitários, hostis ao patriarcado, que valorizem o respeito mais que o poder. Apenas homens, mas homens justos (Jablonka, 2021, p. 13).

Segundo Vigoya (2018), a interação entre os homens e o feminismo tem sido uma questão complexa e controversa. Apesar da transição do status de provedores exclusivos de recursos domésticos para contribuintes, os homens ainda detêm a maior parte do poder econômico, político e cultural. Na esfera familiar, mantêm diversos privilégios, mesmo com a mudança de paradigma. Simultaneamente, muitos homens, especialmente nas novas gerações, questionam as abordagens tradicionais em relação ao que significa ser homem ou mulher. Demonstram interesse em se envolver e apoiar as lutas das mulheres de maneiras diversas. No entanto, há aqueles que resistem ativamente às mudanças, sentindo-se prejudicados pelos ganhos conquistados pelas mulheres.

Se o feminismo é também um assunto de homens, então uma transformação feminista supõe, ao mesmo tempo, a integração prática do feminismo nos projetos de vida dos homens e sua inclusão pelo e no feminismo, inclusive na narrativa que este faz de sua própria história (Vigoya, 2018, p. 179).

Segundo Bola (2020, p. 52), ao falar sobre sociedades patriarcais é preciso focar na observação primária nas maneiras pelas quais as mulheres são oprimidas como consequência do sistema. “No entanto, a noção de que os homens se beneficiam dele, em todos os aspectos das suas vidas, é traiçoeira”. Para o autor, existem claras evidências de que os homens também estão sofrendo, “chegando ao ponto de uma epidemia”. Ele reforça que “a masculinidade tóxica prospera em um círculo vicioso no qual os homens contribuem para a repressão ao mesmo tempo em que sofrem com ela”. É preciso que as comunidades locais criem estratégias e intervenções para ajudar os homens – assim como as mulheres – a lidar melhor com as questões que os envolvem.

Muitos homens precisam de um canal de comunicação, assim como precisam de apoio comunitário. Precisamos parar de tratar a saúde mental e as doenças que os afetam, como a ansiedade e a depressão, como incidentes isolados, nos unindo para apoiar uns aos outros, livres de julgamentos, em espaços que sejam seguros, amorosos e transformadores (Bola, 2020, p. 60).

“Elas estão lutando para reeducar o mundo e reimaginá-lo sem desigualdade” (Bola, 2020, p. 106). Em *O feminismo é para todo mundo*, Hooks (2020) apresenta o feminismo como um movimento para acabar com o sexismo, com a exploração sexista e com a opressão, mostrando claramente que não é um movimento “anti-homens”, mas uma definição de como o sexismo é o grande problema para homens e mulheres. Ao lutar contra a opressão estrutural e sistemática das mulheres na sociedade, o feminismo busca criar um mundo no qual as mulheres tenham os mesmos direitos que os homens em uma sociedade mais igualitária. E ao lutar por tais direitos, busca remover as pressões que a sociedade patriarcal impõe a homens e mulheres, proporcionando mais autonomia e liberdade a todos, sem restrições de gênero, raça ou classe. “Ter uma sociedade com um equilíbrio justo e igualitário para os gêneros, em termos de direitos, acessibilidades, tratamentos, benefícios e tudo mais, é algo pelo qual todos nós devemos realmente lutar” (Bola, 2020, p. 106).

2.4 Homens em movimento – Grupos Reflexivos de Gênero

A violência contra as mulheres é um fenômeno que tem emergido como um dos mais significativos temas de discussão nos últimos tempos e deve ser reconhecida como uma questão crítica de saúde pública. É essencial romper com a crença arraigada de que este é um problema confinado ao âmbito privado. A violência contra as mulheres é um fenômeno complexo, presente em todas as esferas da sociedade, transcende culturas e classes sociais e afeta indivíduos de todas as origens, independentemente de sua classe econômica, idade ou posição social. Suas manifestações são diversas e, muitas vezes, insidiosas, exigindo uma resposta coletiva e enraizada na compreensão de suas raízes sistêmicas.

Dados publicados pela Agência Patrícia Galvão¹⁵ revelam uma realidade alarmante no Brasil: “Uma mulher é vítima de violência a cada três horas, considerando o cenário em apenas oito dos estados brasileiros”.

Uma mulher é vítima de violência a cada três horas, considerando o cenário em apenas oito dos estados brasileiros. Dados de um estudo divulgado nesta quinta-feira pela Rede de Observatórios da Segurança apontam que foram registradas 3.181 ocorrências do gênero nessas localidades no ano passado. O número representa um aumento de 22% na comparação com 2022, quando o Pará ainda não fazia parte do monitoramento. O relatório mapeou casos de feminicídio (inclusive de mulheres trans), agressão física e verbal, violência

¹⁵ Disponível em: agenciapatriciagalvao.org.br. Acesso em: 7 mar.2024.

sexual, cárcere privado, tortura, sequestro, dano ao patrimônio e supressão de documentos das vítimas. As estatísticas abrangem ainda os estados de Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro e São Paulo (Agência Patrícia Galvão, 2024).

Essa violência não se limita a uma determinada parcela da sociedade; está presente em todos os estratos sociais, etnias e níveis educacionais. Ela se manifesta em diferentes formas, desde violência física até abuso emocional e psicológico.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a violência contra as mulheres como uma questão de saúde pública devido ao seu impacto direto na integridade física e mental das vítimas. Além das lesões físicas imediatas, a violência pode levar a uma série de consequências de longo prazo, incluindo problemas de saúde mental, aumento do risco de doenças crônicas e até mesmo tentativas de suicídio.

A extensão desse problema torna imperativo que seja abordado de maneira holística, não apenas como um problema social, mas também como uma crise de saúde pública que requer uma resposta abrangente e coordenada.

É crucial entender que a violência doméstica é apenas uma faceta da violência de gênero mais ampla. Para compreender completamente essa dinâmica complexa, é necessário examinar as normas de gênero arraigadas na sociedade, que ditam comportamentos e expectativas para homens e mulheres.

A socialização baseada em estereótipos de gênero cria um ambiente propício para a perpetuação da violência, já que os homens são frequentemente ensinados a exercer poder e controle sobre as mulheres como uma expressão de masculinidade, enquanto as mulheres são frequentemente condicionadas a aceitar essa subjugação como parte de sua identidade feminina.

Em resposta à crescente preocupação com a violência contra as mulheres, o Brasil promulgou em 2006 a Lei 11.340 – Lei Maria da Penha, assim intitulada para homenagear uma defensora dos direitos da mulher, que também foi uma vítima da violência. Esta legislação representa um marco importante na luta contra a violência doméstica, estabelecendo medidas para prevenir e punir agressores, bem como garantir assistência e proteção às vítimas. No entanto, a implementação eficaz da lei continua sendo um desafio, visto que são necessárias abordagens complementares para tratar as causas subjacentes da violência de gênero.

Diante da assistência prestada a indivíduos, tanto homens quanto mulheres, envolvidos em cenários de violência doméstica, emergiu a percepção da necessidade

de implementar intervenções destinadas a influenciar o comportamento masculino não somente durante o curso processual imediato, mas também em futuros desdobramentos, considerando que muitas mulheres mantinham laços afetivos com os agressores.

Uma abordagem que tem sido utilizada para envolver os agressores de violência doméstica são os grupos reflexivos de gênero. Esses grupos fornecem um espaço seguro e estruturado onde os agressores podem explorar suas experiências, crenças e atitudes em relação ao gênero e à violência.

Ao invés de simplesmente impor punições, esses grupos visam promover a responsabilização, oferecendo aos agressores a oportunidade de se envolver em um processo de autoavaliação e mudança. Muitas vezes, os agressores são vistos como vítimas de sua própria socialização e, portanto, é essencial oferecer oportunidades para que reconheçam e reflitam sobre seus padrões de comportamento prejudiciais.

Baseados em teorias como o pensamento sistêmico e a pedagogia crítica de Paulo Freire, esses grupos adotam uma abordagem educacional que visa desafiar as percepções arraigadas de gênero e violência. Através de exercícios, discussões e atividades reflexivas, os participantes são encorajados a questionar suas próprias atitudes e comportamentos, bem como a explorar alternativas não violentas para lidar com conflitos e relacionamentos.

Além disso, esses grupos podem oferecer suporte emocional e social aos participantes, ajudando-os a desenvolver habilidades de comunicação, resolução de problemas e gestão de emoções. Ao criar um ambiente de apoio mútuo e compreensão, esses grupos podem desempenhar um papel crucial na prevenção da violência futura e na promoção de relacionamentos saudáveis e equitativos.

2.4.1 Instituto NOOS e a metodologia de trabalho dos grupos reflexivos

O Instituto NOOS¹⁶ – Instituto de Pesquisas Sistêmicas, com sede na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, foi o primeiro a desenvolver abordagens voltadas para homens autores de violência doméstica. O instituto vem implementando iniciativas com foco na análise de questões de gênero desde 1994, incluindo a organização de grupos destinados a homens autores de violência, com ênfase na promoção da

¹⁶ Disponível em: <https://noos.org.br/>

responsabilização e na mitigação da violência contra a mulher. A metodologia utilizada é intitulada: “Conversas Homem a Homem: Grupo Reflexivo de Gênero”, como referência de trabalho inicial, sendo realizadas algumas adaptações de acordo com determinados contextos.

Figura 3 - Capacitação da Metodologia de Grupos Reflexivos de Gênero



Fonte: Blog NOOS¹⁷

A base teórica é fundamentada no paradigma sistêmico, mediante a abordagem reflexiva de Tom Andersen (2002), com o propósito de reconstruir significados a partir das práticas cotidianas. Também se apoia na abordagem pedagógica proposta por Paulo Freire, conhecida como Pedagogia da Pergunta, que, por meio da formulação de questionamentos instigantes, propõe uma nova maneira de promover a reflexão coletiva sobre os temas centrais presentes na vivência cotidiana dos participantes. Além disso, a abordagem construtivista é considerada, defendendo a premissa de que o conhecimento não é estático, mas sim construído na interação do indivíduo com o ambiente físico e social.

Em linhas gerais o programa consistia na formação de grupos de reflexão, concebidos como espaços propícios à assunção de responsabilidades, à ampliação do autoconhecimento, à valorização de experiências e valores associados à subjetividade masculina, à expansão de horizontes, à transformação da autoimagem e ao reenquadramento das perspectivas individuais. Em duas palavras, um processo de reflexão responsabilizante (Acosta; Andrade; Bronz, 2004, p. 94).

¹⁷ Disponível em: <https://noos.org.br/blog>

Segundo Acosta, Andrade e Bronz (2004), a prática da violência contra a mulher é adotada por alguns homens em contextos de relacionamentos íntimos, especialmente quando percebem uma ameaça ao seu poder e controle. Nesse sentido, a identidade masculina é frequentemente percebida como vulnerável, pois está intrinsecamente ligada a sentimentos como medo, vergonha, impotência, insatisfação e ciúme.

Dentro da lógica patriarcal, essa fragilidade masculina é interpretada como uma falha, o que pode levar à acumulação de tensões emocionais não expressas, resultando eventualmente em explosões de violência.

Em 2024, completaram 22 anos desde que foi lançado o primeiro manual da metodologia (Acosta; Andrade; Bronz, 2004) de grupos reflexivos de gênero do Instituto Noos. Esta primeira publicação, já resultado de alguns anos de experiência desenvolvendo este tipo de trabalho, era voltada exclusivamente para homens, sobretudo para aquelas pessoas envolvidas em situações de violência intrafamiliar e de gênero.

Depois de 12 anos, a mesma organização lançou uma versão atualizada e que apresenta diferenças importantes em relação à primeira versão (Beiras; Bronz, 2016). Apesar das mudanças em relação à primeira versão, que inclui a retirada de técnicas consideradas muito complexas para aplicação por um leigo e diminuição da equipe por razões econômicas, a metodologia manteve sua essência – os “processos reflexivos”, de Tom Andersen.

A construção deste tipo de contexto reflexivo requer uma permanente articulação entre o que se diz com o que se pensa e sente numa relação dialógica com os demais (Andersen, 2002). Isso exige a aplicação de alguns recursos que mantenham este tipo de postura durante todo o trabalho, mas, sobretudo, a presença de facilitadores que tenham sido ensinados a exercer sua função dentro desta mesma postura.

É importante destacar que os grupos reflexivos de gênero são apenas uma das ações na luta contra a violência de gênero. É necessário um esforço coordenado que aborde as raízes profundas da desigualdade de gênero e promova uma cultura de respeito, igualdade e não violência, envolvendo uma colaboração entre governos, organizações da sociedade civil, profissionais de saúde, educadores e a comunidade em geral.

A violência contra as mulheres não é apenas um problema das mulheres; é um problema de toda a sociedade. Somente através de uma resposta coletiva e abrangente será possível criar um mundo onde todas as mulheres possam viver livres do medo da violência.

2.4.2 Novos formatos de grupos reflexivos de gênero

Nos últimos anos tem crescido a quantidade de grupos e organizações, muitas delas compostas por homens, interessadas em discutir a construção de masculinidades e os impactos nas subjetividades e relações sociais cotidianas.

Nesse cenário cresce, também, a relevância dos grupos reflexivos para homens autores de violência encaminhados pela justiça, que são mais específicos, para refletir sobre a estreita conexão entre a categoria masculinidades e violências, de forma que homens possam se responsabilizar e repensar seus atos violentos contra suas parceiras íntimas.

Vemos também a importância do surgimento de grupos para refletir sobre masculinidades e autoconhecimento, não necessariamente autores de violência, mas para aqueles que buscam ressignificar as questões de gênero.

É importante destacar que ambos os tipos de iniciativas que trabalhem o gênero como uma categoria analítica, incorporem os estudos teóricos sobre masculinidades, movimento de homens e suas relações com as teorias feministas (Azevedo; Medrado; Lyra, 2018; Beiras; Bronz, 2016; Chagoya, 2014). Além disso, também é fundamental que as iniciativas estejam alinhadas à ideia de equidade de gênero, ao desenvolvimento de empatia com as vivências das mulheres e ao fortalecimento dos direitos humanos, no lugar de focar exclusivamente na experiência de homens entre homens e sua felicidade, sem relacionar com as vivências e empatia com as mulheres (Billand, 2016).

a) Programa “E agora, José? Pelo fim da violência contra a mulher”

O Programa "E AGORA, JOSÉ?", um grupo socioeducativo voltado para homens que cometeram violência doméstica contra mulheres, foi implementado na cidade de Santo André, SP. O Programa começou suas atividades em 22 de outubro de 2014, atendendo semanalmente um grupo de 27 homens, com o apoio de uma equipe de facilitadores. O principal objetivo do programa é promover atividades

pedagógicas e educativas, bem como monitorar o cumprimento das penas e das decisões judiciais relacionadas aos homens autores de violência doméstica.

O processo socioeducativo é conduzido por uma equipe de facilitadores que atuam como participantes ativos do grupo, expressando suas opiniões e ideias, além de serem questionados, contribuindo para a construção de novas relações e propondo atividades a serem realizadas durante os encontros.

Após um ano de funcionamento, pudemos perceber mudanças nos discursos dos participantes. Dos 27 homens que iniciaram o processo, 17 concluíram os 20 encontros e os outros 10 permanecem vinculados ao grupo. No final das participações, pedimos para os homens deixarem um depoimento ou relato sobre sua participação. A título de resultado, vamos descrever algumas destas falas. José I (nome fictício) garante que o aprendizado durante os encontros levou a uma mudança de comportamento e de atitudes. 'Antes eu acreditava que era o dono da razão, tudo era da minha forma e da minha maneira, acreditava que o direito da mulher era não ter direito, hoje eu sei que os dois têm que caminhar juntos, com compromissos e obrigações iguais' (Urria; Pechtoll, 2016, p. 112).

O programa promove anualmente o curso "Gênero e Masculinidades" para formação de pessoas facilitadoras de grupos reflexivos de gênero. O curso é realizado pelo Fórum Gênero e Masculinidades do Grande ABC e pelo grupo Entre Nós - Assessoria, Educação e Pesquisa. São 26 encontros ao longo do ano, sendo 1 por semana, com 4 horas de duração, com transmissão online e ao vivo. Os palestrantes são profissionais reconhecidos por sua dedicação ao tema, seja em pesquisas acadêmicas e/ou em atuação constante em grupos de mobilização social.

A ementa do curso trabalha com diversos assuntos relevantes:

Estrutura social e desigualdade; Poder e dominação; Estudos sobre gênero e masculinidades; Ideologia e reprodução do machismo; A constituição do Patriarcado; A construção sócio-histórica da masculinidade; As lutas das mulheres e o Feminismo; Análise dos efeitos da socialização masculina; Estudo dos elementos constitutivos da violência; Violência de gênero e violência doméstica; Processo socioeducativo para homens; Grupos reflexivos de homens; Serviço de responsabilização e educação de agressores¹⁸.

¹⁸ Disponível em: <https://sites.google.com/view/programa-e-agora-jose/e-agora-jose>

Figura 4 - Convite para Formatura da 7ª turma do curso de Gênero & Masculinidades



Fonte: Grupo de Homens "E agora, José?"¹⁹

De acordo com as informações obtidas no portal E agora, José?, o curso de formação de facilitadores requer participantes com idade mínima de 18 anos, com perfil de agentes na defesa dos direitos das mulheres, para atuarem nos grupos de homens e no enfrentamento às violências contra as mulheres, possibilitando a implantação de grupos reflexivos de homens.

'E agora, José?' integra um coletivo de pessoas que realiza uma série de ações buscando eliminar o machismo e as consequências dessa prática na vida de mulheres e homens. Entre as suas principais ações estão o programa 'E agora, José?', iniciado em 2014, que realiza grupos socioeducativos de responsabilização de homens condenados pela lei Maria da Penha (11.340/2006) e o curso preventivo "E agora, José?" sobre gênero e masculinidades, realizado, anualmente, desde 2015, dirigido a homens, funcionários públicos e da sociedade civil²⁰ (E agora, José?, 2024).

Em cada encontro é utilizado um enfoque dialógico e participativo, baseado na vivência dos sujeitos, valorizando seus conhecimentos, por meio de técnicas de dinâmicas de grupo, jogos dramáticos e outros. Tendo como proposta a sensibilização de relações de gênero, feminismos e masculinidades, as oficinas do curso trabalham diversos temas como:

¹⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/grupodehomenseagorajose/>

²⁰ Disponível em: <https://sites.google.com/view/programa-e-agora-jose/>

1. O significado de ser homens
2. Divisão de tarefas masculinas e femininas
3. Profissões masculinas e femininas
4. Como nos tornamos homens
5. Os efeitos do nosso modo de ser homens
6. A violência nos jogos infantis
7. A luta pela vida
8. Violência contra a mulheres
9. É possível uma vida menos violenta
10. A discriminação exercida pelos homens
11. A discriminação exercida pelos homens
12. Minha vida de João
13. Coisas de Homem x Coisas de Mulher
14. Nasce um bebê
15. Estereótipos em debate
16. A honra masculina
17. Comportamento de risco
18. Não violência ativa
19. Diversidade sexual
20. Violência sexual (E agora José?, 2024).

Segundo Urra e Pechtoll (2016, p. 115), o Programa “E Agora, José?” tem proporcionado aos facilitadores e aos demais participantes um espaço rico em reflexões, trocas, arrependimentos e responsabilizações. “Um percurso de 20 encontros para os autores de violência e permanente para nós, facilitadores e núcleo de coordenação”.

[...] o processo proporciona uma constante retomada de posicionamento e significação perante o desafio de enfrentamento a violência contra a mulher. Mas com uma perspectiva otimista de estar construindo novos discursos sobre a masculinidade, para além da violência, do assédio, do preconceito e da discriminação presentes no discurso machista (Urra; Pechtoll, 2016, p. 115).

b) Grupo Papo de Homem

O Papo de Homem (PdH) é um portal brasileiro focado em comportamento masculino, fundado por Guilherme Valadares em 2006. O objetivo do PdH é criar um espaço de reflexão e transformação para homens, abordando temas como masculinidade, saúde mental, relacionamentos e desenvolvimento pessoal.

O projeto começou como um grupo de e-mails e evoluiu para um dos maiores portais independentes sobre comportamento masculino no Brasil.

Figura 5 - Página principal do site “Papo de Homem”



Fonte: Papo de Homem²¹

Homens se interessam apenas por sexo, dinheiro, futebol e bebida...? E se houvesse também um espaço para cultivar uma visão de mundo mais ampla, desafiar preconceitos, aprender a viver e se relacionar com mais satisfação?

Esse é o Papo de Homem, um espaço criado em 2006, no qual todos são bem-vindos – independente de sexo, gênero, orientação sexual, credo ou raça. Hoje, dois milhões de pessoas nos visitam a cada mês. Já publicamos mais de seis mil artigos por meio de nossa rede de autores voluntários (mais de 700 pessoas já escreveram para nós). Aspiramos produzir conteúdo que vá além da cultura do entretenimento, capaz de estimular pensamento crítico e ação. Apostamos no poder da comunidade e das boas conversas. (Papo de Homem).

Tendo como lema “tempo de homens possíveis”, o grupo Papo de Homem é formado por mais de 500 homens espalhados pelo mundo, compartilhando histórias e vivências. O grupo possui site, canal no YouTube e perfil em diversas redes sociais digitais. Dentre as pautas trabalhadas no grupo estão as questões sobre as novas masculinidades e o cuidado com o outro.

O Papo de Homem – ou PdH – está presente nas redes sociais de forma ativa, com divulgação de eventos e ações voltados às questões das masculinidades. O grupo oferece também materiais e serviços diversos como palestras, jornadas, livros, pesquisas e documentários sobre temas relevantes e atuais.

²¹ Disponível em: <https://papodehomem.com.br/>. Acesso em: 10 ago.2024.

Figura 6 - Postagem no Instagram do PdH, sobre o projeto Meninos sonhando os homens do futuro



Fonte: Instagram Papo de Homem²²

Figura 7 - Linktree do PdH, com acesso aos materiais produzidos



Fonte: Linktree Papo de Homem²³

Em 2016, após uma pesquisa com mais de 40.000 pessoas e meses de gravações, o grupo Papo de Homem produziu e lançou um filme sobre “as dores, qualidades, omissões e processos de mudança dos homens”. O documentário mostrou que 7 em cada 10 homens não falam sobre seus maiores medos e dúvidas com os amigos.

²² Disponível em: <https://www.instagram.com/papodehomem>. Acesso em: 18 ago. 2024.

²³ Disponível em: <https://linktr.ee/pdh>

Já notávamos o mesmo fenômeno em nossas rodas de conversa há mais de 10 anos. E, à medida em que nos aprofundamos no estudo sobre masculinidades, observamos como esse silêncio está na raiz de vários outros problemas. Violência doméstica, ausência de mulheres em posições de poder na política e economia, assédio, altíssimas taxas de suicídio, homicídio, mortes no trabalho e encarceramento entre os próprios homens... a lista é longa (Papo de Homem, 2016).

Figura 8 - Capa do Documentário "Silêncio dos Homens"



Fonte: Papo de Homem²⁴

O silêncio observado entre os homens não é uma grande conspiração masculina, é como fomos criados. A maioria de nós foi treinado para sufocar o que sente, aguentar o tranco e peitar a vida, como *machos*. Acontece que essa maneira de existir e estar no mundo tem causado danos, para as mulheres, para outros homens e para nós mesmos. E como tem acontecido ciclicamente ao longo da história com os papéis de gênero, é tempo de mudar (Papo de Homem, 2016).

O documentário aborda como estereótipos de gênero influenciam para que eles sejam menos propensos a dividir seus pensamentos. Para Valadares, um dos idealizadores do projeto, "Silêncio aqui tem sentido amplo. É emocional, verbal, social, tanto individual como coletivo".

O filme estreou no canal do Youtube do Papo de Homem, e pode ser assistido na íntegra de forma gratuita. Em acesso feito no dia 29 de agosto de 2024, foi possível constatar mais de 2 milhões de visualizações e mais de 6 mil comentários.

²⁴ Disponível em: <https://papodehomem.com.br/o-silencio-dos-homens-documentario-completo>

Figura 9 - Comentários no Youtube sobre o documentário “Silêncio dos Homens”



@rodrigocandido842 há 4 anos

Fui 1 dos 47000 que respondeu a pesquisa, e fico muito feliz com o resultado, o documentário ficou fantástico, chorei assistindo em alguns momentos de identificação. Quero e vou montar um grupo de homens, porque se eu tenho tantas questões em mim, devem haver outros homens que também tenham e queiram muito conversar. Recomendo a todos os homens.



484



Responder

✓ 25 respostas

Fonte: Youtube Papo de Homem²⁵

c) Grupo Resignificando Masculinidades

O Resignificando Masculinidades é um coletivo que tem como um de seus objetivos fomentar entre homens conversas sobre a temática das masculinidades. Acreditamos que por questões culturais e sociais, criou-se o entendimento de que homens não conversam sobre seus problemas pessoais, mentais, familiares, amorosos, financeiros, afetivos, sexuais, de saúde etc., que homens precisam dar conta de tudo, ser fortes e segurar todas as barras sozinhos. Esses estereótipos criam barreiras para que homens falem sobre si, e um ambiente onde não se sentirão julgados é essencial para que possamos conversar sobre esses assuntos. Entendemos que esses comportamentos podem ser potencializadores das violências que vitimam mulheres, pessoas LGBTQ+ e também os próprios homens. (Resignificando Masculinidades, 2020)²⁶.

O grupo reflexivo Resignificando Masculinidades teve início a partir de um grupo na rede social digital Facebook, em que diversos homens compartilhavam referências de debates sobre masculinidades e pautas feministas. A composição do grupo é formada por predominantemente homens entre 20 e 50 anos, de classe média, com ensino superior, e apresentando uma maior diversidade étnica.

Um dos motivos de os encontros serem destinados a homens é para que haja acolhimento e partilhas saudáveis entre homens, compartilhamento de experiências e vivências que colaboram para o crescimento individual e coletivo dos participantes. Buscamos promover uma mudança de comportamento, para que essas demandas masculinas não sejam mais uma carga mental que muitas vezes são direcionadas às mulheres, companheiras ou companheiros. Com isso procuramos trazer uma responsabilização aos próprios homens a respeito desses comportamentos. (Resignificando Masculinidades, 2020)²⁷.

²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/@papodehomem>.

²⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/ResignificandoMasculinidades>.

²⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/ResignificandoMasculinidades>.

O coletivo hoje possui encontros quinzenais e tem como objetivo fomentar conversas sobre masculinidades. Localizado no CCSP - Centro Cultural São Paulo-SP e com endereço virtual nas redes sociais digitais Facebook e Instagram, o coletivo começou a se reunir para discutir como a masculinidade atual é tóxica para mulheres, para a sociedade e para os próprios homens.

Em uma matéria publicada no portal Carta Capital²⁸, em junho de 2019, um dos integrantes do grupo Resignificando Masculinidades relatou que sua trajetória era diferente de muitos dos homens com quem se encontrava. Seus amigos conviviam com mulheres que conversavam sobre as questões feministas, desafiando-os a pensarem sobre as questões de gênero. Ele, no entanto, seguia sua vida sem ter pessoas que o estimulasse a repensar suas atitudes em relação às questões de gênero. Ao fazer parte de um grupo reflexivo, ele passou a se dedicar a essas questões e refletir sobre as questões das masculinidades consideradas tóxicas: “Muitos diziam ter uma namorada ou mulher muito próxima que era feminista e que elas trouxeram para eles a perspectiva de que ‘precisavam mudar seus comportamentos’”. Em suas palavras: “O grupo precisa ser acolhedor para qualquer homem que queira deixar de ser tóxico”.

Figura 10 - Grupo Resignificando Masculinidades



Fonte: Resignificando Masculinidades²⁹

²⁸ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/machistas-em-tratamento-os-homens-que-combatem-a-masculinidade-toxica/>.

²⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/ResignificandoMasculinidades>.

Tendo como tema “Masculinidades Possíveis”, o Coletivo Ressignificando Masculinidades foi criado em 2019 pelo psicoterapeuta Fábio Sousa. O coletivo já trabalhou diversas pautas como a relação entre o choro e a masculinidade saudável, alcoolismos, violência entre outros.

Figura 11 - Postagens do Grupo Ressignificando Masculinidades no Instagram



Fonte: Instagram Ressignificando Masculinidades³⁰

Existem hoje no Brasil e no mundo centenas de projetos, grupos e outras iniciativas dedicadas ao tema das masculinidades. Na seção “Anexo” da presente tese, foi compartilhada uma lista colaborativa fornecida pelo grupo Papo de Homem.

No próximo capítulo, apresentamos mais informações sobre o Grupo Reflexivo MEMOH e suas ações de comunicação voltadas ao processo de resignificação das masculinidades.

Tendo sido escolhido como corpus de análise para a presente pesquisa, o MEMOH busca suscitar no homem novos olhares sobre a masculinidade. Tem como propósito a promoção da equidade de gênero e o incentivo ao homem a refletir sobre seu modo de agir consigo, com o outro e com a sociedade.

³⁰ Disponível em: https://www.instagram.com/ressignificando_masculinidades/.

O grupo se apresenta como “uma rede de acolhimento entre homens incomodados com o comportamento que são condicionados a seguir para serem vistos como “homens de verdade”. Ele também oferece serviços exclusivos para abordar o tema das masculinidades e envolver homens nas questões de gênero dentro dos ambientes corporativos. Tem como clientes empresas como Ambev, Facebook, Coca-Cola, entre outros.

CAPÍTULO III – GRUPO MEMOH – ESTUDO DE CASO

Já passou da hora dos homens assumirem a responsabilidade e entender que ‘problemas de gênero’ são problemas nossos também. Por estarmos tão presos dentro de um padrão de comportamento muitas vezes nocivo, os homens – mesmo os ‘bons’ – permitem que a violência de gênero aconteça (MEMOH, 2022).

O presente capítulo tem como objetivo apresentar o Grupo MEMOH e seu papel na promoção de novas narrativas midiáticas para ressignificar as masculinidades. Ao apresentar o corpus de análise aqui proposto, que engloba os conteúdos digitais veiculados nas redes sociais LinkedIn e Instagram, no ano de 2023, pretende-se responder ao problema de pesquisa central: Como o Grupo Reflexivo MEMOH atua na proposição da ressignificação das masculinidades por meio de novas narrativas midiáticas e de seus canais digitais de comunicação?

O objetivo principal é investigar como o MEMOH atua na ressignificação das masculinidades, analisando conteúdos específicos relacionados às masculinidades, com foco nos novos sentidos construídos, que vão se contrapor ao patriarcado e à misoginia. A hipótese central sugere que a comunicação dentro de grupos de apoio, quando alinhada às novas formas e conteúdo das narrativas midiáticas contemporâneas, desempenha um papel crucial na desconstrução dos estereótipos associados à masculinidade hegemônica.

Essa comunicação, ao incorporar e promover uma maior diversidade de representações, contribui para a ampliação das perspectivas sobre as identidades masculinas, abordando questões relevantes relacionadas ao gênero e à interseccionalidade. Além disso, a hipótese enfatiza que a exposição a representações midiáticas variadas, que englobam pautas atuais de grande relevância, está positivamente correlacionada com uma maior flexibilidade na construção das identidades masculinas.

Como abordado anteriormente, os grupos reflexivos de gênero oferecem um ambiente em que os homens possam dialogar sobre suas experiências, suas dificuldades, frustrações e descobrir que não estão isolados e não possuem problemas unicamente individuais.

A constatação dessa experiência comum, transformando o individual em coletivo, permite o reconhecimento da dimensão política da vida particular, e é a partir disso que se concretiza a possibilidade de transformação, por meio da criação de vínculos e ressignificação durante o processo de construção de narrativas.

A ação de narrar permite à pessoa se constituir em sujeito íntimo, e a narração convida a assumir seu lugar no mundo humano, compartilhando sua história. O que é intimamente aceitável se associa ao socialmente compartilhável” (Cyrulnik, 2005, p. 98).

3.1 MEMOH e seu ecossistema

O Grupo Reflexivo de Gênero MEMOH nasceu como uma organização cujo propósito era promover equidade de gênero, fazendo com que o homem refletisse sobre seu modo de agir consigo, com o outro e com a sociedade³¹.

O nome – MEMOH é “homem” ao contrário – resume a ideia de ajudar homens a se enxergarem por ângulos diferentes. Isso é feito por meio de grupos reflexivos, produção de conteúdo e consultorias voltadas ao ambiente corporativo. Uma proposta que serve, primordialmente, para uma ampliação de consciência por meio da problematização das relações normativas e tradicionais de gênero.

Figura 12 - Roda de Conversa



Fonte: Portal MEMOH³²

³¹ No Apêndice 1 é apresentado a transcrição completa do Manifesto do MEMOH, narrado pelo seu fundador, Pedro de Figueiredo, em episódio especial de comemoração dos 2 anos do projeto.

³² Disponível em: <https://memoh.com.br/>. Acesso em: 27 ago.2024.

O grupo se apresenta como “uma rede de acolhimento entre homens incomodados com o comportamento, que são condicionados a seguir para serem vistos como ‘homens de verdade’”.

O grupo promove encontros gratuitos para o público em geral, cursos de formação para aqueles que desejam ser multiplicadores, incentivando-os a montarem seus próprios grupos reflexivos MEMOH, seguindo sua metodologia de trabalho própria³³.

O início de sua atuação se deu em julho de 2017, a partir da realização de grupos reflexivos. Em 2019, o MEMOH já contava com seis grupos simultâneos no Rio de Janeiro e em São Paulo. Ao longo dos últimos anos, os grupos foram ganhando mais relevância em nível nacional com a procura e adesão de mais homens interessados pelo debate sobre masculinidades.

Figura 13 - Portal MEMOH



Fonte: Portal MEMOH³⁴

Apresentando-se como um ecossistema de educação e produção de conteúdo, o grupo também oferece serviços exclusivos para empresas, organizações e instituições. Esses serviços são exclusivos para abordar o tema de masculinidades e envolver homens nas questões de gênero dentro dos ambientes corporativos. Tem como clientes empresas como Ambev, Facebook, Coca-Cola, entre outros.

³³ O MEMOH disponibiliza um guia prático da sua metodologia para homens interessados em montar seu próprio grupo reflexivo. O guia está disponível em: <https://encr.pw/pao5T>

³⁴ Disponível em: <https://memoh.com.br/>. Acesso em: 27 ago.2024.

Esse é o podcast do MEMOH. Um podcast pra homem. Pra todo tipo de homem: gays, cis, trans, bi, heteros, pretos, brancos, novos, velhos - pra qualquer um que se identifica como homem. Aqui a gente quer pensar e fazer pensar, refletir, conversar sobre tudo que a gente quiser, sem medo de ser julgado como "menos homem" por isso. As mulheres não são obrigadas a ficar ensinando a gente sobre o nosso comportamento, a nossa postura. Passou da hora de a gente assumir a nossa responsabilidade. Homens, precisamos falar entre nós. Esse podcast surge com a intenção de ampliar o debate de masculinidades que acontecem nos Grupos Reflexivos e nas outras atividades promovidas pelo MEMOH. O nosso propósito é promover a equidade de gênero fazendo o homem refletir sobre o modo de agir consigo, com o outro e com a sociedade. Equipe Podcast || Idealização: Pedro de Figueiredo | Edição: Reginaldo Cursino | Roteiro: Pedro de Figueiredo e Rodrigo Carvalho | Produção: Ken Fujioka, Pedro de Figueiredo e Rodrigo Carvalho | Coluna MEMOHFONE: Rodrigo Moura | Coluna Ombudsman: Isabela Del Monde | Editor de conteúdo: Rodrigo Carvalho

O podcast do MEMOH traz o debate de masculinidades para quem não pode participar dos Grupos Reflexivos e para quem tem a curiosidade de ouvir um pouco do que acontece nas rodas de conversas promovidas pelo coletivo. O podcast atualmente está disponível nas seguintes plataformas de streaming: Spotify³⁶, Apple PodCast³⁷ e Castbox³⁸. Embora tenha o seu canal no Youtube³⁹, o grupo não possui o hábito de postar seus conteúdos nessa plataforma.

O MEMOH está presente de forma ativa nas redes sociais digitais Instagram⁴⁰ e LinkedIn⁴¹, com postagens segmentadas de acordo com o perfil de cada rede.

Figura 15 - Instagram Grupo MEMOH



Fonte: Instagram Grupo MEMOH

³⁶ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0IT6Qhu5mWrKc9mpeN3dyg>

³⁷ Disponível em: <https://podcasts.apple.com/br/podcast/memoh/id1450208243>

³⁸ Disponível em: <https://castbox.fm/channel/5328566?country=br>

³⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@memohoficial>

⁴⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/projeto.memoh/>

⁴¹ Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/memoh/>

Na biografia do Instagram, o grupo utiliza o recurso Linktree, para dar visibilidade aos diversos serviços e produtos oferecidos pelo MEMOH, como convites para eventos, download de materiais formativos, espaço para tirar dúvidas e acessar outras redes sociais e plataformas de streaming.

Figura 16 - Linktree do Grupo MEMOH

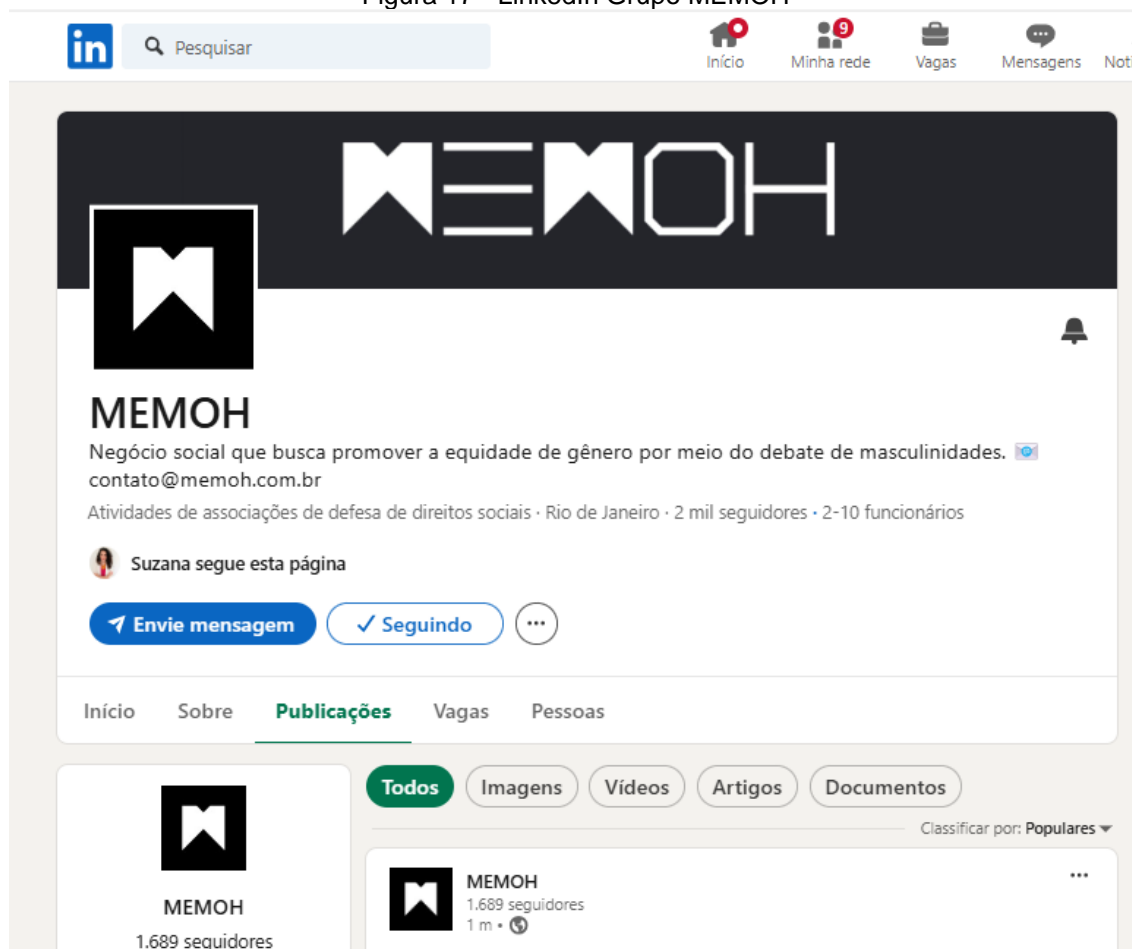


Fonte: Linktree MEMOH⁴²

Na rede social digital LinkedIn, o grupo se apresenta como “negócio social que busca promover a equidade de gênero por meio do debate de masculinidades em ambientes corporativos”.

⁴² Disponível em: <https://linktr.ee/projetomemoh>

Figura 17 - LinkedIn Grupo MEMOH



Fonte: LinkedIn MEMOH⁴³

3.1.1 MEMOH e os grupos reflexivos

Os grupos reflexivos do MEMOH representam espaços de troca fundamentados em uma metodologia própria, inspirada na abordagem de grupos reflexivos desenvolvida pelo Instituto Noos.

Esta metodologia segue os mesmos momentos-chave estabelecidos pelo Noos, incluindo o disparador de conversas, a reflexão grupal e a síntese do debate grupal, denominada de “prática” no MEMOH. Estes encontros visam estimular a reflexão dos participantes sobre os temas propostos e promover a implementação de novos significados e práticas no seu dia a dia.

O público-alvo do MEMOH é composto por homens que não são autores de violência no contexto jurídico, uma distinção importante em relação aos participantes encaminhados pela Lei Maria da Penha para os grupos reflexivos de gênero.

⁴³ Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/memoh>

Um dos princípios fundamentais do MEMOH é o desenvolvimento de uma linguagem acessível que ressoe com um amplo espectro de pessoas. Os “homens incomodados”, termo utilizado para descrever os participantes dos grupos reflexivos do MEMOH, são homens que reconhecem em algum nível comportamentos machistas em si mesmos e/ou reproduzem padrões de conduta que desejam modificar, mas enfrentam dificuldades para fazê-lo. Estes homens reconhecem a responsabilidade que têm na perpetuação da violência de gênero e buscam ativamente meios para desafiá-la.

A predisposição dos participantes em reconhecer suas próprias falhas facilita a reflexão sobre questões anteriormente negligenciadas. Através do estabelecimento de um ambiente de confiança, os participantes são encorajados a explorar seus sentimentos e emoções, bem como compartilhar experiências cotidianas e comportamentos indesejáveis. Este espaço de acolhimento promove uma reflexão crítica sobre as normas de gênero e padrões sociais estabelecidos.

Figura 18 - Roda de Conversa



Fonte: MEMOH

O MEMOH opera sob o princípio da horizontalidade e da ausência de julgamento institucional de certo e errado. Os encontros ocorrem em formato de roda de conversa, promovendo uma dinâmica circular que permite a interação igualitária entre os participantes. Apesar da presença de um líder designado, denominado "Líder da Rodada", a dinâmica é essencialmente horizontal, sem hierarquia estabelecida entre os participantes. A liderança é rotativa e cada encontro conta com um novo representante, promovendo a equidade e a participação igualitária de todos os envolvidos.

A seleção dos temas para discussão parte de questionamentos específicos apresentados pelos participantes e é formatada em uma apresentação compartilhada

com o grupo. Esta abordagem, conhecida como "disparador de conversa", estimula a reflexão e o diálogo entre os participantes. A liderança pode ser assumida voluntariamente por qualquer um dos presentes, promovendo uma distribuição equitativa do poder e reforçando o princípio de isonomia. Em essência, o MEMOH busca criar um espaço igualitário para o diálogo e a reflexão, com importantes implicações políticas.

Os encontros ocorrem de forma quinzenal, totalizando onze encontros em um ciclo completo. Cada ciclo corresponde a um semestre acadêmico, durante o qual são realizados três grupos reflexivos. A escolha por ciclos semestrais visa aumentar a participação de homens nos grupos reflexivos e manter um nível de interesse elevado ao longo do período. A frequência quinzenal dos encontros permite um comprometimento adequado por parte dos participantes, pois não entra em conflito com outras agendas e é conveniente para os facilitadores voluntários, conhecidos como "Caseiros", que têm tempo suficiente para preparar os encontros subsequentes de acordo com a metodologia estabelecida.

Os "Caseiros" desempenham um papel central na organização e facilitação dos grupos reflexivos. Eles são responsáveis por cuidar do espaço físico, auxiliar os participantes e garantir a dinâmica dos debates. No entanto, é importante ressaltar que não há uma hierarquia definida entre os participantes, incluindo os Caseiros. O objetivo é promover reflexões e compreensões colaborativas sobre os temas abordados, evitando uma postura autoritária que monopolize o conhecimento. Em vez disso, busca-se estabelecer uma relação de parceria que promova a cumplicidade e crie um ambiente seguro para a troca de ideias. Essa abordagem é reiterada no início de cada encontro, especialmente na primeira parte do disparador de conversa, para mitigar os desequilíbrios de poder existentes na sociedade, como os relacionados a gênero, classe e raça.

Por meio da experiência coletiva proporcionada pelo MEMOH, busca-se promover uma contínua problematização das normas dominantes de masculinidade na sociedade contemporânea, tanto do ponto de vista político, ao questionar essas normas, quanto estético, ao tentar introduzir novas formas de relacionamento humano. No entanto, é importante agir com prudência, evitando excessos que possam comprometer o caráter reflexivo dos debates ou assumir um protagonismo inadequado. Ao mesmo tempo, não se deve hesitar em promover conversas e

atividades relacionadas às questões de gênero com amigos e redes de homens, além de participar ativamente de grupos reflexivos voltados para essa temática.

3.1.2 MEMOH nas empresas

A segunda frente de atuação está relacionada à inserção do MEMOH no contexto corporativo, reconhecendo a importância de levar tais discussões para o ambiente organizacional como forma de garantir a sustentabilidade financeira do trabalho desenvolvido.

Figura 19 - Serviços oferecidos pelo MEMOH para ambientes corporativos



Fonte: MEMOH

O MEMOH oferece serviços exclusivos para ambientes corporativos para abordar o tema de masculinidades e envolver homens nas questões de gênero dentro desses ambientes:

Papo aberto: um evento em que o MEMOH faz uma exposição sobre algum tema relacionado ao debate de masculinidades, visando criar um ambiente menos de palestra e mais de diálogo com as colaboradoras e colaboradores presentes, sem número máximo de participantes.

Workshop Reflexivo: um Workshop Reflexivo conduzido pelo MEMOH, entre homens da empresa, para dar início ao processo de reflexão a partir do compartilhamento de histórias e vivências dos próprios participantes.

Workshop Lideranças: um workshop teórico-prático com a intenção de envolver homens em questões de gênero a partir do efeito cascata gerado pelos líderes da organização.

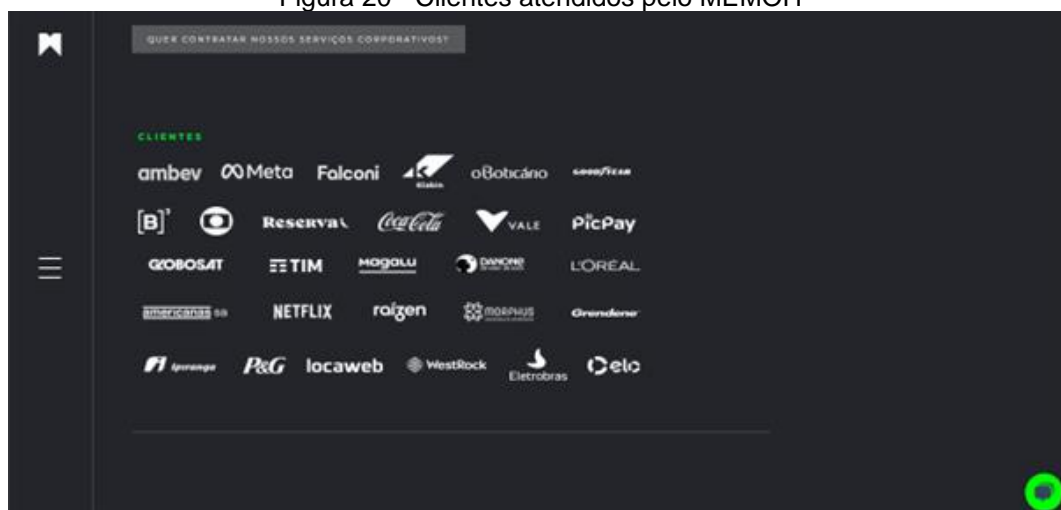
MEMOH Consultoria: desenvolvemos serviços personalizados de acordo com a necessidade da sua empresa com o propósito de promover uma transformação profunda da cultura organizacional. (MEMOH, 2024)

No site do MEMOH existe formulário para solicitação de serviços corporativos, onde a empresa pode deixar seus dados para contato. O site apresenta ainda uma lista com 28 empresas clientes, sendo a maioria delas de grande porte.

A consultoria para agências e empresas tem como objetivo reunir funcionários para discutir como os comportamentos nocivos tradicionalmente relacionados ao olhar masculino prejudicam o ambiente de trabalho.

O MEMOH oferece processos imersivos, que envolvem todos os funcionários e recursos humanos, que trabalham questões específicas da empresa. O grupo também oferece workshops pontuais, de três a quatro horas, abordando boas práticas para que homens evitem o machismo no ambiente de trabalho.

Figura 20 - Clientes atendidos pelo MEMOH



Fonte: MEMOH

Nossa ideia é criar um outro senso de pertencimento entre homens. Hoje, uma das coisas mais difíceis de se fazer é confrontar outro homem que fez alguma besteira, como um amigo de infância, chefe ou familiar. De certa forma, questionar um homem por estar tomando uma atitude típica de 'homens' é questionar sua própria masculinidade e a sua credencial no clubinho. Nossa ideia é criar um espaço genuíno para debater esses temas (Schneider, 2018).

3.2 MEMOH e suas narrativas midiáticas

Com o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, surgiram novas formas de se comunicar e contar histórias, conhecidas como novas narrativas midiáticas ou narrativas digitais. Estas aproveitam as características da

mídia digital para oferecer experiências de narrativas mais interativas, personalizadas e participativas.

As narrativas digitais são frequentemente não lineares e interativas, permitindo que o público explore diferentes caminhos e desfechos da história. Elas também são multimodais, incorporando uma variedade de mídias, como texto, imagem, áudio e vídeo.

Existem hoje várias plataformas e tecnologias que suportam narrativas digitais, incluindo videogames, realidade virtual, aplicativos de histórias interativas e redes sociais. Cada uma dessas plataformas oferece oportunidades para contar histórias e envolver o público de novas maneiras.

As novas narrativas midiáticas são produzidas com tecnologias digitais e disponibilizadas na internet, de forma gratuita ou não. Essas narrativas podem ser encontradas em áreas como educação, entretenimento, marketing e publicidade. Exemplos dessas narrativas incluem videogames interativos, experiências de realidade virtual e aplicativos de histórias interativas, buscando criar experiências imersivas e envolventes para quem as consome.

Alguns tipos de narrativas digitais são os podcasts⁴⁴, vídeos em forma de lives⁴⁵ e webinar⁴⁶, blogs e sites, onde os textos escritos podem incluir imagens, vídeos e outros elementos interativos, histórias digitais⁴⁷, narrativas interativas, que permitem ao público tomar decisões e influenciar o curso da história, relatos digitais⁴⁸, entre outros formatos. Esses formatos de narrativas digitais oferecem novas formas de conectar pessoas ao redor do mundo e compartilhar informações de maneira envolvente e criativa, auxiliando na produção de sentido.

A produção de sentido é um processo pelo qual os seres humanos atribuem significado e interpretam informações, experiências e símbolos presentes em seu

⁴⁴ Narrativas em formato de áudio, que podem também explorar imagens e vídeos, geralmente disponíveis em plataformas como o YouTube ou outras plataformas específicas de podcast.

⁴⁵ O conceito de "live" refere-se a uma transmissão ao vivo realizada por meio de plataformas digitais, como redes sociais ou serviços de streaming. Diferente de vídeos gravados, as lives permitem uma interação em tempo real entre o transmissor e o público, possibilitando comentários, perguntas e respostas instantâneas, criando um ambiente mais dinâmico.

⁴⁶ O termo "webinar" é uma junção das palavras "web" e "seminar", referindo-se a um seminário online, realizado por meio de plataformas digitais. Diferente de uma transmissão ao vivo comum, o webinar costuma ter um foco educativo ou informativo, com apresentações interativas que podem incluir compartilhamento de slides, vídeos, palestras e discussões. Esse formato permite a participação ativa dos espectadores por meio de perguntas, enquetes e sessões de perguntas e respostas, sendo amplamente utilizado em contextos acadêmicos, profissionais e de treinamento.

⁴⁷ Sequências de imagens com textos, sons e vídeos, muitas vezes apresentadas em formato de slides.

⁴⁸ Narrativas pessoais compartilhadas por meio de diferentes mídias digitais.

ambiente. Esse processo envolve a construção ativa de significados com base nas experiências individuais, valores culturais, conhecimento prévio e contexto social. Em outras palavras, a produção de sentido refere-se à forma como as pessoas dão sentido ao mundo ao seu redor, criando significados pessoais e compartilhados.

Na era digital, a produção de sentido é influenciada não apenas pelas narrativas midiáticas tradicionais, mas também pelas novas formas de narrativas digitais, que desempenham um papel crucial na construção de significados e na formação de identidades individuais e coletivas.

Os espectadores das narrativas midiáticas e digitais estão constantemente negociando significados, interpretando e reinterpretando as mensagens de acordo com suas próprias experiências, valores e perspectivas. Isso pode levar a uma variedade de interpretações e entendimentos da mesma história.

As narrativas digitais muitas vezes permitem maior participação e engajamento do público, dando-lhes a oportunidade de influenciar o desenvolvimento da história e o resultado. Isso pode levar a uma sensação de empoderamento e investimento por parte do público na narrativa. No entanto, as narrativas digitais também apresentam desafios, como a disseminação de desinformação e a manipulação do público por meio de técnicas persuasivas e enganosas. O rápido compartilhamento de conteúdo nas redes sociais digitais pode amplificar a propagação de informações falsas e distorcidas.

3.2.1 MEMOH na mídia

O Grupo MEMOH está presente e de forma ativa no ambiente digital, com website⁴⁹, perfis em redes sociais digitais como Instagram⁵⁰ e LinkedIn⁵¹. Possui uma equipe dedicada à produção de conteúdo, com materiais audiovisuais e PodCasts⁵², além de uma assessoria de imprensa atuante, fazendo com que o MEMOH tenha visibilidade em veículos de massa como a TV Globo, em programas como Jornal Nacional e Encontro com Fátima Bernardes, Globo News, GNT, TV Futura e TV Brasil. Há também participação em portais de internet como Uol, Meio e Mensagem, além de revistas como Carta Capital, Isto é, entre tantos outros veículos de comunicação.

⁴⁹ Disponível em: <https://memoh.com.br/>

⁵⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/projeto.memoh/>.

⁵¹ Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/memoh/>

⁵² Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0IT6Qhu5mWrKc9mpeN3dyg>

Figura 21 - Reportagem sobre masculinidades na Globo News



Fonte: Globo News⁵³

A matéria veiculada na Edição das 10h do Globo News, “Masculinidade e o papel do homem são repensados”, veiculado há 4 anos e ainda disponível no portal, trabalhou as questões sobre: “O que é ser homem na nossa sociedade? E quais são os efeitos da construção dessa masculinidade?” A discussão trouxe depoimentos de diversos grupos reflexivos, mostrando o quanto o machismo faz mal, inclusive, para o próprio homem.

Em uma reportagem sobre o machismo, publicada no Portal Isto É, em setembro de 2018, o crescimento e fortalecimento dos grupos reflexivos de gênero foi destacado. “Crescem no País os grupos de homens que procuram, por meio da troca de experiências pessoais, melhorar seus relacionamentos e se libertar de estereótipos associados ao gênero masculino” (Isto É, 2018).

Eles estão se permitindo, assim, ter maior flexibilidade e confiança para expressar seus sentimentos – inclusive ao reconhecer que reproduzem atitudes machistas. ‘Como eu gostaria de poder voltar atrás’, disse à ISTOÉ J.G. (pede para não ser identificado). Ele foi condenado por ter agredido a sua ex-mulher. ‘Sofro de transtorno afetivo bipolar, mas estou melhorando. Nos grupos de homens posso trabalhar sentimentos como vergonha, culpa e remorso.’ (...) ‘Apreendi com o grupo que posso manter sob controle meus rompantes de violência. Agora quero compartilhar o meu bem-estar com outras pessoas’, diz (Isto É, 2018).

⁵³ Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-10/video/masculinidade-e-o-papel-do-homem-sao-repensados-7991955.ghml>

Figura 22 - Membros do Grupo MEMOH na Reportagem sobre masculinidades



Fonte: Globo News

As narrativas midiáticas e digitais desempenham um papel crucial na produção de sentido na contemporaneidade, moldando as percepções, valores e comportamentos do público. Enquanto as narrativas midiáticas tradicionais continuam a desempenhar um papel importante, as narrativas digitais oferecem novas oportunidades para a interação, participação e envolvimento do público na construção de significados. No entanto, também é importante reconhecer os desafios e as questões éticas associadas à produção e disseminação de narrativas digitais na era da desinformação e da manipulação midiática.

Figura 23 - Reportagem no Portal Isto É



Fonte: Portal Isto É⁵⁴

Qual o objetivo central dos encontros?

Desenvolver mais responsabilidade e consciência sobre nossa atuação na sociedade: o que fazemos e falamos. E levar os homens a refletirem sobre como agem com si mesmos e com os outros. Não damos dicas e conselhos. O grupo é um espaço de reflexão sobre nossos próprios comportamentos.

Quais as principais queixas e buscas dos homens no grupo?

Eles estão sem referência. Querem pertencer ao universo masculino, mas não dessa forma padronizada e cheia de estereótipos. Para eles não faz sentido ser o conquistador sexual que não pode expressar sentimentos e emoções, que vê as mulheres como objetos, que deve ser o provedor e estar disposto ao sexo o tempo todo. Existe essa 'caixa do homem' com um conjunto de características pressupostas para ser um 'homem de verdade'. Tudo o que fica de fora é 'coisa de viadinho', o que comprova um enorme preconceito. Os homens querem ser mais afetuosos, poder demonstrar a própria vulnerabilidade, falar de sentimentos e sentir confiança entre eles.

Em geral, como e por que os homens chegam ao MEMOH?

Pelas redes sociais e por indicação boca a boca de outros participantes. Em geral estão incomodados porque já reconhecem seu próprio machismo em algum nível (Isto É, 2018).

⁵⁴ Disponível em: <https://istoe.com.br/cheega-de-ser-machista-2/>

Figura 24 - Matéria publicada no portal Meio e Mensagem



Fonte: Meio e Mensagem⁵⁵

O consumidor de hoje espera um novo retrato da vulnerabilidade e expressão das emoções, e muitos influenciadores e marcas já estimulam isso. O feminismo e discussões sobre gênero têm ajudado a mudar o mindset e estímulos das gerações mais novas desde a infância, afirma Julia Faria, gerente de vendas da consultoria de tendências WGSN. Ela afirma que a 'masculinidade tóxica', associada a dominância sexual e violência que geram desigualdades de gênero, começa a dar lugar a estímulos positivos. Assim, a representação de grupos de amigos, pais, namorados e maridos na publicidade também sofre alterações (Meio e Mensagem, 2018).

Como consequência desses novos comportamentos, segmentos ligados à beleza e moda são os primeiros a desapegar dos velhos ideais masculinos. A Natura criou em 2017 o evento "Homens Possíveis", em parceria com o portal Papo de Homem, para debater as características do homem contemporâneo. A Mash, marca de cuecas, decidiu apostar em um casting real para mostrar a diversidade de corpos entre homens. Pais presentes e protagonistas nos cuidados domésticos e dos filhos também apontam para um novo retrato na comunicação. Isso pode estar relacionado, segundo Julia, da WGSN, à existência de mais homens jovens que foram criados por mães provedoras, que trabalham fora de casa e são responsáveis pelas finanças do lar, o que acaba por alterar a autorrepresentação formada por eles.

Essa mudança está refletida também em uma pesquisa do Google, na qual 88% dos homens dizem acreditar que não faz sentido terceirizar a educação dos filhos às mulheres. O tema está presente na campanha Cuidado de Pai, da Bepantol, e na última campanha da Natura para o Dia dos Pais, ambas trazendo uma figura paterna

⁵⁵ Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/comunicacao/nova-masculinidade-como-comunicar-para-homens-em-desconstrucao>.

mais afetiva. “Vemos a quebra do conceito do pai provedor, que cuida apenas das economias”, diz Júlia.

Figura 25 - Anúncio da Natura quebra estereótipo do pai não afetivo



Fonte: Meio e Mensagem

No contexto do Grupo Reflexivo MEMOH, os membros se envolvem ativamente na produção das narrativas midiáticas digitais. Eles colaboram na criação de conteúdo que desafia narrativas tradicionais ou estereotipadas, abordando questões variadas, desde política até cultura popular. Essas novas narrativas são frequentemente voltadas para promover uma visão mais crítica e diversificada dos eventos contemporâneos, com um foco especial na mídia e sua influência.

Para analisar as narrativas midiáticas digitais utilizadas pelo Grupo MEMOH, com a finalidade de verificar o discurso de resignificação das masculinidades contemporâneas, apresentamos conteúdos produzidos pelo grupo durante o ano de 2023 nas redes sociais digitais Instagram e LinkedIn, com foco na campanha “Homem e o Cuidado”. A proposta é analisar a influência dessas estratégias na percepção e construção das novas masculinidades.

3.2.2 MEMOH nas redes sociais digitais

Analisando a presença do MEMOH nas redes sociais digitais, o perfil no Instagram atualmente conta com mais de 29 mil seguidores e 271 publicações⁵⁶. Dentre os conteúdos trabalhados nas postagens no ano de 2023, podemos destacar:

1. Apresentação do Grupo MEMOH, metodologia de trabalho, apoiadores, chamada para eventos e encontros, entre outros;
2. PodCast, com divulgação de trechos dos episódios;
3. Depoimentos dos participantes do Grupo MEMOH;
4. Textos sobre questões de gênero, raça e classe e citações de autores que são referência sobre as masculinidades;
5. Datas comemorativas que são relevantes ao tema, entre outros.

Figura 26 - Postagens no Instagram do MEMOH



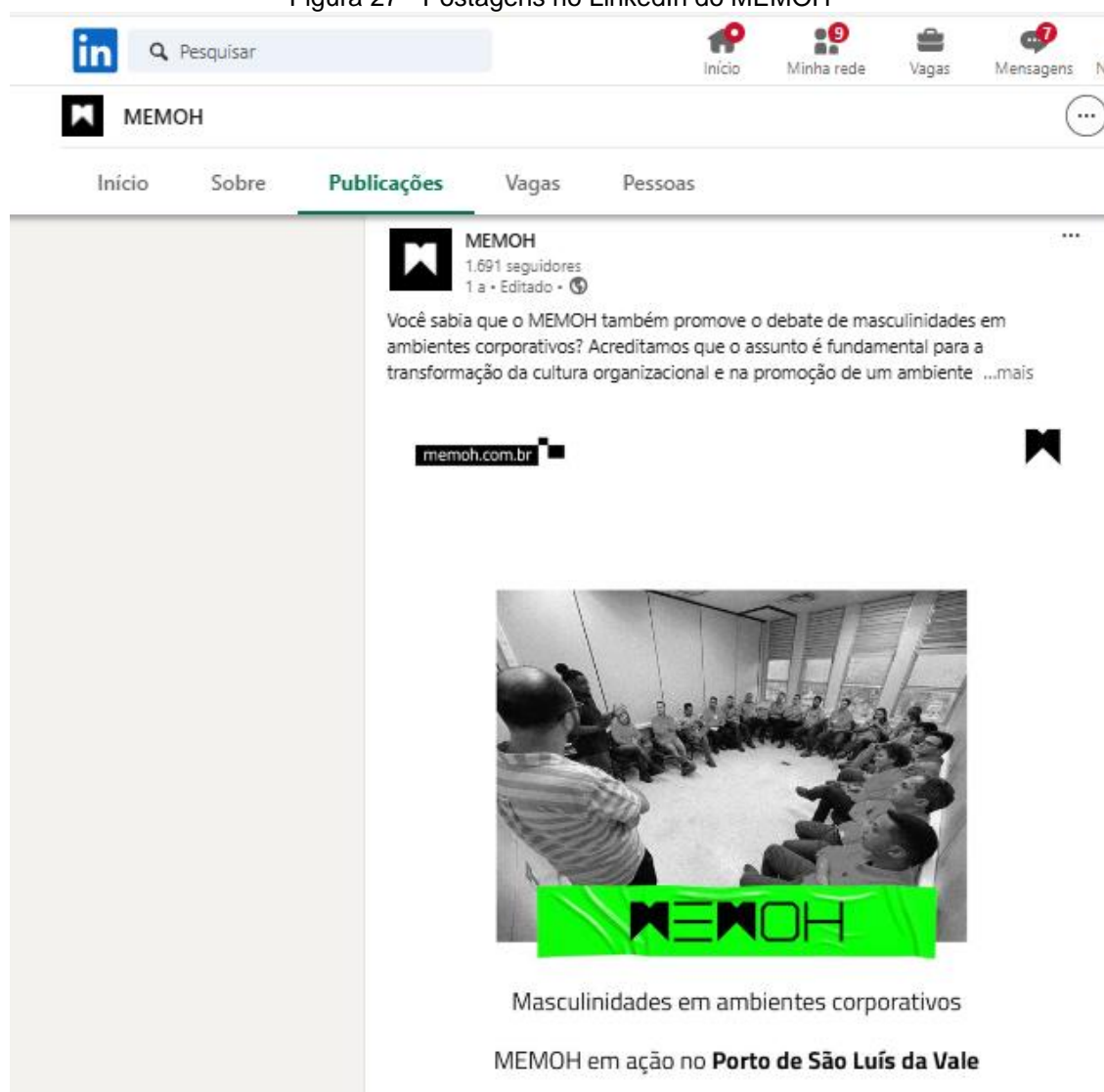
Fonte: Instagram MEMOH⁵⁷

⁵⁶ Dados atualizados em 20 de agosto de 2024.

⁵⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/projeto.memoh/>

Já o perfil do Grupo MEMOH no LinkedIn possui uma abordagem mais voltada ao perfil corporativo. Com cerca de 1.691 seguidores, a página segue a linha de postagens do Instagram, mas com algumas postagens mais específicas sobre as questões de gênero no mercado de trabalho. As postagens também dão destaque às empresas parceiras, que já desenvolveram atividades do Grupo MEMOH com seus funcionários, como mostra a figura a seguir:

Figura 27 - Postagens no LinkedIn do MEMOH



Fonte: LinkedIn⁵⁸

Você sabia que o MEMOH também promove o debate de masculinidades em ambientes corporativos? Acreditamos que o assunto é fundamental para a transformação da cultura organizacional e na promoção de um ambiente equânime.

⁵⁸ Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/memoh/>

No final de maio, nossos consultores realizaram uma série de atividades com os funcionários do Porto da Vale, em São Luís do Maranhão, durante uma semana intensa e gratificante. Conduzimos dois 'Papos Abertos sobre masculinidades', destinados aos tutores de trainees operacionais, e quatro "Rodas de Conversa", direcionadas às lideranças.

Ficamos muito satisfeitos em ver a receptividade e a participação ativa dos colaboradores do Porto. ❤️

Se você quer levar essa discussão para sua empresa ou organização, entre em contato através do contato@memoh.com.br! (MEMOH, 2023)⁵⁹.

3.2.3 PodCast

O podcast do MEMOH teve início em 2019. Alguns dos episódios traziam explicações sobre o que era o grupo e como era sua metodologia de trabalho, e também assuntos polêmicos e atuais como machismo no trabalho, assédio em espaços públicos, ausência paterna, machismo no universo LGBTQIA+, entre outros.

No ano de 2022, o podcast teve uma pausa em suas produções, voltando apenas em maio de 2023, com a proposta de trabalhar o tema "o cuidado". O grupo propôs um estudo aberto e autoral sobre homens e cuidado, como um elemento fundamental nas reflexões sobre relações de gênero. Seguindo o tema proposto, foram produzidos e veiculados 18 podcasts durante o ano de 2023, com ampla divulgação e compartilhamento em suas redes sociais digitais.

A seguir, apresentamos mais dados sobre as narrativas produzidas dentro desses conteúdos durante o ano de 2023, seguidos de análises qualitativas.

3.3 Estudo de caso


3.3.1 Apresentação


O estudo de caso do Grupo Reflexivo MEMOH teve como foco os conteúdos produzidos nas redes sociais digitais durante o ano de 2023, mais especificamente a campanha "HOMENS E CUIDADO".


As narrativas midiáticas produzidas pelo grupo foram construídas no formato de podcast, utilizando as redes sociais digitais do MEMOH como principais veículos


⁵⁹ Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/memoh/posts/> Acesso em: 18 ago.2023.

de divulgação dos conteúdos produzidos. O MEMOH utilizou como estratégia de conteúdo a criação de 4 categorias diferentes para abordar o tema proposto:

 **Roda de Conversa** - formato tradicional e muito querido por todo mundo, vai contar com Pedro de Figueiredo e Lincoln Frutuoso como âncoras, sempre com mais dois convidados e uma cutucada da sagaz Isabela Venturoza pra fazer a conversa fluir;

 **MEMOHFONE** - vocês, nossos MEMOHções, vão ter um espaço de troca especial por aqui! O que antes era um quadro dentro dos episódios, agora ganha um espaço próprio comandado pelo grande Abel Oliveira. Vamos escutar suas dúvidas, críticas, sugestões e até, quem sabe, elogios;

 **Homem de Fé** - momento liderado pelo Pastor Ronan Lima, será uma conversa entre figuras religiosas (de diferentes religiões, beleza?) para falar de Masculinidades, Religião e Cuidado;

 **MEMOHConvida** - uma entrevista com especialistas em Cuidado, pessoas das mais diferentes áreas de atuação e repertório vão nos aproximar do assunto que nos propomos a investigar (MEMOH, 2023)⁶⁰

No quadro a seguir, foi listado o cronograma dos materiais produzidos e as datas das veiculações nas redes sociais digitais do MEMOH:

Quadro 1 – Cronograma dos conteúdos produzidos em 2023

	Veiculação	Categoria	Link de acesso
Estamos de volta, meus amigos	10/05/2023	Lançamento	https://l1nk.dev/t29gh
Episódio 00 – O cuidado como contra-ataque	16/05/2023	Roda de Conversa	https://acesse.one/LXk7U
MEMOHFONE – Recordar é viver	23/05/2023	MEMOHFONE	https://l1nk.dev/gUKR0
MEMOH Convida: Nana Lima	30/05/2023	MEMOH Convida	https://l1nk.dev/yjJuE
Homem de fé com Ivanir dos Santos	06/06/2023	Homem de fé	https://l1nk.dev/vx85S
Se passou, passou	13/06/2023	Roda de Conversa	https://acesse.one/h9EHJ
MEMOHFONE #001: De que cuidado estamos falando?	20/06/2023	MEMOHFONE	https://acesse.one/9EUFd
MEMOH Convida: Daniel Costa Lima	27/06/2023	MEMOH Convida	https://l1nk.dev/Xs2gL
A confiança como premissa pro cuidado	11/07/2023	Roda de Conversa	https://l1nk.dev/yBcjL

⁶⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsHZfUVJ7DB/>. Acesso em: 8 ago.2024.

Homem de fé com Otávio Damichel	04/07/2023	Homem de fé	https://l1nk.dev/xLTUh
MEMOHFONE #002: Conexões com o estudo "Homens e Cuidado"	18/07/2023	MEMOHFONE	https://acesse.one/jOlaP
Ressentimento entre pais e filhos. (parte 1)	02/08/2023	Roda de Conversa	https://l1nk.dev/lGvQV
Ressentimento entre pais e filhos. (parte 2)	10/08/2023	Roda de Conversa	https://acesse.one/BO3MJ
MEMOHFONE #003: Ressentimentos e Paternidades	15/08/2023	MEMOHFONE	https://l1nk.dev/CHA1Q
MEMOH Convida: Marcos Nascimento	16/10/2023	MEMOH Convida	https://l1nk.dev/hTLDw
Saúde do Homem	24/10/2023	Roda de Conversa	https://acesse.one/vcWJI
Saúde Mental do Homem	22/11/2023	Roda de Conversa	https://l1nk.dev/PiVlx
MEMOHFONE #04: Recap da temporada	05/12/2023	MEMOHFONE	https://acesse.one/WfKEu

Fonte: A autora

Compreendemos com o presente estudo a forma como os homens utilizam o espaço oferecido pelo MEMOH para discutirem questões das masculinidades. Nesse caso, em especial, o cuidado como elemento fundamental nas relações de gênero.

O objetivo geral é analisar as narrativas dos podcasts em relação ao tema "HOMENS E CUIDADO". Os objetivos específicos contemplam identificar como o cuidado é abordado nas conversas e correlacionar as discussões com a construção de narrativas, vínculos, resiliência e ressignificação.

A metodologia utilizada para este estudo de caso foi a análise qualitativa das narrativas dos podcasts.

O referencial teórico, já apresentado nos capítulos 1 e 2 da presente tese, contemplou os seguintes conceitos:

- Gênero: Revisão da literatura sobre o conceito de cuidado e sua relevância nas discussões de gênero.
- Construção de Narrativas: Teorias sobre como narrativas são formadas e utilizadas em contextos sociais.
- Vínculos e Resiliência: Exploração de conceitos de vínculos emocionais e resiliência, especialmente em contextos de masculinidades.
- Ressignificação: Discussão sobre como narrativas e práticas podem ser ressignificadas em novos contextos, especialmente no que diz respeito ao cuidado e gênero.

3.3.2 Metodologia

Desenho do Estudo:

- O estudo de caso é uma abordagem metodológica eficaz para analisar a construção de narrativas do grupo MEMOH, pois permite uma análise contextualizada das experiências e significados compartilhados nas redes sociais digitais, em especial durante os podcasts. Através do estudo de caso, é possível explorar como as narrativas são construídas, interpretadas e ressignificadas pelos participantes, considerando o contexto social, cultural e relacional em que essas conversas ocorrem. Essa metodologia possibilita a compreensão das nuances e complexidades das narrativas em torno do cuidado, resiliência e relações de gênero, proporcionando insights sobre como essas histórias contribuem para a formação de identidades e para a reflexão sobre questões de gênero e masculinidade.

Coleta de Dados:

- Para o presente estudo, foram escolhidos os podcasts da categoria “Roda de Conversa”, por apresentarem mais interação entre os participantes e por terem sido mencionados como “os mais especiais” por eles, durante o último episódio, que foi ao ar em dezembro de 2023. Foram escolhidos e analisados os seguintes episódios dos podcasts:
 - Se passou, passou⁶¹
 - A confiança como premissa pro cuidado⁶²
 - Ressentimento entre pais e filhos (partes 1⁶³ e 2⁶⁴)
 - Saúde do homem⁶⁵
 - Saúde mental do homem⁶⁶

Análise de Dados:

⁶¹ Episódio exibido em 13 de junho de 2023, disponível em: <https://acesse.one/h9EHJ>

⁶² Episódio exibido em 11 de julho de 2023, disponível em: <https://l1nk.dev/yBcJL>

⁶³ Episódio exibido em 02 de agosto de 2023, disponível em: <https://l1nk.dev/lGvQV>

⁶⁴ Episódio exibido em 10 de agosto de 2023, disponível em: <https://acesse.one/BO3MJ>

⁶⁵ Episódio exibido em 24 de outubro de 2023, disponível em: <https://acesse.one/vcWJI>

⁶⁶ Episódio exibido em 22 de novembro de 2023, disponível em: <https://l1nk.dev/PiVlx>

- Método utilizado para analisar as narrativas dos podcasts:
 - Transcrição, utilizando o software “Google Docs”, empregando a ferramenta “Digitação por voz”.
 - Para interpretação dos temas, foi utilizada a análise de narrativas, que foca na estrutura e conteúdo das histórias contadas pelos participantes. Essa análise examina como as narrativas são construídas e como elas refletem as experiências e perspectivas dos envolvidos. A técnica auxiliará no entendimento de como as narrativas dos homens no podcast refletem e constroem significados em torno do tema cuidado e relação de gênero.

3.3.3 Análise dos PodCasts: um breve resumo dos episódios

Os episódios de podcast do grupo reflexivo MEMOH, durante o ano de 2023, foi centrado em um tema crucial: o cuidado. Este conceito permeia todas as discussões e reflexões ao longo dos episódios, buscando não apenas debater a masculinidade, mas também propor uma mudança profunda na forma como os homens se relacionam com o cuidado.

Pedro de Figueiredo, idealizador da iniciativa, e Lincoln Frutuoso, líder de projetos do MEMOH, conduziram as conversas ao lado de convidados que compartilharam suas experiências e reflexões sobre a importância do cuidado nas relações de gênero. O podcast se coloca como um espaço de troca e de construção coletiva, desafiando os ouvintes a refletirem sobre como o cuidado pode transformar as dinâmicas masculinas.

O estudo explora o cuidado como um elemento fundamental nas relações de gênero, buscando evidenciar sua importância por meio de diferentes esferas de relacionamento: o cuidado consigo mesmo, com os outros e com a sociedade em geral. A narrativa do podcast revela a complexidade e os desafios envolvidos no ato de cuidar, rompendo com a ideia simplista de que o cuidado é algo inerentemente fácil ou natural.

Essa introdução prepara o terreno para uma análise mais profunda das conversas e narrativas que emergem dos episódios, que são correlacionadas com temas como resiliência, resignificação e a construção de vínculos, trazendo à tona o papel do cuidado nas reflexões sobre masculinidades e equidade de gênero.

O episódio de abertura do podcast, “O cuidado como contra-ataque⁶⁷”, exibido em 16 de maio, marcou o início da terceira temporada com o foco no tema do cuidado, eixo principal de discussão ao longo de 2023, compartilhando o propósito do MEMOH para esse projeto: mobilizar homens para a equidade de gênero, promovendo debates sobre masculinidade através de grupos reflexivos e conteúdo educativo.

Os apresentadores, Pedro de Figueiredo e Lincoln Frutuoso, e seus convidados Isabela Venturosa, Abel Oliveira e Pastor Ronan, destacaram que o cuidado é uma questão essencial nas relações de gênero, ressaltando que, historicamente, esse papel tem sido atribuído às mulheres, enquanto os homens permanecem distantes dessas responsabilidades. O objetivo da temporada é explorar como o conceito de masculinidade pode ser reconstruído com base no cuidado, em oposição à dominação e à violência, proporcionando uma transformação cultural.

O episódio também mencionou um estudo autoral que o MEMOH desenvolverá ao longo da temporada. Esse estudo, baseado em três esferas de relação (consigo mesmo, com os outros e com a sociedade), visa coletar dados para entender melhor o papel do cuidado nas vivências masculinas e propor um novo senso de pertencimento, onde o cuidado seja valorizado socialmente, especialmente entre os homens.

A conversa abordou ainda a desconstrução de estereótipos e modelos tradicionais de masculinidade, como o “homem provedor”, e a necessidade de os homens assumirem maior responsabilidade pelo autocuidado e pelo cuidado dos outros, criando uma sociedade mais equânime e solidária.

O episódio enfatizou a importância de discutir o cuidado como um ato político, além de refletir sobre os impactos da ausência masculina nos espaços de cuidado, tanto em termos de sobrecarga das mulheres quanto de prejuízo para os próprios homens, que não aprendem a cuidar.

Os participantes exploraram o cuidado como um eixo central na construção de vínculos, destacando sua complexidade e como ele atravessa questões de gênero, classe e raça. Abel Oliveira, refletindo sobre sua experiência ao cuidar da mãe doente, descreve um processo doloroso, que o conectou com a responsabilidade do cuidado de forma visceral e inesperada. Ele relatou como a ausência de preparo para assumir esse papel o marcou profundamente, revelando o impacto cultural da falta de estímulo

⁶⁷ Disponível em: <https://acesse.one/LXk7U>

ao cuidado entre os homens. Abel ressaltou que o cuidado não é simples e frequentemente envolve uma sobrecarga emocional que muitos homens não estão preparados para lidar, levando à construção de resiliência forçada pela necessidade. Sua história não só ilustra a dificuldade de assumir o cuidado, mas também a ressignificação desse papel tradicionalmente associado ao feminino.

Isabela Venturosa complementou ao afirmar que o cuidado é um espaço político e de poder, enfatizando que não se trata de uma tarefa leve ou romântica. Ela conecta o cuidado ao vínculo, apontando que ele é intrínseco às responsabilidades cotidianas, como criar filhos e cuidar de parentes doentes. Ao mesmo tempo, Pedro e Pastor Ronan refletiram sobre como os homens muitas vezes só entram em contato com o cuidado em momentos trágicos, como o adoecimento de um ente querido, ou com a paternidade, o que pode provocar uma resistência inicial, mas também uma ressignificação e conscientização do papel que eles devem assumir.

A discussão evidenciou que o cuidado não pode ser reduzido a uma lista de tarefas ou visto como uma solução simples para os problemas de gênero. Ao contrário, ele exige uma mudança profunda nas formas de pensar e agir dos homens, um processo que requer vulnerabilidade, resiliência e um esforço contínuo para dividir a responsabilidade com as mulheres, que historicamente assumem esse fardo sozinhas. A narrativa compartilhada pelos participantes do podcast destacou como o cuidado, quando reconhecido e assumido, pode transformar não apenas suas vidas, mas também a sociedade, ao promover novos vínculos e perspectivas sobre o que significa cuidar e ser cuidado.

3.3.3.1 “Se passou, passou”⁶⁸

Com duração de 1 hora e 15 minutos, o primeiro episódio do estudo sobre Homens e Cuidado, da série Roda de Conversa, os hosts Pedro de Figueiredo e Lincoln Frutuoso tiveram como convidados Fernando Cespe e Ismael dos Anjos. O podcast discutiu sobre a fuga das tarefas de cuidado do cotidiano, que proporcionam pouca satisfação pessoal ou reconhecimento social, em que os homens, pelos privilégios que possuem, acabam evitando sistematicamente. Dessa conversa, muitas questões importantes foram levantadas, como:

⁶⁸ O resumo da transcrição do episódio e a análise das narrativas construídas estão no Apêndice 3.

- O cuidado em suas três esferas: consigo, com o outro e com a sociedade;
- A relação entre raça, gênero e cuidado;
- O cuidado no âmbito do trabalho doméstico e no âmbito do trabalho corporativo;
- A responsabilização pelo cuidado coletivo e socialmente.

3.3.3.2 “A confiança como premissa pro cuidado”⁶⁹

Com duração de 1 hora e 7 minutos, o episódio da série Roda de Conversa sobre Homens e Cuidado teve como convidados Caio César e Andrio Robert para falar sobre a relação entre confiança e cuidado. Como estimular homens a se aproximarem do cuidado se não confiamos neles foi a questão principal da discussão. Além de inusitado, esse cuidado quando feito por homens, especialmente quando voltado para crianças e adolescentes, gera receios diversos relacionados ao risco de violências, abusos, entre outros. Os seguintes tópicos foram abordados no episódio:

- A presença de homens na educação infantil e as diferenças de quando esse homem é gay ou hétero;
- O cuidado enquanto função coletiva;
- O discurso biologizante que especifica o lugar do cuidado a partir dos papéis de gênero;
- A não valorização dos trabalhos entendidos como trabalhos de cuidado.

3.3.3.3 Ressentimento entre pais e filhos (parte 1)⁷⁰

O episódio trabalhou o macro tema “Cuidado e Paternidades”, explorando o ressentimento enquanto um sentimento bastante comum e pouco discutido quando o assunto são as relações entre pais e filhos. Os convidados foram Humberto Baltar e João Hugo. As questões levantadas por eles foram:

- Os pais enquanto referências do que não ser;
- As mágoas presentes nas construções enquanto cuidadores;

⁶⁹ O resumo da transcrição do episódio e a análise das narrativas construídas estão no Apêndice 4.

⁷⁰ O resumo da transcrição do episódio e a análise das narrativas construídas estão no Apêndice 5.

- A influência das estruturas sociais na produção dessas ausências paternas no cuidado;
- A fuga da responsabilidade como uma opção que não pode ser validada.

3.3.3.4 Ressentimento entre pais e filhos (parte 2)⁷¹

O episódio trabalhou a continuidade do assunto anterior sobre o ressentimento e como esse sentimento, bastante presente na relação entre pais e filhos, pode ser discutido. Os convidados foram Abel Oliveira, Caio César e Fábio Mariano. A roda de conversa levantou as seguintes questões:

- O ressentimento e o afastamento consciente dos filhos e seus pais;
- A não individualização de questões que são sociais e estruturais;
- A pressão familiar e a romantização dos vínculos familiares;
- A busca por outras referências sobre o cuidado.

3.3.3.5 Saúde do homem⁷²

Outro macro tema trabalhado nas rodas de conversa foi a saúde do homem. Os hosts Pedro de Figueiredo e Lincoln Frutuoso tiveram como convidados Lucas Fontaine e Leonardo Peçanha. O assunto foi a saúde no seu sentido integral e os tópicos discutidos foram:

- Os profissionais de saúde e o atendimento inadequado aos homens;
- O racismo e a transfobia no Sistema de Saúde brasileiro;
- Nossos hábitos diários e o cuidado preventivo;
- A organização e a mobilização dos homens na busca por saúde.

⁷¹ O resumo da transcrição do episódio e a análise das narrativas construídas estão no Apêndice 5.

⁷² O resumo da transcrição do episódio e a análise das narrativas construídas estão no Apêndice 6.

3.3.3.6 Saúde mental do homem⁷³

Dando continuidade à roda de conversa sobre “Saúde do Homem”, o episódio teve como convidados Lucas Freitas e Lucas Veiga para falar da saúde mental dos homens. Para responder à pergunta: “Por que, nós homens temos tão pouco repertório pra lidar com as questões de saúde mental?” A roda de conversa levantou diversas outras questões, como:

- A violência racial como um fator significativo no adoecimento mental;
- O sofrimento psíquico enquanto um problema político;
- A busca por repertório para lidar com questões de saúde mental em paralelo à dificuldade dos homens de se colocarem no lugar de “não saber”;
- O cuidado com as relações sociais: afetivas, profissionais, familiares, entre outros.

Os episódios analisados abordam temas centrais relacionados às experiências masculinas no cuidado e nas relações entre pais e filhos. Um dos exemplos é o episódio “Ressentimento entre pais e filhos”, em que o afastamento e a falta de comunicação são discutidos sob a perspectiva de como isso afeta a formação de vínculos e o cuidado no contexto familiar.

Temas Emergentes

Os principais temas discutidos nos episódios incluem a intersecção de cuidados com raça, gênero, classe e saúde; a construção de narrativas de paternidade e masculinidade; e a resiliência e ressignificação das responsabilidades de cuidado na sociedade contemporânea.

- **Cuidado:** Como o cuidado é desempenhado e como a falta dele afeta as relações familiares, especialmente na criação de filhos.
- **Construção de narrativas:** As histórias contadas revelam a importância da reflexão e da ressignificação de papéis masculinos no cuidado.

⁷³ O resumo da transcrição do episódio e a análise das narrativas construídas estão no Apêndice 6.

- **Vínculos e resiliência:** O papel dos pais na construção de laços afetivos e o impacto emocional da ausência ou presença parcial de figuras paternas são abordados como elementos fundamentais para a resiliência emocional.
- **Ressignificação:** Homens que, ao refletirem sobre suas próprias experiências familiares, conseguem ressignificar suas relações e se tornarem mais conscientes sobre suas práticas de cuidado.

Exemplos de Narrativas:

Os episódios oferecem exemplos detalhados que ilustram os desafios e resistências dos homens em assumir papéis de cuidado, bem como as dinâmicas emocionais e sociais envolvidas nas relações de gênero e paternidade.

Um exemplo notável aparece no episódio em que um participante relata como a ausência de seu pai influenciou negativamente suas percepções de afeto e responsabilidade. Ele explica como, mesmo após a morte de seu pai, ainda sente ressentimento pela negligência e a falta de cuidado durante sua infância.

3.3.4 Discussão

Interpretação dos Resultados:

Os resultados dos episódios sugerem uma profunda interconexão entre o cuidado, a masculinidade e as estruturas sociais que definem papéis de gênero, reforçando a necessidade de repensar esses papéis à luz de novas narrativas emergentes. Os resultados demonstram que as experiências de paternidade, especialmente as marcadas por ausência ou negligência, estão intrinsecamente conectadas a normas sociais e culturais que moldam os papéis de gênero. A análise revela que, embora o contexto social possa ser desculpa para comportamentos prejudiciais, a responsabilidade pessoal e social pelo cuidado deve ser compartilhada e reavaliada.

Implicações para as Relações de Gênero:

Os achados dos podcasts têm implicações significativas para a compreensão das relações de gênero, destacando o papel do cuidado como uma ferramenta para desconstruir estereótipos masculinos e promover equidade de gênero.

As discussões reforçam que os homens, muitas vezes, são socializados para evitar demonstrar vulnerabilidade e cuidado, o que perpetua uma divisão de gênero no que diz respeito às tarefas domésticas e emocionais. Essa lacuna resulta em uma sobrecarga para as mulheres, criando um ciclo de desigualdade dentro das relações familiares e sociais.

3.3.5 Conclusão

Resumo dos Principais Achados:

Os principais achados indicam que a aproximação dos homens ao cuidado é um processo complexo, que envolve a desconstrução de estereótipos e a criação de novas narrativas de masculinidade.

Os episódios revelam que os homens estão começando a refletir e reconhecer a importância do cuidado em suas vidas, e como a ausência dele, muitas vezes enraizada em normas sociais antigas, tem consequências duradouras sobre suas relações familiares.

Em todos os países, qualquer que seja a situação das mulheres, é urgente definir *uma moral do masculino* para o conjunto das ações sociais. Como impedir os homens de desrespeitar os direitos das mulheres? Em matéria de igualdade entre os sexos, como ser um 'cara legal'? Hoje em dia, precisamos de homens igualitários, hostis ao patriarcado, que valorizem o respeito mais que o poder. Apenas homens, mas homens justos (Jablonka, 2022, p. 13).

Contribuições do Estudo:

Este estudo contribui para a literatura existente ao fornecer uma análise prática e teórica do cuidado nas relações de gênero, destacando sua importância em grupos reflexivos e em processos de transformação social. Contribui significativamente para a literatura sobre masculinidade e cuidado, abordando a necessidade de os homens se envolverem mais ativamente nos cuidados com suas famílias e com suas próprias vulnerabilidades emocionais.

Algumas sugestões para pesquisas futuras consistem em explorar como intervenções educacionais e culturais podem promover uma maior equidade de gênero, especificamente nas esferas doméstica e emocional, e como essas mudanças podem impactar as novas gerações.

3.4 Proposição de Manual de Comunicação como contribuição da pesquisa

É preciso trazer à pauta da comunicação questões como o silêncio, o afeto, o vínculo, o corpo, ao invés de centrarmos a atenção na verborragia das redes virtuais, na eficiência tecnológica, na conectividade técnica. O projeto de comunicação precisa considerar, mais do que nunca, seu potencial de oferecer estratégias de resiliência (Contrera, 2017, p. 140).

O roteiro a seguir fornece uma estrutura abrangente para criar um manual detalhado e prático, voltado para a promoção de equidade de gênero e ressignificação das masculinidades na comunicação publicitária.

Ele pode e deve ser ajustado conforme necessário para se adequar às necessidades específicas de diferentes públicos e contextos.

Manual de Comunicação Publicitária com Conduta de Equidade de Gênero para Ressignificação das Masculinidades

- **Objetivo do Manual:** Apresentar diretrizes e práticas para criar campanhas publicitárias que promovam a equidade de gênero e ressignifiquem as masculinidades.
- **Público-Alvo:** Profissionais de marketing, professores, publicitários, criativos e comunicadores.
- **Justificativa:** Importância da Equidade de Gênero na Publicidade. Contextualização da relevância de abordar questões de gênero na comunicação publicitária.
- **Estrutura sugerida:**
 - Introdução
 - Fundamentos da Equidade de Gênero na Publicidade
 - Ressignificando as Masculinidades
 - Diretrizes para uma Comunicação Publicitária Inclusiva
 - Estrutura e Desenvolvimento de Campanhas Publicitárias
 - Ferramentas e Práticas para Narrativas Transformadoras

- Implementação e Avaliação
- Planejamento e Execução: Passos para implementar campanhas publicitárias seguindo as diretrizes de equidade de gênero.
- Conclusão

Recapitulação dos Principais Pontos:

- Resumo das diretrizes e práticas apresentadas no manual
- Compromisso com a Equidade de Gênero

Leituras Recomendadas:

- Livros, artigos e pesquisas sobre publicidade e equidade de gênero.

Organizações e Iniciativas:

- Lista de organizações que trabalham com equidade de gênero e masculinidades plurais.

Glossário:

- Termos e definições-chave relacionados à equidade de gênero e masculinidades.

Em conclusão, este capítulo apresentou o Grupo MEMOH e seu papel na construção de novas narrativas midiáticas com o objetivo de ressignificar as masculinidades. A análise do corpus, composto pelos conteúdos digitais veiculados nas redes sociais LinkedIn e Instagram em 2023, permitiu delinear como essas plataformas são utilizadas para promover discussões que desafiam os estereótipos patriarcais e misóginos. A partir das reflexões propostas, trouxemos respostas ao problema de pesquisa, evidenciando o impacto das novas narrativas no processo de transformação das masculinidades e reforçando a importância da comunicação digital como ferramenta estratégica na desconstrução da masculinidade hegemônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou investigar as novas narrativas midiáticas e suas implicações na ressignificação das masculinidades, tendo como corpus de pesquisa o Grupo Reflexivo MEMOH.

Os resultados alcançados ao longo do estudo revelam a importância crucial da comunicação como ferramenta de transformação social, especialmente no que tange à desconstrução de estereótipos de gênero e à promoção de uma visão mais plural e inclusiva das masculinidades.

A comunicação desempenha um papel central na construção e disseminação de significados na sociedade. A presente pesquisa reafirma que, quando orientada por princípios de equidade, inclusão e justiça social, a comunicação tem o potencial de promover mudanças significativas nas percepções e práticas sociais. As novas narrativas midiáticas emergem como instrumentos de grande relevância na desconstrução de modelos tradicionais de masculinidade que, por muito tempo, perpetuaram desigualdades e injustiças de gênero.

O Grupo MEMOH, objeto de estudo desta pesquisa, exemplifica como práticas comunicacionais podem ser estruturadas para desafiar e ressignificar conceitos enraizados de masculinidade. As rodas de conversa, sejam nos encontros dos grupos reflexivos, nas empresas parceiras ou nos podcasts, as campanhas educativas e outras iniciativas promovidas pelo MEMOH ilustram a capacidade da comunicação de atuar como um catalisador para a mudança social. Tais práticas não apenas promovem o diálogo e a reflexão crítica, mas também facilitam a construção de novas formas de ser e de se relacionar, baseadas na empatia, no respeito mútuo e na igualdade de gênero.

Uma das principais contribuições deste estudo é a constatação de que a ressignificação das masculinidades é um processo complexo, que exige um esforço contínuo e multifacetado. A desconstrução de estereótipos de gênero, em particular os relacionados à masculinidade hegemônica, demanda uma abordagem estratégica e consciente por parte dos profissionais de comunicação e das organizações que se dedicam a esse tema.

O MEMOH, ao utilizar narrativas que promovem a reflexão sobre as experiências masculinas em um contexto de igualdade de gênero, evidencia a importância de se criar espaços onde os homens possam expressar suas

vulnerabilidades e questionar os padrões tradicionais que lhes foram impostos. Através dessas práticas, observa-se não apenas uma transformação individual, mas também um impacto coletivo, que se reflete na maneira como a sociedade enxerga e valoriza diferentes formas de masculinidade.

Este trabalho contribui de maneira significativa para o campo da comunicação, ao evidenciar como as narrativas midiáticas podem ser utilizadas para promover a ressignificação das masculinidades. A análise do caso do MEMOH revela que a comunicação, quando empregada de forma estratégica e inclusiva, tem o poder de moldar novas realidades sociais e de fomentar um ambiente mais igualitário e respeitoso para todos.

Além disso, este estudo também aponta para a necessidade de um engajamento contínuo dos profissionais de comunicação na produção de conteúdos que reflitam a diversidade e que incentivem a reflexão crítica sobre questões de gênero. A comunicação não deve ser vista apenas como um veículo para transmitir informações, mas como um agente ativo na promoção da justiça social e na construção de uma sociedade mais plural e equitativa.

Sobre os desafios para a implementação de práticas comunicacionais inclusivas, apesar dos avanços identificados, ainda existem inúmeros desafios a serem superados para que tais práticas transformadoras se tornem a norma. Um dos principais desafios é a resistência cultural que ainda persiste em muitos setores da sociedade, onde os estereótipos de gênero continuam a ser reforçados por práticas midiáticas convencionais. Tal resistência se manifesta tanto na produção de conteúdos quanto na recepção deles, o que demanda uma abordagem estratégica que leve em consideração as especificidades culturais e sociais de cada contexto.

Outro desafio significativo é a necessidade de capacitação contínua dos profissionais de comunicação. É imperativo que esses profissionais sejam preparados para lidar com a complexidade das questões de gênero e para utilizar as narrativas midiáticas de forma responsável e ética. Isso inclui não apenas a sensibilização para as questões de gênero, mas também a compreensão das dinâmicas sociais e culturais que influenciam a produção e a recepção das mensagens midiáticas.

Dado o caráter inovador e dinâmico das novas narrativas midiáticas, este estudo sugere que futuras pesquisas explorem outras iniciativas similares ao MEMOH, em diferentes contextos culturais e sociais. É essencial compreender como as práticas comunicacionais voltadas para a ressignificação das masculinidades são adaptadas

e implementadas em diversas realidades, a fim de identificar padrões, desafios e boas práticas que possam ser replicadas e aprimoradas.

Ademais, há um campo promissor para o desenvolvimento de intervenções educativas que utilizem as narrativas midiáticas como ferramentas para a promoção da equidade de gênero. Essas intervenções podem ser direcionadas tanto para o público em geral quanto para grupos específicos, como jovens, profissionais de comunicação, educadores, entre outros. O principal objetivo do “Manual de Boa Conduta” proposto no último capítulo da presente tese seria ampliar a compreensão sobre as questões de gênero e incentivar a adoção de práticas mais inclusivas e justas em diferentes esferas da vida social.

Em síntese, este trabalho evidencia o potencial transformador das novas narrativas midiáticas na ressignificação das masculinidades e na promoção da equidade de gênero. O caso do Grupo MEMOH serve como um exemplo de como práticas comunicacionais podem ser desenvolvidas para desafiar estereótipos de gênero e promover uma visão mais inclusiva e plural das masculinidades.

No entanto, para que essa transformação alcance seu pleno potencial, é fundamental que sejam implementados projetos estratégicos de comunicação cidadã, capazes de romper as barreiras ideológicas que frequentemente fragmentam a sociedade e impedem a construção de uma compreensão mútua e de uma coesão social mais robusta. A mídia, em suas diversas formas, possui o alcance e a influência necessários para trabalhar percepções e atitudes em larga escala, e deve ser utilizada de forma responsável e ética para promover uma sociedade mais justa e solidária.

A ressignificação das narrativas individuais e coletivas é, portanto, um processo contínuo e essencial para a construção de uma sociedade mais resiliente e equitativa. Ao promover novas formas de compreensão e de vivência das masculinidades, a comunicação pode contribuir para a criação de um mundo onde todos, independentemente de gênero, possam viver de maneira plena e autêntica, livres de estereótipos e preconceitos. Somente através de um compromisso coletivo com a justiça social e a igualdade de gênero será possível construir um futuro mais inclusivo e respeitoso para todos.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, F., ANDRADE, A., BRONZ, A. **Conversas homem a homem: Grupos Reflexivos de Gênero**. Metodologia. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2004.
- AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. Disponível em: agenciapatriciagalvao.org.br. Acesso em: 7 mar. 2024.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ANDERSEN, T. **Processos reflexivos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2002.
- AZEVEDO, M., MEDRADO, B., LYRA, J. Homens e o Movimento Feminista no Brasil: rastros em fragmentos de memória. **Cadernos Pagu**, n. 54, e185414, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201800540014>.
- BAITELLO JR., Norval. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1997.
- BAITELLO JR., Norval. **A era da iconofagia**. São Paulo: Hacker, 2005.
- BAITELLO JR., Norval. **Os meios da incomunicação**. São Paulo: Annablume, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BEIRAS, A., BRONZ, A. **Metodologia de grupos reflexivos de gênero**. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2016, 162p.
- BILLAND, J. S, J. **Como dialogar com homens autores de violência contra mulheres?** Etnografia de um grupo reflexivo. Tese (Doutorado em Medicina Preventiva). Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2016.
- BLAY, Eva (org.). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- BOLA, JJ. **Seja homem: a masculinidade desmascarada**. Porto Alegre: Dublinense, 2020.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. New York – US: Routledge, 1990.
- CAETANO, Márcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço (orgs.). **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.
- CONNEL, Raewyn W. **Masculinities**. University of California Press. Cambridge, Reino Unido, 1995.

CONNEL, Raewyn W. Globalization, Imperialism, and Masculinities. In: KIMMEL, M. S.; HEARN, J.; CONNELL, R. W. (Ed.). **Handbook of Studies on Men & Masculinities**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005.

CONNEL, Raewyn W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**. v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CONTRERA, Malena Segura. **O mito na mídia**. São Paulo: Annablume Editora, 2000.

CONTRERA, Malena Segura. **Mídia e Pânico**. São Paulo: Annablume Editora, 2002.

CONTRERA, Malena Segura. Publicidade e Mito. In: CONTRERA, Malena Segura; HATTORI, Osvaldo Takooki. **Publicidade e Cia**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

CONTRERA, Malena Segura. **Mediosfera: Meios, imaginário e desencantamento do mundo**. 1. ed. Porto Alegre: Imaginalis, 2010.

CONTRERA, Malena Segura. Resiliência. In: MARCONDES FILHO, Ciro (org.). **Dicionário da Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

CONTRERA; Malena Segura. Vínculo Comunicativo. In: MARCONDES FILHO, Ciro (org.). **Dicionário da Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

CONTRERA, Malena Segura. **Mediosfera: Meios, imaginário e desencantamento do mundo**. 2. ed. Porto Alegre: Imaginalis, 2017.

CYRULNIK, Boris. **Os alimentos do afeto**. São Paulo: Ática, 1995.

CYRULNIK, Boris. **Do sexto sentido**. Lisboa: Odile Jacob, 1997.

CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CYRULNIK, Boris. **O murmúrio dos fantasmas**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

CYRULNIK, Boris. **Autobiografia de um espantalho**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CRENSHAW, K. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**, v. 43, n.6, p.1241-1299, 1991.

DELPHY, Christine. Patriarcado. In: HIRATA, Helena (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

E AGORA, JOSÉ? **Página Oficial**. Disponível em: <https://sites.google.com/view/programa-e-agora-jose/>. Acesso em: 25 jul. 2024.

EISLER, Riane. **O cálice e a espada – Nossa história, nosso futuro**. Rio de Janeiro: Imago editora, 2007.

FERNANDES, I. A dialética dos grupos e das relações cotidianas. In: G. T. D. Guimarães (Org.). **Aspectos da teoria do cotidiano**: Agnes Heller em perspectiva. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 37-59.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Movimentos Feministas. In: HIRATA, Helena (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. v. 4. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HILL COLLINS, P. **Black Feminist Thought**: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment. New York: Routledge, 2000.

HIRATA, Helena (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 14ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, Bell. **We Real Cool**: Black Men and Masculinity. New York: Routledge, 2004.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1981.

HOUAISS. **Grande Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 8 set. 2023.

INSTAGRAM MEMOH. **Página Oficial**. Disponível em: <https://www.instagram.com/projeto.memoh/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

INSTITUTO NOOS. **Página Oficial**. Disponível em: <https://noos.org.br/>. Acesso em: 25 jul. 2024.

JABLONKA, Ivan. **Homens justos**: Do patriarcado às novas masculinidades. São Paulo: Todavia, 2021.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

KIMMEL, M. **Angry white men**: masculinity in the end of the era. New York: Bold Type Books, 2017.

KIMMEL, M. **Los estudios de masculinidade**: una introduccion. Barcelona: Icaría, 2008.

KIMMEL, M. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, 1998.

LINKEDIN MEMOH. **Página Oficial**. Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/memoh/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

MARCONDES FILHO, Ciro (org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Editora Paulus, 2009.

MEDRADO, Benedito.; LYRA, Jorge. Em tempos de masculinidades coloniais em relevo, um intento de prefácio. In: CAETANO, Silva Júnior. (orgs.). **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

MEMOH. **Página Oficial**. Disponível em: <https://memoh.com.br/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, v. 1, n. 29, 2009.

NASCIMENTO, Marcos. Essa história de ser homem: reflexões afetivo-políticas sobre masculinidades. In: CAETANO, Silva Júnior. (Orgs.). **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

PAPO DE HOMEM. **Página Oficial**. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/>. Acesso em: 8 dez. 2021.

PAPO DE HOMEM. **Canal YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/papodehomem/>. Acesso em: 8 dez. 2021.

PAPO DE HOMEM. **Documentário**: O silêncio dos Homens. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/o-silencio-dos-homens-documentario-completo/featured>. Acesso em: 8 dez. 2021.

PEDROSA, C. M.; BRIGAGÃO, J. I. M. Mulheres em movimento: grupos como dispositivos de ação coletiva. In: GUANAES-LORENZI, C.; MOSCHETA, M. S.; CORRADI-WEBSTER, C. M.; SOUZA, L. V. (Orgs.). **Construcionismo social: discurso, prática e produção do conhecimento**. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2014. p. 217-230.

RESSIGNIFICANDO MASCULINIDADES. Disponível em: <https://www.facebook.com/RessignificandoMasculinidades/>. Acesso em: 8 dez. 2021.

SANTOS; Tarcyane; SILVA; Miriam. Narrativas Mediáticas. In: MARCONDES FILHO, Ciro (org.). **Dicionário da Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 16, n. 2, Porto Alegre, jul./dez, p.5, 1990.

SCOTT, Joan W. **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1999.

SCOTT, Joan W. Feminism's History. **Journal of Women's History**, v. 17, n. 3, p. 155-163, 2005.

SCHNEIDER, P. **[podcast] Memoh**. 2019. Disponível em: <http://www.memoh.com.br/podcast/> Acesso em: 20 fev. 2021.

TODOROV, Tzvetan. **A vida em comum**: ensaio de antropologia geral. Campinas: Papirus, 1996.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

TRAT, Josette. Movimentos Sociais. In: HIRATA, Helena (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

URRA, Flávio; PECHTOLL, Maria Cristina Pache. Programa “E Agora José?” Grupo socioeducativo com homens autores de violência doméstica contra as mulheres. **Nova Perspectiva Sistêmica**, n. 54, p. 112-116, abril 2016.

URRA, Flávio. Grupos Reflexivos de Homens: Enfrentamento à Cultura do Estupro e Desconstrução Social da Masculinidade Patriarcal. In: PIMENTEL, S. (coord.), PEREIRA, B., MELO, M. (org.). **Estupro**: perspectiva de gênero, interseccionalidade e interdisciplinariedade. Rio de Janeiro: Lumen Júris, 2018.

VIGOYA, Mara Viveiros. **As cores da masculinidade**: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

ZIMMERMAN, D. E. Fundamentos teóricos. In: D. E. Zimmerman; L. C. Osório (Orgs.). **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artmed, 1997, p. 23-32.

APÊNDICES

Apêndice 1

TRANSCRIÇÃO DO PODCAST #10 – MANIFESTO MEMOH⁷⁴

“O MEMOH completou 2 anos, um bom momento para olhar para trás, entender o que somos e o que não somos. E, também, olhar para frente, para o nosso papel como homens na sociedade” (Figueiredo, 2019).

O texto abaixo apresenta os principais trechos do PodCast #10 – Manifesto MEMOH, lançado em agosto de 2019. O episódio especial de aniversário do MEMOH, narrado pelo seu fundador, Pedro de Figueiredo, traz um breve histórico do grupo, assim como o propósito e compromisso de seus membros com as questões de gênero e masculinidades. Segue a transcrição:

O MEMOH completou 2 anos. E como aniversário é sempre uma boa data para parar e refletir sobre quem somos e para aonde vamos, esse episódio é para isso. Eu percebi que nunca coloquei publicamente o que o MEMOH pensa, quais são nossos valores e agora é a hora de tirar esse atraso, explicar para vocês como e por que o MEMOH nasceu, como funciona, os nossos encontros e o que a gente tem feito. Bora nessa?

O MEMOH é um negócio social que tem como propósito promover e cuidar de gênero, fazendo o homem refletir sobre seu modo de agir consigo, com o outro e com a sociedade. A gente oferece aos homens a possibilidade de refletir em conjunto sobre o nosso comportamento. E a gente faz isso em encontros presenciais gratuitos de 15 em 15 dias. Hoje, no Rio e em São Paulo também. São realizados também produção de conteúdo como esse podcast, já no décimo episódio, e serviços como workshops, vivências e atividades afins.

O MEMOH é um dos agentes que, assim como várias outras iniciativas espalhadas pelo país, busca trazer os homens para dentro desse debate sobre machismo e masculinidade. As iniciativas que existem hoje estão fazendo surgir bons textos, cursos, eventos, pesquisas, filmes, séries, grupos de apoio. Tem muita coisa legal rolando. O assunto tá explodindo. Repara só. São várias as marcas voltadas para o público masculino que tem usado dessa tendência na comunicação. Isso não

⁷⁴ Disponível em: <https://l1nk.dev/8DLZN>. Acesso em 08 de agosto de 2023.

é uma crítica, tá? Eu acho ótimo e obrigado, inclusive a Cartago, que tanto nos ajuda a tocar esse trabalho e seguir de pé firme. Muito obrigado mesmo.

Quando eu comecei o MEMOH, em julho de 2017, eu imaginava que o assunto fosse ganhar força, mas nunca que ficaria desse tamanho tão rapidamente. Eu mesmo, Pedro, já fui até capa de revista. Um troço louco. Da revista da Gool, já abriu espaço e achei a experiência muito legal. Me senti atuando legitimamente em nome de uma causa, expandindo o movimento. Mas que movimento seria esse?

Recentemente, conversando com o Marcos Nascimento, uma das referências no assunto, e quando eu digo a referência, não é porque ele é um cara que é próximo a mim, um cara que eu já considero um amigo, mas é porque o cara trabalha pesquisando masculinidades há mais de 30 anos. Em 2001, ele defendeu uma tese de doutorado em saúde coletiva na UERJ, que tinha como título “Desaprendendo o silêncio, uma experiência de trabalho com grupos de homens autores de violência contra a mulher. Hoje, além de pesquisador da Fiocruz, o Marcos participa de comitês internacionais como fóruns e colóquios sobre masculinidades e questões de gênero. Já foi do Instituto Pró-mundo, é convidado recorrentemente para participar de eventos acadêmicos, para fazer parte de bancas de mestrado, doutorado. É um cara ótimo e que, para minha alegria, vai ser o meu orientador na pós-graduação, que faço lá na Fiocruz sobre direitos humanos, gênero, sexualidade, uma honra.

Conversando com Marcos, falei sobre isso, desse tal movimento de homens. Tá rolando hoje de fato, um movimento de homens. E aí ele veio com o questionamento que eu queria dividir com vocês:

Oi, pessoal. A gente tem visto muitos grupos de homens aparecerem por aí em diferentes espaços e uma das perguntas que eu tenho feito e tenho conversado com Pedro também, é sobre o quê que isso significa, o quê que isso quer dizer? Será que a gente pode falar de um movimento social dos homens? Mas se é um movimento social, qual é a agenda desse movimento social? Diferentemente de outros grupos, não é como, por exemplo, o movimento negro, que tem muito clara a pauta do racismo, movimento de mulheres com a questão do sexismo e todas as violências que as mulheres sofrem pela desigualdade de gênero. Assim como os grupos LGBT, cuja pauta da homofobia, né, e do reconhecimento dos seus direitos como cidadãos e cidadãs. Está colocado desde o início. E fico perguntando assim, que pauta é essa dos homens que agenda é essa que está se construindo? Será que a gente pode falar

de um certo movimento? Ou será que a gente teria que pensar mais numa certa articulação, uma certa movimentação, mas ainda não necessariamente um movimento? (Nascimento, 2019)

É isso, há uma movimentação clara, mas chamar de movimento já não sei se cabe. Percebo uma busca meio desesperada até de achar nomes, definições, como se fosse preciso organizar o que está acontecendo em contraposição à expressão do momento, que é masculinidade tóxica.

Novos termos surgem, como a nova masculinidade, masculinidade saudável, o homem desconstruído, masculinidade em equilíbrio. Esses termos me batem mal. E não me interessa muito o tipo de masculinidade ideal, na verdade, eu nem acredito que existe uma forma única como ideal. Confesso que fico preocupado quando vejo muita energia sendo gasta para encontrar exemplos positivos. A questão é tão complexa e está sendo debatida com tanto holofote que levantar um exemplo positivo soa leviano. Acaba por colocar como certo a ser feito e, conseqüentemente, ajuda a criar a definição de uma nova masculinidade na cabeça das pessoas, mesmo que a intenção não seja essa. E assim vai se desenvolvendo um novo lugar predefinido com características específicas de como se comportar para ser visto como um homem de verdade, só que na maioria dos casos, numa versão gourmet. Do branco de classe média, do pai que consegue buscar o filho na escola todos os dias. E eu falo isso com conhecimento de causa, não é? Eu sou esse sujeito branco, heterossexual e moro na zona sul do Rio. Se eu não ficar muito atento, entro nessa rapidinho também. O que quero dizer é que o momento não é de buscar exemplos de masculinidade saudável. Ainda se trata, essencialmente, de olhar para si. Reconhecer padrões de comportamentos que não são legais, se responsabilizar por isso e trocar reflexões sobre esse processo de forma sincera.

O machismo cotidiano do país mantém a nossa postura passiva e negligente. E tem tanto ainda para investigar sobre nós mesmos que me parece no mínimo precipitado começar a exhibir exemplos de uma suposta masculinidade saudável, equilibrada ou qualquer termo desses. (...)

E nessa pegada, não sou eu nem nenhum outro homem, a princípio, que deve dizer o que é um exemplo positivo, equilibrado, saudável etc. etc. Eu prefiro ouvir mulheres como Isabella, como minha companheira Gabriela, Aline Vieira, Jamila Ribeiro, Bell Hooks, Antonia Pellegrino, (...), minhas colegas de pós, as mulheres que

convivem comigo e tantas outras para saber se na opinião delas estou sendo de fato legal ou não. E é óbvio que não sou legal sempre. Mesmo estando na linha de frente desse debate, sigo errando muito mais do que gostaria, inclusive. A gente precisa ouvir mais as mulheres no nosso dia a dia, criar o hábito da reflexão para a gente aprender a se perceber, olhar para as nossas atitudes. O que motivou a pensar no mesmo, inclusive, foi ver a indignação das mulheres por não quererem mais seguir regras impostas por nós, homens. Eu, em algum momento que eu não sei qual foi exatamente, comecei a escutá-las. E concordava com tudo ou praticamente tudo. Uma coisa é certa, elas se ***** muito só por serem mulheres. E a gente nessa história é o *****.

Em boa parte nocivos para sermos vistos como homens de verdade, contribuímos todos nós para a violência de gênero. Em resumo, o que me motivou a fazer o mesmo foi isso. Não quero mais ser o ***** da história. E buscando deixar de ser ***** , ainda sou beneficiado. Agora posso me permitir chorar. Vou me permitir expressar afeto pelos meus amigos, cuidar da minha saúde, explorar minha sexualidade da maneira que quiser, porque entendo que o meu comportamento afetava negativamente todo mundo, inclusive a mim mesmo, inclusive. Isso faz parte, mas não é o todo, não é a raiz da questão. A raiz da questão de verdade é que a gente, a ***** da história, eu sei que não somos escrotos completos. Eu sei, não é disso que estou falando, mas reconhecendo que existe uma estrutura social onde as mulheres penam muito mais que nós, homens, você e eu. Somos os babacas da história, infelizmente, por mais duro que seja reconhecer isso e por mais legal e correto que você se perceba. O intuito aqui não é de culpar o homem, longe disso. Eu não quero polemizar, eu busco problematizar, fazer a gente refletir de verdade para que a gente assuma a responsabilidade pela parte que nos cabe. Culpa não. Responsabilização, sim.

O movimento do qual eu quero fazer parte não tem como objetivo maior fazer com que eu me sinta bem comigo mesmo. Até porque é difícil não se sentir minimamente bem no mundo que vivemos sendo um homem branco, heterossexual, morador da zona sul do Rio. Eu estou no topo da pirâmide do privilégio e minha motivação dentro desse processo não pode ser apenas a de ficar tranquilo individualmente. Ficar confortável em expressar emoções não exime ninguém de continuar tendo comportamentos machista. Eu quero fazer parte do movimento pró-equidade de gênero, do movimento dos direitos humanos.

Esse texto que a gente lê no final dos episódios do podcast sintetiza o que a gente quer com debates de masculinidade. O MEMOH existe porque os problemas de gênero são problemas nossos também, porque já passou da hora de a gente assumir a nossa responsabilidade. E por que nós homens somos protagonistas? Violência contra mulheres, contra minorias, em relação ao poder e contra nós mesmos.

Parar para pensar no rumo que o debate masculinidade tem seguido me faz refletir sobre o que quero para o MEMOH e que é necessário marcar uma posição. Somos acolhedores e não conivente. O objetivo do MEMOH não é passar pano, e sim acolher o homem que quer ser responsabilizado pelos seus atos. Somos sinceros e não agressivos. Buscamos ser transparentes uns com os outros, principalmente na divergência, mas não toleramos violência.

Somos parceiros e não professores. Ninguém no MEMOH diz o que é certo ou errado, como a gente costuma dizer, não somos “palestrinha”, somos horizontais e não dispersos. Todos são responsáveis para o bom andamento das conversas, porém temos papéis bem definidos nas rodas. Somos provocadores e não juízes. Queremos provocar os homens para saírem de sua zona de conforto. Porém, não julgamos ou apontamos o dedo para ninguém. Somos compreensivos e não ingênuos. Estamos abertos a acolher todos os homens com escuta e compreensão. Porém, não somos ingênuos com homens que querem tirar proveito do acolhimento. (Moura, 2019)

Esse que falou agora é o Rodrigo Moura. Talvez ele tenha sido o primeiro homem a acreditar na ideia do MEMOH, porque morávamos juntos, então ele, de uma certa forma, acabava participando de todas as decisões iniciais da formulação do projeto. É um amigo de infância que eu já considero meu irmão. E que até hoje me acompanha nessa jornada. De maneira incondicional. Porque realmente é um cara muito especial e que falo aqui publicamente para todos escutarem, que é um homem que eu amo. Moura, muito obrigado por tudo, irmão, você não tem noção da importância que você tem na minha vida.

Nesses 2 anos de vida, o MEMOH já apareceu em diversos veículos de mídia do Jornal Nacional à Carta Capital, do programa Sem Censura na TV Brasil a uma entrevista no Hypeless. Só sei que dá um baita orgulho por conseguirmos dialogar com propostas editoriais bem distintas entre si.

E conseguimos esse espaço todo, principalmente por conta dos grupos reflexivos do MEMOH, que são gratuitos e tem metodologia própria. Hoje são 6 grupos fixos, mais de 100 encontros realizados e mais ou menos 200 homens já participaram. Temos uma lista de pré-inscritos interessados em participar dos grupos do MEMOH que já passou da casa dos 300 homens. A dinâmica do MEMOH funciona com grupos de até 20 homens em ciclos de 10 encontros, onde a cada encontro diferente você tem um tema diferente trazido por um participante. Na nossa dinâmica existem 3 peças fundamentais, o primeiro é o caseiro, que é um cara fixo. Ele é o cara responsável por organizar o espaço, tudo certinho com as pessoas. Quem está vindo, se vai chover, se não vai chover, se vai ter encontro, enfim, coisas mais burocráticas. Existe um líder da rodada, que é o cara que traz o tema a cada um desses 10 encontros. E se esse cara é sempre uma pessoa diferente a cada encontro, então funciona em sistema de rodízio. Esse tema é sempre proposto em forma de pergunta e parte de uma angústia pessoal, de uma dúvida pessoal, de um questionamento pessoal. Desse participante, esse é o líder da rodada e o terceiro é o anfitrião. Que pode ser tanto uma pessoa física ou jurídica que recebe os grupos do MEMOH, pode ser uma empresa, pode ser a sala da sua casa, pode ser uma escola. Enfim, qualquer espaço que comporte 20 homens é possível de ser o anfitrião do nosso grupo. (...)

O MEMOH promoveu recentemente uma formação de Caseiros para expandir o número de grupos e alcançar outros lugares. A previsão é que o número de grupos depois da formação fica entre 16 e 18, ou seja, o triplo do tamanho atual. Mesmo assim, não seria o suficiente nem para atender a demanda dos homens que já se inscreveram no formulário de participação. Também que a quantidade de energia que é preciso para manter todos os grupos atuais sob controle e ainda os novos é gigantesca. Não fazia mais sentido nem para mim, nem para a causa.

O tal do movimento dos homens pró-equidade, que quero fazer parte, não pode ter como barreira minha capacidade particular de absorver a demanda dentro do MEMOH. Não são poucos os e-mails que recebemos de homens pedindo ajuda para criar um grupo. Eu tenho que estimular isso e não avisar que o nosso próximo ciclo de encontros sobre daqui 6 meses. Se o meu sonho é ver grupos de homens refletindo sobre seus comportamentos espalhados por todo o Brasil, é preciso tomar uma decisão importante, a metodologia criada para os grupos do MEMOH será aberta e, assim, ficará disponível para todos utilizarem da maneira que melhor lhes couber. E isso eu vou explicar melhor no próximo episódio. É a forma que me parece melhor

para fazer o número de grupos aumentar consideravelmente num espaço mais curto de tempo e uma forma em que o meu papel, o papel do MEMOH, é de dar suporte para implementação e manutenção dessa ferramenta. A ideia é desenvolver material e conteúdo de suporte ao longo do tempo e manter um canal de diálogo aberto com todos que estiverem dispostos a tocar um grupo desses.

Esses grupos que a gente quer ajudar a formar, então não serão mais grupos do MEMOH e passam a ser grupos de homens independentes MEMOH. O MEMOH ainda terá seus grupos próprios, com a ideia de sempre melhorar a dinâmica, testando formatos, experimentando possibilidades e mensurando o impacto.

Os resultados dessa investigação serão, prometo aqui, dividido sempre que percebermos como uma informação importante. Têm diversos grupos de masculinidades muito legais por aí e não quero de forma alguma colocar a metodologia do MEMOH como a melhor, como modelo, nem nada do tipo. Temos consciência que ainda há muito a ser feito e que não temos fórmula mágica de nada.

Como falamos no início de todos os nossos encontros, participar de um grupo do MEMOH não é um selo de qualidade. Você não será um homem bacana, um cara desconstruído, só por estar se questionando junto com outros homens. É relativamente fácil encontrar guias práticos de como criar um grupo de homens. O “Papo de homem”, por exemplo, já disponibilizou um guia desses. O MEMOH não inventou a roda só possui um jeitinho característico de fazer isso acontecer e de enxergar a questão.

A metodologia do MEMOH é uma mistura de várias referências que vai da dinâmica do grupo dos alcoólicos anônimos ao filme clube da luta, resultando numa forma que encontrei para fazer com que a gente faça um exercício de reflexão sobre o nosso modo de agir em todas as esferas de relação que temos. A metodologia do MEMOH visa promover a equidade de gênero. Os homens passaram a se sentir confortáveis para expressar seus sentimentos. É uma consequência desse processo. Uma baita consequência, é verdade, mas não é o objetivo em si. Bom, por enquanto é só. Já falei um monte. No próximo episódio trago aqui a nossa metodologia em detalhes e no nosso site, que é o memoh.com.br mesmo.

Para quem não sabe ainda, MEMOH é homem ao contrário, escrito ao contrário, pra gente ter esse outro olhar sobre o homem, sobre o que é homem, o que é ser homem e tudo mais. E a gente vai deixar uma apresentação no nosso site

disponível para download. Para servir de apoio para quem quiser utilizar a metodologia de alguma forma, isso em breve acontecerá, tá?

E para terminar, repito, o MEMOH existe porque os problemas de gênero são problemas nossos também, porque já passou da hora de a gente assumir a nossa responsabilidade. E porque nós homens somos protagonistas da violência contra mulheres, contra os grupos de minorias e contra nós mesmos.

Um grande abraço a todos e até a próxima.

Pedro de Figueiredo

Apêndice 2

LISTA DE PROJETOS INICIATIVAS E PESSOAS QUE TRABALHAM COM A TRANSFORMAÇÃO DOS HOMENS, NO BRASIL E NO MUNDO

Segundo o Portal Papo de Homem⁷⁵, existem centenas de projetos e demais iniciativas que trabalham com a transformação dos homens, no Brasil e no mundo. O portal disponibilizou uma lista colaborativa e em construção de projetos, iniciativas e pessoas trabalhando com a transformação das masculinidades.

Projetos nacionais:

- Homens em Conexão (Brasília)
- Coletivo Sistema Negro (São Paulo)
- Movimento Guerreiros do Coração (Nacional)
- Diamante Bruto (Brasília)
- Masculinities — Educação, comunicação e cuidado para homens (Brasília)
- Clã Lobos do Cerrado (Brasília)
- Círculo do Fogo Sagrado Masculino (Brasília)
- Portal Papo de Pai (Mogi das Cruzes)
- Paizinho Vírgula (Rio de Janeiro)
- Homem Paterno (Ubatuba)
- Pai de Verdade (Recife)
- Pai Todo Dia (Recife)
- 4Daddy (São Paulo)
- Podcast Balaio de Pais (São Paulo)
- Podcast AfroPai (São Paulo)
- Nerd Pai (São Paulo)
- Masculino da Alma (Florianópolis)

⁷⁵ Disponível em: <https://www.papodehomem.com.br/transformacao-homens-masculinidades-projetos-iniciativas-pessoas>. Acesso em: 8 ago. 2024.

- Homem Inteiro (Florianópolis)
- Refletindo Masculinidades (Florianópolis)
- MEMOH (Rio de Janeiro)
- Macho do Século XXI
- Papo de Segunda (Rio de Janeiro)
- Projeto Tempo de Despertar (São Paulo — projeto focado na ressocialização de homens que cometeram agressão contra suas parceiras, é lei estadual. Aqui um documento sobre sua origem e aqui o eixo teórico dos Grupos Reflexivos, visão que também orienta e inspira o projeto. Há diferentes projetos como esse pelo Brasil, mas ainda escassos.)
- E agora, José? (Santo André, SP)
- Fórum de Gênero e Masculinidades do Grande ABC (Santo André, SP)
- Homem na Agulha (São Paulo)
- Brotherhood Brasil (São Paulo)
- PrazerEle (São Paulo)
- Paternidade Sem Frescuras (São Paulo)
- Ressignificando Masculinidades (São Paulo)

Eventos:

- Homem Brasileiro (São Paulo)
- PAI: os desafios da paternidade atual (São Paulo)
- Força de Pai (Belo Horizonte, Vila Velha-ES, com previsão de ir a mais cidades)
- Primeiro Grande Encontro Homens em Conexão (Brasília)
- Colóquio Internacional de Estudos sobre Homens e Masculinidades
- Homens Possíveis (São Paulo)

Institutos/Redes/Campanhas:

- Instituto Promundo (Rio de Janeiro)
- Instituto Papai (Recife)
- Núcleo de pesquisas em gêneros e masculinidades da Universidade Federal de Pernambuco — GEMA (Recife)

- Instituto NOOS (São Paulo — recomendo procurar pela formação deles em "Grupos Reflexivos para Violência de Gênero", a qual fiz por lá e é fantástica)
- MenCare (Mundial)
- MenEngage Alliance (Mundial)
- Rites of Passage Institute (Austrália, projeto único que trabalho com rituais de passagens para jovens homens)
- Rede de Homens pela Equidade de Gênero + Campanha do Laço Branco (nacional)
- Campanha Menino Você Não Precisa (Brasil)
- #HeforShe globalmente, #ElesporElas no Brasil (possui um comitê mantido pela ONU Mulheres, do qual o PdH faz parte, como representante da sociedade civil)

Apêndice 3**RESUMO DA TRANSCRIÇÃO DO EPISÓDIO
“SE PASSOU, PASSOU”**

O podcast do MEMOH aborda profundamente a relação entre homens e cuidado, explorando como a masculinidade tradicional influencia e muitas vezes limita a capacidade dos homens de estabelecer vínculos significativos e exercer o cuidado de forma plena e equitativa.

Pedro de Figueiredo inicia a discussão refletindo sobre o conceito de "se passou, passou", proposto pelo sociólogo Daniel Jones, que descreve como os homens frequentemente evitam tarefas de cuidado esperando que mulheres as assumam. Pedro admite que, embora tenha avançado na divisão de tarefas domésticas com sua companheira Gabriela, ainda enfrenta resistência interna, percebendo o cuidado como um fardo ao invés de uma fonte de satisfação e conexão. Ele reconhece a necessidade de ressignificar esse entendimento, vendo o cuidado como uma oportunidade de construir parcerias mais fortes e relações mais equilibradas.

Lincoln Frutuoso contribui refletindo sobre como o cuidado pressupõe uma relação de interdependência, algo que desafia a socialização masculina que valoriza a autonomia e a invulnerabilidade. Ele compartilha experiências pessoais onde o ato de cuidar, embora desafiador, promove conexões mais profundas, tanto no âmbito doméstico com sua parceira Taiane, quanto na comunidade, exemplificado pelo esforço coletivo de "virar uma laje" em sua vizinhança. Esses momentos ilustram a resiliência comunitária e a capacidade de criar laços fortes através do cuidado mútuo.

Ismael dos Anjos destaca a dificuldade que muitos homens enfrentam em praticar o autocuidado, frequentemente priorizando o cuidado com os outros ou tarefas externas em detrimento de si mesmos. Ele relata sua própria jornada em aprender a cuidar de si para melhor cuidar de seu filho, Cisco, entendendo que a negação do autocuidado pode ser uma forma de escapar de confrontar vulnerabilidades e emoções profundas. Ismael enfatiza que assumir esse cuidado pessoal é um ato de ressignificação, desafiando normas de masculinidade que associam o cuidado próprio a fraqueza ou feminilidade.

Fernando Cespe compartilha sua transformação tardia em relação ao cuidado, admitindo que até perto dos 40 anos não se via responsável por cuidar dos outros,

incluindo sua própria filha. Sua ressignificação pessoal ocorreu através de experiências que o mostraram a importância e o valor humano do cuidado, como durante um período de hospitalização onde recebeu cuidados humanizados que o inspiraram a cultivar vínculos mais profundos e atos de cuidado genuínos em suas relações cotidianas. Fernando destaca a necessidade de homens demonstrarem cuidado de forma pública e consciente, contribuindo para a desconstrução de estereótipos de gênero e promovendo uma sociedade mais equitativa.

Ao longo da conversa, os participantes reconhecem coletivamente que o cuidado é um ato político e social que exige a desconstrução de padrões tradicionais de masculinidade. Eles exploram como assumir responsabilidades de cuidado, tanto consigo mesmos quanto com os outros, é essencial para construir vínculos mais saudáveis e resilientes. Através de narrativas pessoais e reflexões compartilhadas, o podcast ilustra caminhos de resiliência e ressignificação, mostrando que homens podem e devem ocupar espaços de cuidado, contribuindo para uma sociedade mais justa e empática.

No episódio discutido, foram abordadas ainda questões profundas sobre a divisão de trabalho doméstico e o impacto disso nas desigualdades de gênero, raça e classe. Isabela Venturosa mencionou um documentário da ONU Mulheres, no qual a pesquisadora Milena do Carmo apontou como as mulheres ingressaram no mercado de trabalho, mas os homens não assumiram as responsabilidades domésticas, resultando em uma dupla ou tripla jornada para as mulheres. Isso gerou um movimento de terceirização do cuidado, onde mulheres, especialmente negras e de classes sociais mais baixas, assumiram os trabalhos domésticos de outras mulheres, perpetuando desigualdades.

Pedro refletiu sobre a importância de expandir esse debate para além da esfera pessoal, destacando como a terceirização do cuidado é um problema sistêmico que afeta diretamente as mulheres. Ele questionou como homens podem se responsabilizar coletivamente por esse cuidado, propondo uma maior participação masculina, inclusive de homens sem filhos, em redes de apoio.

Lincoln trouxe à tona a complexidade das diferentes realidades sociais no Brasil e a necessidade de considerar essas diferenças ao discutir a volta ou ida dos homens para casa. Ele ressaltou a importância de evitar a romantização do cuidado, reconhecendo que, para muitas mulheres, esse acesso é difícil.

Por fim, o grupo refletiu sobre práticas que pudessem materializar essas discussões, sugerindo ações concretas como "pegar e fazer" as tarefas domésticas sem procrastinação e focar no autocuidado, realizando ações que vinham sendo adiadas. Também foi sugerido que os homens se envolvessem mais ativamente na luta por políticas públicas que promovam a igualdade de gênero, como a licença parental igualitária.

O episódio examina as narrativas em torno do cuidado e como ele se entrelaça com as desigualdades de gênero, raça e classe. Partindo de reflexões sobre um documentário da ONU Mulheres, a discussão abrange desde a histórica ausência dos homens nas responsabilidades domésticas até a terceirização do cuidado por mulheres, especialmente as negras e de classes sociais mais baixas. Os participantes debatem a importância de os homens assumirem uma postura ativa no cuidado, não apenas em suas vidas pessoais, mas como parte de uma luta coletiva. São sugeridas práticas que incentivam a responsabilidade compartilhada e a promoção do autocuidado, além de um engajamento mais efetivo em políticas públicas de igualdade de gênero.

O episódio do podcast aborda principalmente a questão dos vínculos e a ressignificação do cuidado entre homens, trazendo reflexões profundas sobre o papel da masculinidade no contexto do cuidado, tanto com outros quanto consigo mesmos. Ao longo da conversa, os participantes exploram as resistências dos homens em assumir responsabilidades de cuidado, que historicamente recaem sobre as mulheres, e como isso reflete em suas vidas pessoais e profissionais.

Vínculos: O cuidado é apresentado como uma oportunidade de criação de vínculos mais profundos e humanos, especialmente nas relações interpessoais. Pedro de Figueiredo destaca como, ao assumir tarefas de cuidado, ele começou a perceber sua relação com sua companheira de forma mais paritária, desenvolvendo uma sensação de parceria e conexão genuína. Lincoln Frutuoso amplia essa visão, enfatizando que o cuidado pressupõe uma relação de interdependência, algo difícil para homens, que são socializados para evitar qualquer demonstração de vulnerabilidade. Já Fernando Cespe, ao refletir sobre suas experiências pessoais, reconhece o quanto demorou para entender o valor do cuidado, especialmente na construção de vínculos com sua filha, Thais, e com outros homens de sua rede social.

Resiliência: O conceito de resiliência aparece quando os participantes reconhecem as dificuldades de romper com os padrões tradicionais de masculinidade,

que relegam o cuidado como algo inferior. Ismael dos Anjos, por exemplo, menciona como aprendeu a dividir e protagonizar os cuidados com seu filho, Cisco, ao observar a maternidade de sua companheira. Ele ainda reflete sobre como a fuga do autocuidado é uma forma de resistência pessoal, onde, apesar das dificuldades, é necessário persistir e buscar maneiras de cuidar de si para poder cuidar do outro.

Ressignificação: A resignificação do cuidado é um tema central. Para Pedro, essa resignificação acontece quando ele começa a valorizar o cuidado, não apenas como um fardo, mas como uma forma de criar vínculos autênticos e construir relações mais saudáveis. Fernando, por sua vez, enfatiza a importância de resignificar o papel dos homens no cuidado, enxergando isso como uma forma de humanização e pertencimento. Ele também reflete sobre o quanto a construção de vínculos autênticos entre homens exige uma mudança de comportamento, um desafio que ele mesmo vem enfrentando ao longo dos últimos anos.

A discussão traz à tona a necessidade de um esforço coletivo para que os homens resignifiquem suas práticas de cuidado e vulnerabilidade, construindo vínculos mais profundos e, ao mesmo tempo, desafiem as normas tradicionais de masculinidade que limitam esses comportamentos.

Exibido em: Junho de 2023

Duração: 1h15min

Convidados: Fernando Cespe e Ismael dos Anjos

Apresentação: Pedro de Figueiredo e Lincoln Frutuoso

Produção Técnica: Helen Menezes | Edição de Som: Samuel Gambini

Apêndice 4

RESUMO DA TRANSCRIÇÃO DO EPISÓDIO “A CONFIANÇA COMO PREMISSA PRO CUIDADO”

O episódio “A confiança como premissa pro cuidado” discutiu como os homens são percebidos quando assumem papéis de cuidado, especialmente com crianças, e como essa desconfiança impacta a relação de homens jovens com o cuidado.

Lincoln Frutuoso abriu o debate destacando que, frequentemente, quando os homens ocupam posições de cuidado, principalmente com crianças, há um olhar de desconfiança. Ele questiona como podemos incentivar que meninos se aproximem do cuidado se não confiamos neles para assumir esse papel.

Pedro de Figueiredo reforçou que o objetivo do podcast é promover uma troca de ideias genuína sobre questões de gênero, sem receio de ser visto como “menos homem”. Ele também introduziu os convidados, Caio César, criador de conteúdo e colaborador do MEMOH, e Andrew Robert, educador e pesquisador na área de gênero e educação.

Caio César compartilhou suas experiências pessoais de como a desconfiança o impactou, inclusive durante seu trabalho como auxiliar de professores em uma escola, onde ele tinha receio de ser visto com suspeita ao cuidar de crianças. Ele mencionou a dificuldade de confiar em si mesmo no papel de cuidador e como a prática é essencial para naturalizar o cuidado masculino.

Andrew Robert trouxe uma visão acadêmica, explicando que as pesquisas na área de educação infantil demonstram que os homens que atuam nesse campo enfrentam estigmas, como serem vistos como “inadequados” ou suspeitos por se envolverem no cuidado. Ele enfatizou que, além da desconfiança de abuso, há uma suposição generalizada de que os homens não têm habilidade para cuidar.

Lincoln e Pedro mencionaram dados alarmantes sobre abuso infantil no Brasil, refletindo sobre como esses números afetam a confiança que a sociedade deposita nos homens no papel de cuidadores. Pedro também compartilhou uma história pessoal que exemplificou a desconfiança dentro das próprias famílias, ilustrando como o medo de abusos influencia a criação de barreiras de cuidado entre irmãos.

A partir dessas falas, os participantes do debate levantam questões sobre os desafios da desconstrução de papéis de gênero e como a sociedade molda a percepção de homens e mulheres em relação ao cuidado.

Pedro problematiza a associação biológica que historicamente coloca o homem como o provedor e a mulher como cuidadora, e propõe a reflexão de como superar esse discurso biologizante. Ele também questiona se a presença masculina em espaços de cuidado poderia agravar os índices de abuso, e discute a influência do olhar externo no comportamento dos homens em papéis de cuidado.

Lincoln traz uma experiência pessoal sobre o desconforto com o olhar desconfiado da sociedade quando ele, como pai, assume funções de cuidado com sua filha. Ele relata um episódio na creche onde a confiança em sua capacidade de cuidar foi questionada, o que ilustra a resistência cultural em aceitar os homens como cuidadores competentes.

Andrew, por sua vez, fala sobre o papel histórico da feminização de profissões ligadas ao cuidado e como essa visão biologizante precisa ser desconstruída. Ele também aborda como a desconstrução desses papéis é gradual, marcada pela vivência e pelo exemplo, e não apenas pelo diálogo. Andrew compartilha a esperança de que as novas gerações já começam a ter uma outra relação com o cuidado, mas ressalta que a transformação é lenta e precisa ser trabalhada desde a infância.

Caio, em seguida, reforça a importância de criar espaços seguros para que os homens possam se abrir e expressar cuidado de forma não sexualizada, o que é fundamental para desconstruir a ideia de que afeto e carinho são exclusivos de relações românticas. Ele menciona como, no grupo MEMOH, os homens começam a criar laços de confiança e a se permitir falar sobre temas que não discutiriam com outras pessoas.

A provocação de **Isabela Venturosa** adiciona uma camada de reflexão sobre como a ausência de homens em profissões ligadas ao cuidado e à instrução influencia a maneira como a sociedade, especialmente os meninos, enxerga essas áreas como "femininas". Ela observa que, enquanto mulheres estão entrando em profissões tradicionalmente masculinas, o oposto não está acontecendo com os homens, o que mantém a divisão de gênero em certas ocupações. Ela desafia o grupo a pensar em como essa ausência de exemplos masculinos em profissões de cuidado afetou suas percepções sobre o que é ser um homem e qual seria uma profissão ideal para eles.

O episódio traz reflexões profundas sobre o papel dos homens no cuidado, um tema geralmente associado às mulheres e desvalorizado em termos sociais e econômicos. Há um consenso de que o cuidado, especialmente em espaços

domésticos e profissionais como a enfermagem e a educação, é visto como menos importante ou naturalizado como uma função feminina.

Andrew destaca como a profissão de cuidado é menosprezada, não reconhecida como importante ou como um trabalho remunerado, o que contribui para a falta de estímulo aos homens a se envolverem nessa área. Ele faz uma analogia entre as profissões de cuidado e áreas de tecnologia e inovação, evidenciando a diferença de prestígio entre elas.

Caio acrescenta que todos os trabalhos exigem algum nível de cuidado, e a falta desse entendimento reforça estereótipos de que apenas mulheres devem assumir essa responsabilidade. Ele menciona como o cuidado é essencial para o bom relacionamento entre professores e alunos, e que tal prática deveria ser naturalizada também em ambientes considerados masculinos, como engenharia ou tecnologia.

Lincoln compartilha sua experiência pessoal de se sentir cuidado por outros homens em um grupo reflexivo. Essa vivência foi marcante para ele, destacando a importância de estímulos e referências que faltaram na juventude. Ele propõe a criação de espaços onde homens mais velhos possam ser referências de cuidado para os mais jovens, invertendo a lógica da hierarquia etária.

Ao final do episódio, o grupo elabora três propostas práticas para continuar refletindo e agindo sobre a temática do cuidado entre homens, como promover leituras em duplas ou grupos, promovendo uma troca significativa; criar espaços de diálogo sobre o cuidado, especialmente com homens jovens, para antecipar essa reflexão, e observar os espaços de cuidado e refletir sobre as dinâmicas de gênero neles, como uma forma de conscientização e mudança. Essas práticas buscam naturalizar o cuidado entre os homens e promover uma mudança cultural, reconhecendo a importância desse trabalho em todas as esferas da vida.

O episódio concluiu com uma chamada coletiva para que os homens assumam o compromisso de cuidar ativamente, com Pedro lembrando uma frase que ouviu: "Qualquer criança próxima a mim é meu filho".

Caio e Andrew reforçaram que o cuidado deve ser uma responsabilidade coletiva e que é necessário romper com o ciclo de desconfiança e falta de prática, encorajando mais homens a se envolverem ativamente no cuidado e apoio de crianças e jovens.

A análise dos conteúdos produzidos durante o podcast, que apresenta a relação dos homens com o cuidado, oferece uma rica base para relacioná-los aos conceitos de **vínculo**, **resiliência** e **ressignificação**, especialmente por meio das narrativas compartilhadas pelos participantes.

Vínculo: as conexões emocionais e sociais foram evidenciadas durante o podcast, permeando as falas de diferentes maneiras, como a experiência compartilhada por Lincoln sobre se sentir cuidado por outros homens em um grupo reflexivo, destacando a criação de vínculos que foram decisivos em sua jornada pessoal. Ele menciona como, ao ter sido escutado e acolhido por homens mais jovens, estabeleceu um vínculo de confiança e se sentiu emocionalmente fortalecido. A proposta de Pedro, sobre a leitura do livro *Tudo sobre o amor* de Bell Hooks em dupla ou grupo, representa um exercício de criação e fortalecimento de vínculos. A leitura em conjunto não apenas estimula o diálogo sobre o cuidado, mas também fortalece os laços entre aqueles que compartilham da reflexão e da prática. Esse processo de criação de vínculos sugere que, para superar a desconexão histórica dos homens com o cuidado, é necessário que se envolvam em relações que promovam o suporte mútuo, abrindo espaço para a vulnerabilidade e a construção de confiança.

Resiliência: A resiliência é a capacidade de superar adversidades e desafios, adaptando-se de forma positiva às situações de estresse ou mudança. No podcast, a ideia de resiliência aparece em várias narrativas, como na fala de Andrew e Caio sobre a dificuldade de os homens se inserirem em profissões e atividades de cuidado, uma vez que essas práticas são culturalmente desvalorizadas e associadas ao gênero feminino. Ao discutirem como o cuidado é visto como uma função "natural" das mulheres e como os homens são afastados desse papel, eles tocam na necessidade de uma resiliência coletiva para romper com essas expectativas sociais. Isso requer perseverança e a capacidade de se adaptar a novos paradigmas sobre masculinidade. Uma outra narrativa sobre resiliência pessoal, pode ser vista quando Lincoln menciona que só aos 22 anos pegou uma criança no colo pela primeira vez. Sua trajetória de aproximação do cuidado, guiada pelo apoio e pela escuta que recebeu de outros homens, reflete um processo de resiliência. Ao encontrar referências positivas, Lincoln conseguiu superar as barreiras que o afastavam do cuidado, ressignificando seu papel e construindo novas práticas. Essa resiliência é crucial para que os homens consigam desafiar estereótipos e se aproximar de formas de cuidado, enfrentando tanto as barreiras sociais quanto as internas.

Ressignificação: O conceito de resignificação envolve a capacidade de atribuir novos significados a experiências, conceitos ou práticas previamente entendidos de forma restrita ou negativa. O processo de resignificação aparece em várias passagens do podcast. Um dos principais temas discutidos é a resignificação do papel dos homens no cuidado. Tradicionalmente, o cuidado é visto como uma responsabilidade feminina e desvalorizado, tanto emocional quanto financeiramente. As reflexões trazidas pelos participantes — como a observação de Andrew sobre a diferença no tratamento de homens e mulheres em situações de cuidado (como cuidar de crianças em público) — propõem uma nova compreensão do cuidado como algo que os homens também podem e devem fazer, sem que isso os diminua ou desvalorize. Pelo viés profissional, Caio resignifica o cuidado ao sugerir que ele não é exclusivo de profissões tradicionalmente femininas, como a enfermagem ou a educação infantil. Ao argumentar que até profissões "masculinas", como engenharia e tecnologia, exigem um nível de cuidado, ele desafia a dicotomia entre "trabalho de cuidado" e "trabalho masculino". Sobre resignificação da masculinidade em si, Lincoln e Pedro também falam da importância de resignificar o que significa ser homem. Ao aproximar-se do cuidado e promover a reflexão sobre como os homens podem desenvolver essa prática, eles propõem uma nova masculinidade, baseada na empatia, na vulnerabilidade e no afeto, em vez da tradicional imagem de força e distanciamento emocional.

As narrativas revelam um movimento de **ressignificação** do cuidado como algo que transcende o gênero e deve ser valorizado como essencial para o desenvolvimento humano. Os **vínculos** são fundamentais para essa resignificação, permitindo que os homens se conectem uns com os outros e com o conceito de cuidado de uma maneira nova. Já a **resiliência** é o motor que impulsiona esses homens a superarem os estigmas associados ao cuidado e às expectativas tradicionais de masculinidade, permitindo-lhes adotar novas formas de ser e de agir no mundo. Esses três conceitos — vínculo, resiliência e resignificação — se entrelaçam nas discussões, mostrando que transformar a relação dos homens com o cuidado é um processo coletivo e contínuo, que envolve tanto reflexão quanto ação.

Exibido em: Julho de 2023. Duração: 1h7min

Apresentação: Pedro de Figueiredo e Lincoln Frutuoso.

Convidados: Caio César e Andrew Robert

Produção Técnica: Helen Menezes | Edição de Som: Samuel Gambini

Apêndice 5

RESUMO DAS TRANSCRIÇÕES DOS EPISÓDIOS SOBRE PATERNIDADES – PARTES 1 E 2

O podcast “Cuidado e Paternidades” explora o ressentimento entre pais e filhos, abordando questões como a ausência paterna, o impacto emocional nas famílias e a responsabilidade do cuidado. Em ambas as partes, os convidados refletem sobre como a falta de afeto e presença dos pais influencia suas vidas, suas relações e a forma como se enxergam como cuidadores.

A Parte 1 foca no ressentimento como um sentimento generalizado, mas negligenciado, nas relações familiares, principalmente entre pais e filhos. Os participantes compartilham experiências pessoais, discutindo como suas trajetórias são marcadas pela ausência de afeto paterno. Humberto Baltar e João Hugo ressaltam que essa ausência está relacionada a estruturas sociais que não incentivam os homens a cuidar, reforçando a ideia de que o cuidado é visto como responsabilidade feminina. A partir disso, o grupo aborda a ressignificação do papel paterno e como a compreensão desse contexto social ajuda a lidar com o ressentimento, mas não necessariamente o resolve.

Já na Parte 2, a conversa continua com uma nova perspectiva, trazendo Caio César e Fábio Mariano para discutir como esse ressentimento pode ser lidado. Eles falam sobre o afastamento consciente dos filhos em relação aos pais, o peso das estruturas sociais e a busca por novas referências de cuidado. A romantização dos vínculos familiares e a pressão para que filhos perdoem ou ressignifiquem suas relações são temas centrais. Os participantes questionam até que ponto é possível ou desejável “curar” esse ressentimento, argumentando que ele pode ser necessário para evitar a desresponsabilização dos pais.

Os temas de vínculo, resiliência e ressignificação surgem a partir das histórias de vida dos participantes. O vínculo se estabelece na tensão entre querer ou não restaurar a relação com os pais, enquanto a resiliência aparece nas formas de lidar com a ausência e seguir em frente, ressignificando o cuidado e a paternidade em suas próprias trajetórias.

No podcast “Cuidado e Paternidades”, os temas de vínculo, resiliência e ressignificação aparecem de maneira profunda ao longo das duas partes da conversa,

refletindo sobre a complexidade das relações entre pais e filhos, especialmente quando essas relações são marcadas por ressentimentos e ausências.

Vínculo: O vínculo, ou a falta dele, é um ponto central nas narrativas compartilhadas. Os participantes descrevem como a ausência emocional dos pais afetou a construção de vínculos afetivos, tanto no presente quanto no passado. O vínculo, aqui, não se refere apenas à presença física dos pais, mas à conexão emocional, ao cuidado, e à responsabilidade que muitos pais não assumiram. Pedro, um dos hosts, discute como seu pai, apesar de presente fisicamente, nunca esteve emocionalmente disponível, o que levou a um distanciamento inevitável. Os participantes reconhecem que o vínculo é essencial, mas, muitas vezes, o ressentimento impede que ele se forme ou se reconstrua. Mesmo com tentativas de ressignificar essa relação, há um entendimento de que algumas lacunas não podem ser preenchidas, e o vínculo pode permanecer frágil ou inexistente.

Resiliência: A resiliência emerge como a capacidade de lidar com o impacto dessas ausências e de seguir em frente, muitas vezes superando a dor de não ter tido uma figura paterna presente. Humberto, por exemplo, fala sobre como ele, ao cuidar de seu próprio filho, começou a curar suas feridas relacionadas à ausência de cuidado do seu pai. Ele encontrou, no ato de cuidar, uma forma de ressignificar sua dor e fortalecer sua própria identidade como pai. Essa capacidade de transformar a dor e de encontrar novos caminhos para exercer o cuidado é vista como um elemento essencial de resiliência, algo que os participantes parecem praticar em suas próprias vidas, apesar das dificuldades e do ressentimento que carregam.

Ressignificação: O processo de ressignificação é uma questão complexa, que envolve tanto o ato de repensar a relação com os pais quanto a transformação pessoal. No segundo episódio, Caio e Fábio falam sobre como o ressentimento não é algo que necessariamente precisa ser “curado” ou “superado”, mas que pode ser um impulso para criar novas formas de cuidado e responsabilidade. Para alguns, ressignificar significa reconhecer as limitações dos pais e tentar construir algo diferente em suas próprias vidas, seja como pais, seja em outras formas de relação. No entanto, para outros, como Pedro, o ressentimento persiste como um lembrete da falta de responsabilidade dos pais, e há uma resistência em simplesmente perdoar e esquecer.

A ressignificação também envolve repensar o que significa ser pai em um contexto de masculinidades que historicamente afastou os homens do cuidado. A

conversa tem como foco como o papel do pai pode ser reimaginado, não apenas como provedor, mas como cuidador ativo, alguém que se envolve emocionalmente com os filhos, rompendo com os padrões que causaram tanto sofrimento a gerações anteriores. Isso se reflete em debates sobre masculinidades mais saudáveis e conscientes, que buscam desafiar as expectativas tradicionais e criar formas de conexão e cuidado.

A combinação desses conceitos — vínculo, resiliência e ressignificação — revela um processo contínuo de navegação nas dores e nas expectativas geradas pela paternidade. Os participantes do podcast não chegam a conclusões definitivas sobre como lidar com essas questões, mas apresentam várias perspectivas, mostrando que o caminho para entender o papel dos pais e a própria construção como cuidadores é longo e cheio de nuances.

Exibidos em: Agosto de 2023

Duração: 56min / 1h1min

Convidados:

Humberto Baltar e João Hugo (parte 1) e Caio César e Fábio Mariano (parte 2)

Apresentação: Abel Oliveira e Pedro de Figueiredo

Produção Técnica: Helen Menezes | Edição de Som: Samuel Gambini

Apêndice 6

RESUMO DAS TRANSCRIÇÕES DOS EPISÓDIOS SOBRE SAÚDE DO HOMEM E SAÚDE MENTAL DO HOMEM

No PodCast “Saúde do Homem”, Pedro de Figueiredo, Lincoln Frutuoso, Lucas Fontaine e Leonardo Peçanha discutem a saúde do homem em um sentido integral, levantando temas como a ausência de políticas eficazes e a resistência cultural dos homens em cuidar de si mesmos. A centralidade da próstata na saúde masculina, principalmente durante o Novembro Azul, é criticada, com os participantes sugerindo que isso reduz a complexidade da saúde dos homens a questões sexuais.

Leonardo Peçanha, ativista trans, expande o debate ao trazer a experiência dos homens trans no sistema de saúde, destacando como eles enfrentam dificuldades específicas, como a invisibilidade e a falta de entendimento por parte dos profissionais. Ele relata como o sistema de saúde brasileiro não reconhece corpos masculinos trans em seus protocolos, o que impede um atendimento adequado. A dificuldade de acesso à saúde ginecológica é um exemplo, onde os homens trans enfrentam barreiras tanto institucionais quanto preconceituosas.

Vínculo é um tema fundamental nas questões relativas à saúde do homem, especialmente na maneira como os homens são socializados para “dependar das mulheres” em suas vidas para questões de saúde. Leonardo cita o conceito de mulheres como “embaixadoras da saúde dos homens”, ilustrando como muitos homens esperam que suas esposas, mães ou companheiras gerenciem seus cuidados médicos, perpetuando uma dependência e sobrecarga emocional nas relações. Relatos pessoais de Lucas Fontaine, que menciona como a negligência de seu pai em relação à própria saúde serviu de alerta para ele, exemplificam como o vínculo familiar pode ser um ponto de reflexão e transformação.

A **resiliência** é refletida na superação de barreiras culturais e sociais que desencorajam os homens a buscar ajuda médica e preventiva. Os participantes abordam como essa resiliência muitas vezes não é visível até que os homens se vejam diante de crises graves de saúde. Leonardo, ao narrar sua jornada como homem trans dentro de um sistema que não reconhece sua masculinidade, personifica essa resiliência ao lutar por direitos e por um atendimento adequado, ressignificando sua experiência como um homem que transcende as normas cisgênero.

A **ressignificação** é um dos aspectos centrais deste episódio. Os participantes, especialmente Lucas Fontaine, discutem como homens precisam expandir suas noções de saúde além da prevenção de doenças graves, como o câncer de próstata. A discussão abrange a necessidade de ressignificar a masculinidade, incorporando cuidados preventivos e a aceitação da vulnerabilidade física e emocional como parte da experiência masculina. Leonardo também exemplifica essa ressignificação ao discutir como os homens trans constroem masculinidades sem a centralidade do falo, o que desafia as normas tradicionais e cria novos paradigmas sobre o que significa ser homem.

No PodCast Saúde Mental do Homem, segundo episódio a trabalhar a saúde como cuidado, Pedro de Figueiredo, Abel Oliveira, Lucas Freitas e Lucas Veiga abordam a saúde mental dos homens, uma questão muitas vezes negligenciada e envolta em estigmas. O episódio abre com a provocação de Abel: "Por que nós homens temos tão pouco repertório para lidar com questões de saúde mental?" A partir dessa pergunta, os participantes exploram temas como a violência racial, o impacto do racismo na saúde mental, e o desafio de homens negros lidarem com esse fardo em suas vidas cotidianas.

Lucas Veiga, psicólogo, enfatiza que o racismo é um fator constante de adoecimento mental para homens negros. Ele descreve como a violência racial, mesmo quando não é experienciada diretamente, está sempre presente nas mentes dos homens negros, criando um ambiente de ansiedade contínua. Ele fala da saúde mental como um problema político, argumentando que as lutas individuais por saúde mental estão intrinsicamente conectadas a dinâmicas de poder e opressão.

A **ressignificação** aparece quando Lucas Freitas narra sua trajetória pessoal, relatando como teve que revisitar suas relações familiares e padrões de criação para entender suas próprias crises de depressão e ansiedade. Ele destaca a importância de ressignificar o papel do autocuidado na vida dos homens e como isso envolve não apenas reconhecer as próprias vulnerabilidades, mas também criar novas maneiras de buscar apoio. Ele reflete sobre o fato de muitos homens evitarem se abrir com amigos por medo de serem vistos como fracos, preferindo "marcar uma cerveja" em vez de ter uma conversa mais profunda e honesta.

O conceito de **vínculo** é explorado em diversas camadas, especialmente na dinâmica das relações sociais entre homens. Os participantes discutem como os homens frequentemente evitam discutir suas dores emocionais com outros homens, preferindo respostas simplistas como "relaxa" ou "vamos tomar uma cerveja". Abel relata sua experiência de buscar apoio em amigos e como muitos deles fugiam das conversas sobre saúde mental. Isso reflete uma dificuldade de criar vínculos autênticos e emocionais entre homens, que muitas vezes se limitam a interações superficiais. A criação de espaços reflexivos, como os grupos do MEMOH, é vista como uma estratégia para **reconstruir esses vínculos** e permitir que os homens se abram emocionalmente em um ambiente seguro.

A **resiliência** é evidenciada nas narrativas de Lucas Freitas e Abel, que falam sobre suas lutas pessoais com depressão, ansiedade e a dificuldade de buscar ajuda. Lucas Freitas, em particular, destaca como ele experimentou diversas formas de cuidado, desde terapia e meditação até práticas espirituais, em busca de equilíbrio. Essa jornada reflete a resiliência necessária para persistir na busca por saúde mental, mesmo diante de um sistema que muitas vezes não oferece suporte adequado para homens. A resiliência aqui é a capacidade de continuar explorando novos caminhos e enfrentando os desafios emocionais, apesar das resistências culturais e institucionais.

Esses dois episódios oferecem uma visão ampla sobre os desafios enfrentados pelos homens, tanto na saúde física quanto mental, e destacam a importância de ressignificar o papel do cuidado, tanto individual quanto coletivo. A construção de vínculos mais profundos e a capacidade de resiliência diante de adversidades são cruciais para essa transformação, assim como a aceitação de novas formas de masculinidade que permitam vulnerabilidade e cuidado.

Exibidos em: Outubro e novembro de 2023

Duração: 1h2min / 1h4min

Convidados: Lucas Fontaine e Leonardo Peçanha (Saúde do Homem) e

Lucas Freitas e Lucas Veiga (Saúde Mental do Homem)

Produção Técnica: Abel Oliveira e Pedro de Figueiredo

Edição de Som: Reginaldo Cursino

Apêndice 7

TRANSCRIÇÃO DO EPISÓDIO DE ENCERRAMENTO⁷⁶

MEMOHFONE #004 - Recapitulação da Temporada

O episódio de encerramento do podcast "Homens e Cuidado", conduzido por Abel Oliveira, Lincoln Frutuoso e Pedro de Figueiredo, celebrou o fechamento da temporada de 2023 do MEMOH. O foco principal foi o cuidado masculino, com uma retrospectiva dos principais temas discutidos e a participação de membros da comunidade MEMOH, como Phelipe Lima e Alex Coelho e Thaís Tozetti, que trouxeram contribuições pessoais sobre o impacto do podcast em suas vidas.

Contribuições dos Participantes:

Abel Oliveira:

- Introduz o episódio e reflete sobre a importância do tema "cuidado" abordado ao longo do ano.
- Ressalta o papel do podcast como um canal de troca com a comunidade, valorizando as reflexões que surgiram durante a temporada.

Pedro de Figueiredo:

- Destaca o alívio de concluir a temporada e a relevância dos episódios que trataram da saúde do homem, mencionando que cuidar de si também impacta as pessoas ao redor, como mulheres e crianças.
- Relata que o episódio com o convidado Marcos Nascimento foi particularmente importante para trazer a saúde integral do homem à pauta.

Lincoln Frutuoso:

- Agradece a participação dos ouvintes e enfatiza a importância do cuidado coletivo e do impacto que o autocuidado masculino tem na vida de outras pessoas, especialmente mulheres.
- Reflete sobre como a participação no podcast reforçou sua consciência sobre a saúde e o autocuidado como atos políticos e coletivos.

⁷⁶ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/13hZQoeQSbmHecRvfnglm9?si=4fc8fbefdff54ddb>

Phelipe Lima (Ouvinte):

- Traz a reflexão sobre a saúde do homem, destacando que o cuidado vai além da remediação após a doença. Ele vê o cuidado como um processo contínuo que afeta não apenas o homem, mas também as pessoas ao seu redor, especialmente seu filho de 5 anos.
- Participar do grupo reflexivo ajudou Phelipe a desenvolver uma visão mais ampla sobre o papel do cuidado na vida masculina.

Alex Coelho (Ouvinte):

- Reflete sobre as múltiplas formas de cuidado, citando um exemplo mencionado por Lincoln no episódio "Se passou, passou", onde a ação de "virar uma laje" simboliza uma forma de cuidado coletivo e comunitário.
- Relata como a comunidade e os espaços coletivos, como o samba, servem como práticas de autocuidado e conexão para ele.

Thais Tosatti (Ouvinte):

- Agradece pela oportunidade e expressa sua admiração pelo trabalho do MEMOH, destacando o impacto positivo que os episódios tiveram em sua vida.
- Compartilha que aprendeu muito sobre suas questões como mulher ouvindo os episódios, o que também a ajudou no atendimento aos seus clientes, que são em sua maioria homens.
- Relata que, após estudar psicologia masculina e se aprofundar nas discussões sobre masculinidades no Brasil, conseguiu desenvolver uma melhor abordagem para conversar com homens.
- Ao estudar psicologia feminina em 2017, percebeu que seus aprendizados anteriores contribuíam para atitudes machistas e que precisava aprender uma nova linguagem.
- Thais já realizou palestras sobre masculinidades e sempre incluiu o conteúdo do MEMOH em suas recomendações.
- Finaliza parabenizando o grupo pelo trabalho e expressando o desejo de que continuem produzindo episódios transformadores para outras pessoas e para eles próprios.

A temporada de 2023 do podcast "Homens e Cuidado" focou na necessidade de ressignificar a relação dos homens com o autocuidado e o cuidado com os outros, destacando como isso impacta os vínculos e a resiliência emocional dos homens. Os episódios abordaram como o cuidado é um ato coletivo, refletindo não apenas na saúde individual, mas também nas relações com mulheres, crianças e a sociedade em geral.

Vínculos: O cuidado foi tratado como uma ponte para fortalecer os vínculos com as pessoas ao redor. Felipe Lima mencionou o impacto direto que cuidar de si mesmo teve no relacionamento com seu filho, sublinhando que a maneira como os homens se cuidam reverbera nas próximas gerações. Esse tipo de reflexão também foi reforçado por Lincoln e Pedro, que apontaram que o cuidado masculino pode reduzir a sobrecarga emocional de outras pessoas, como mulheres e idosos.

Resiliência: Os participantes exploraram como o autocuidado contribui para a resiliência emocional, permitindo que os homens lidem melhor com os desafios da vida. Felipe, por exemplo, menciona como o grupo reflexivo foi essencial para ele, ajudando-o a construir resiliência ao lidar com o cuidado próprio e familiar. Lincoln também reforça essa ideia ao associar a prática do cuidado à liberdade emocional, destacando como a inclusão em espaços de cuidado como o samba gera força e resistência emocional.

Ressignificação: A temporada ressignificou a ideia de cuidado para os homens, afastando-se de uma visão limitada que associa o cuidado apenas à cura de doenças. O cuidado passou a ser visto como um processo preventivo e integrativo, essencial para o bem-estar. Alex Coelho menciona como o cuidado comunitário, como o ato de virar uma laje, envolve não apenas ajudar o outro, mas também cuidar de si, criando novas maneiras de enxergar o autocuidado.

Alguns trechos das falas no podcast, é possível analisar a relação entre cuidado e autoconhecimento, assim como a importância de participar de grupos de apoio como elementos presentes nas narrativas masculinas para o processo de ressignificação.

Pedro reflete sobre a terapia e sua crítica à forma como ela é comumente vista como a solução de todos os problemas. Ele também comenta sobre como essa busca por autoconhecimento muitas vezes reforça um eixo individual, e que, ao contrário, ele considera mais interessante o uso da terapia como uma ferramenta para "desconhecer" a si mesmo, como sugerido por Lucas Veiga. Essa visão contrasta com

a tendência de ver o autoconhecimento como um caminho para se tornar pleno, o que ele considera uma leitura limitada.

Pedro também enfatiza a importância da organização coletiva como espaço de cuidado, especialmente dentro de grupos como o MEMOH, onde encontros periódicos se tornam momentos significativos de apoio mútuo e cuidado coletivo. Para ele, esses espaços são formas de cuidado político e organização, que trazem uma energia fundamental e funcionam como referência para outros tipos de organização coletiva.

Lincoln complementa com uma visão sobre o cuidado relacionado à comida, destacando como cozinhar para as pessoas que ama é uma forma de expressar cuidado e amor. Ele descreve esse processo como um ritual de conexão e expressão de afeto, evidenciando que o ato de cozinhar não é apenas uma necessidade física, mas também uma maneira de cuidar emocionalmente das pessoas à sua volta.

Por fim, Abel compartilha que tem percebido o cuidado em si mesmo muito focado no individual, mas que, ouvindo as falas dos outros, reconhece a necessidade de transformar essa visão e valorizar mais os espaços de cuidado coletivo. Ele também traz a importância das reuniões virtuais com amigos, apesar de sentir falta de um contato presencial em Salvador, onde mora.

Esses relatos refletem o tema do estudo sobre "homens e cuidado", demonstrando a diversidade de narrativas em torno do autocuidado e das formas de conexão coletiva.

Exibido em: Dezembro de 2023

Duração: 1h15min

Participação especial: Phelipe Lima, Alex Coelho e Taís Tozatti

Produção Técnica: Abel Oliveira e Pedro de Figueiredo

Edição de Som: Reginaldo Cursino